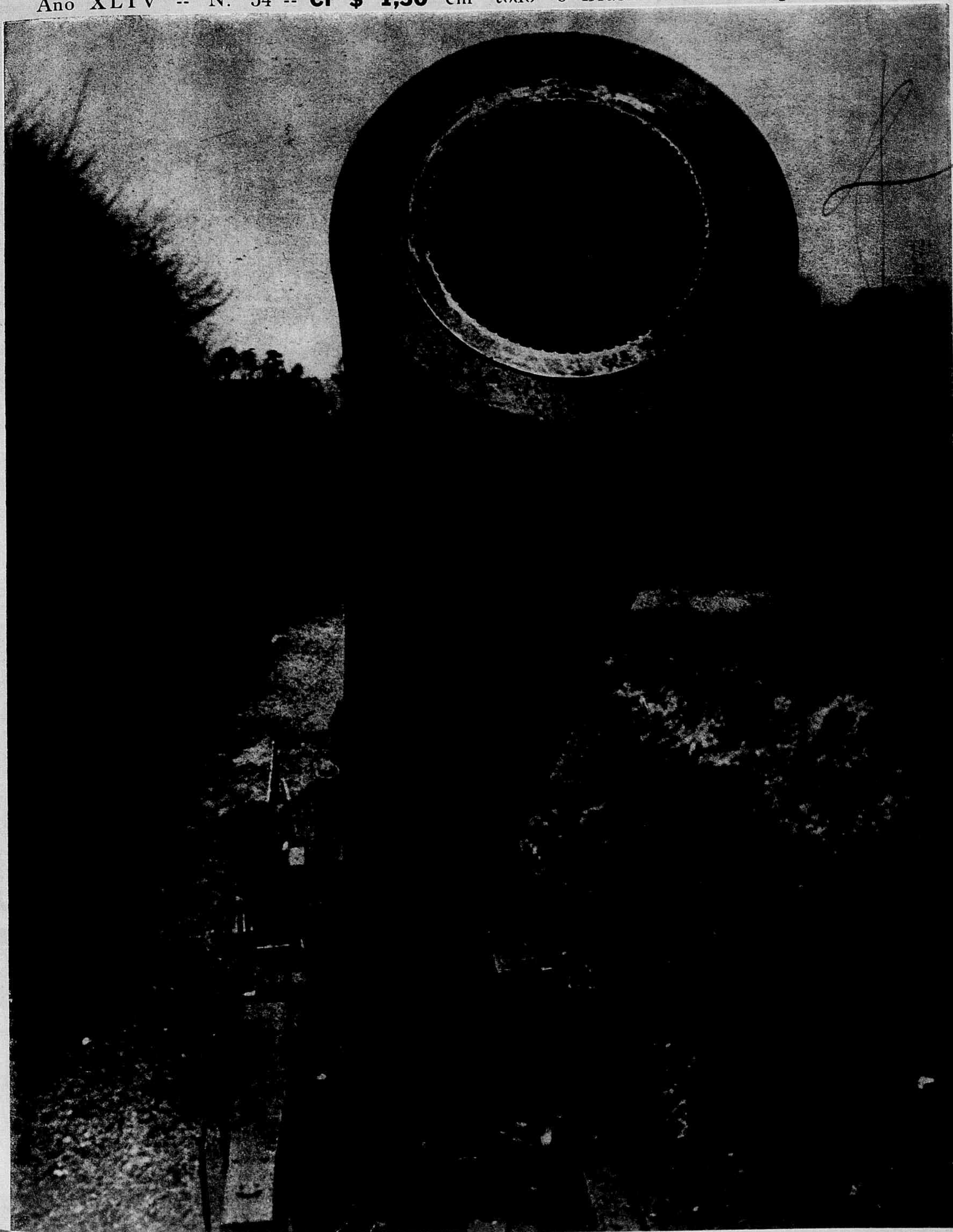
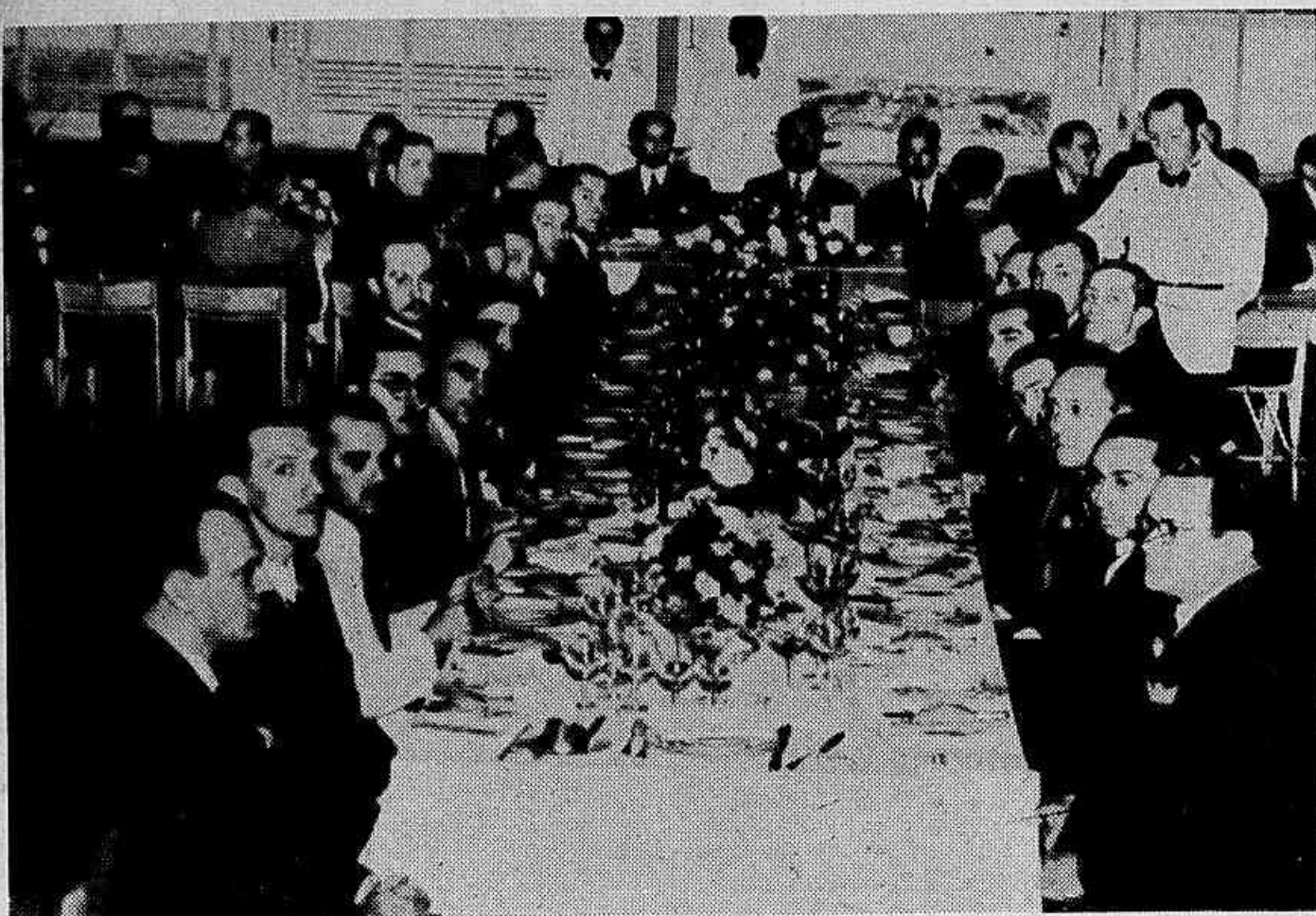


Revista da Semana

Ano XLIV -- N.º 34 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 21 de Agosto de 1943

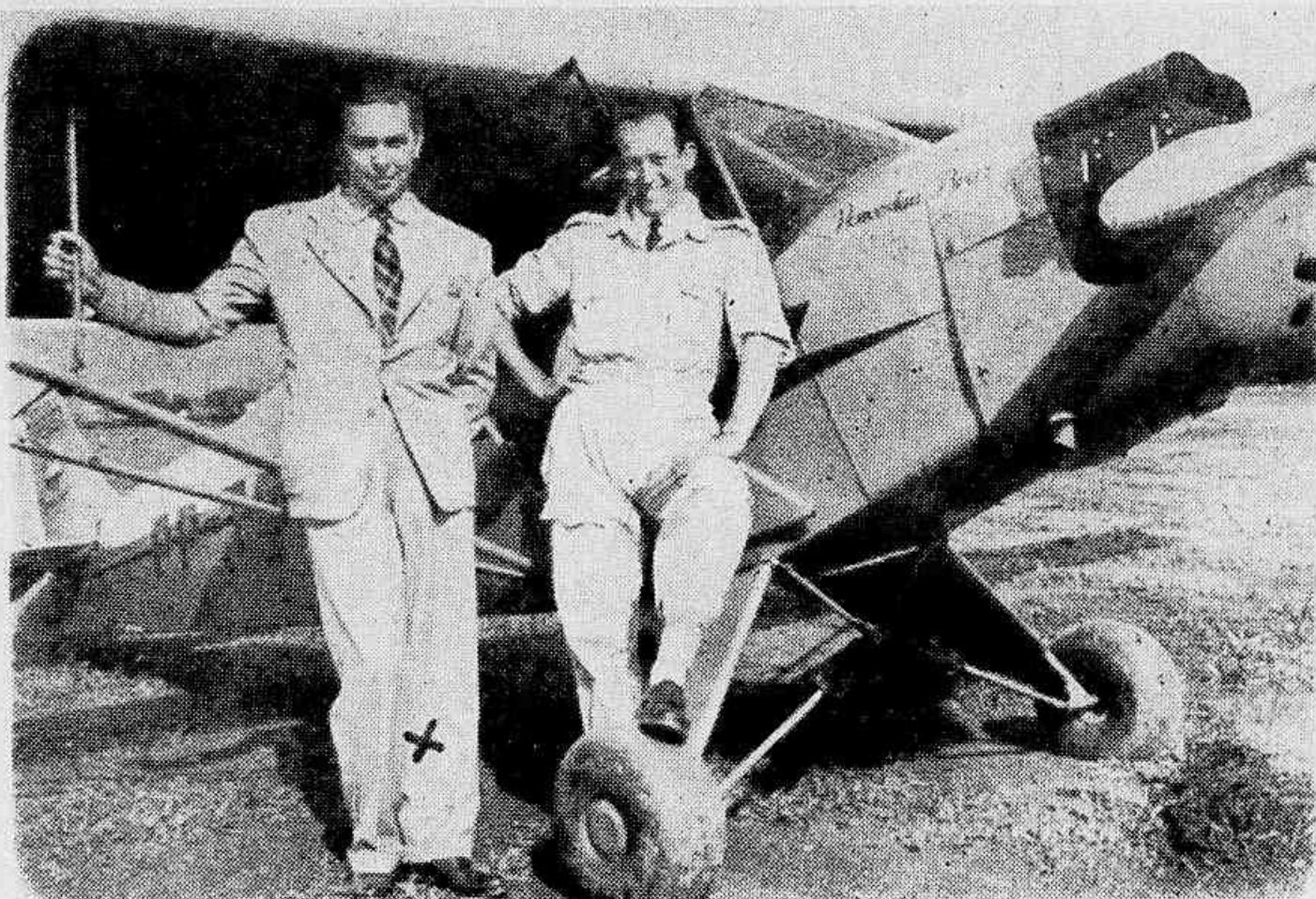


O 23.º aniversário da Companhia Internacional de Seguros

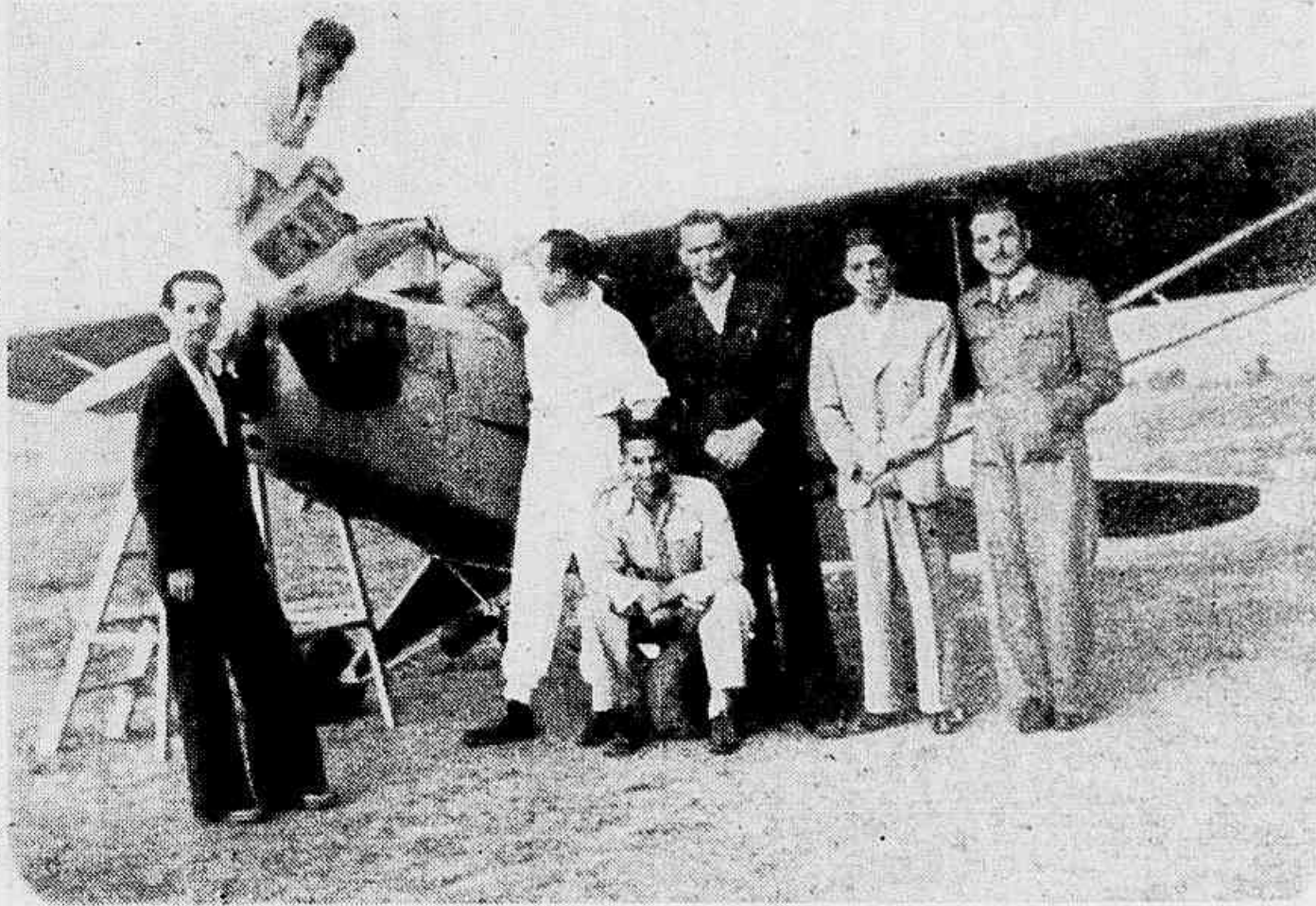


Com um grande almoço de confraternização, realizado no restaurante do Instituto de Resseguros do Brasil, foi brilhantemente comemorada no último sábado a passagem do 23.º aniversário da Companhia Internacional de Seguros, a modelar organização que, ha quasi um quarto de seculo, vem dando a sua eficiente contribuição ás atividades economico-financeiras do País. Refletindo o prestigio e o conceito de que gosa a instituição, foi elevado o número de pessoas presentes ao ágape, tendo o logar de honra sido ocupado pelo sr. João Carlos Vital, presidente do IRB. Falaram diversos oradores, entre os quais os snrs. Raul de Góes, diretor-presidente da empresa, sr. José Augusto B. de Medeiros, membro do conselho fiscal, usando por fim da palavra o sr. João Carlos Vital, que proferiu brilhante improviso. São da solenidade os aspectos acima, vendo-se no da direita quando falava o presidente do Instituto de Resseguros.

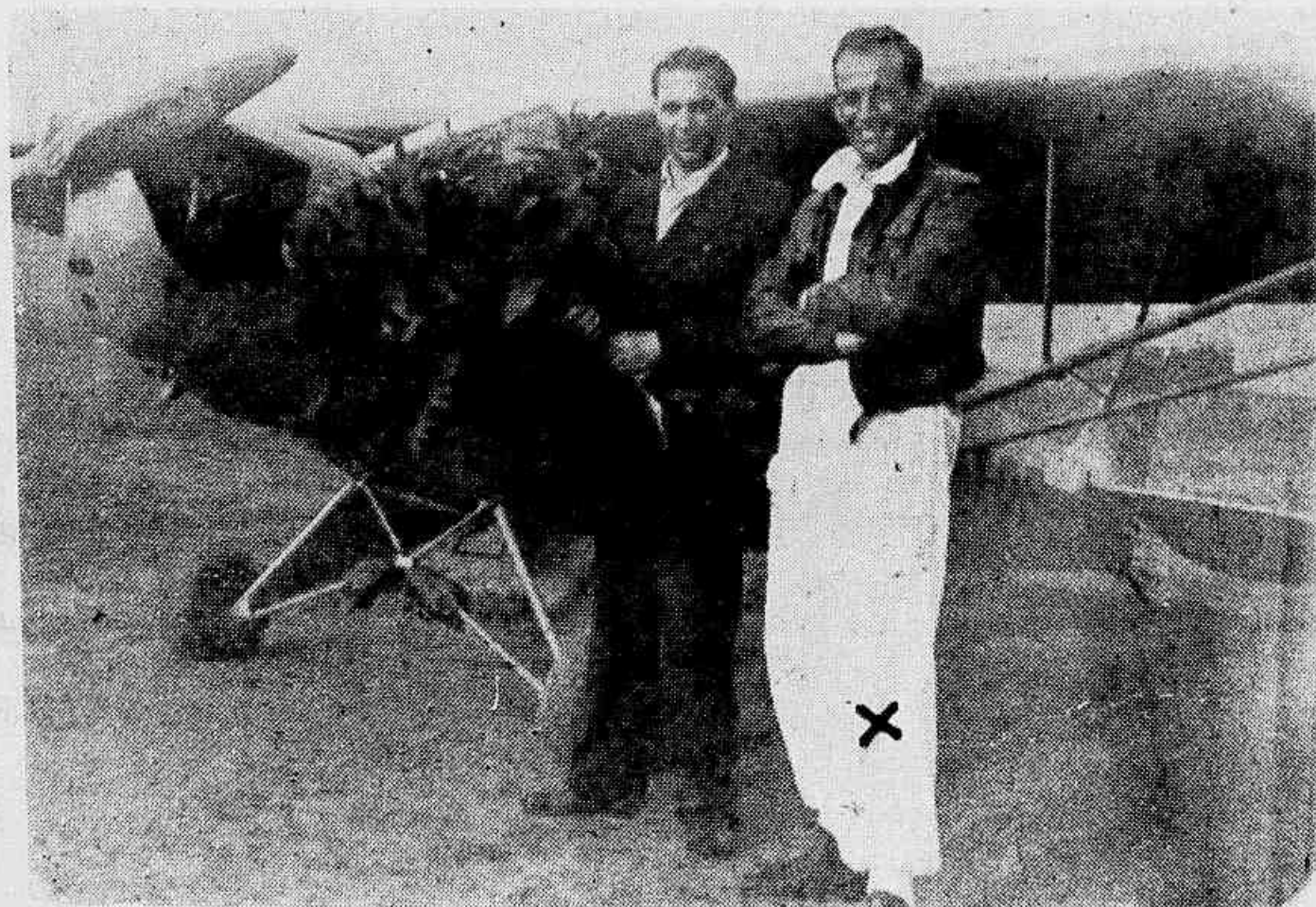
Aero Clube de Itajubá, Estado de Minas Gerais, Brasil



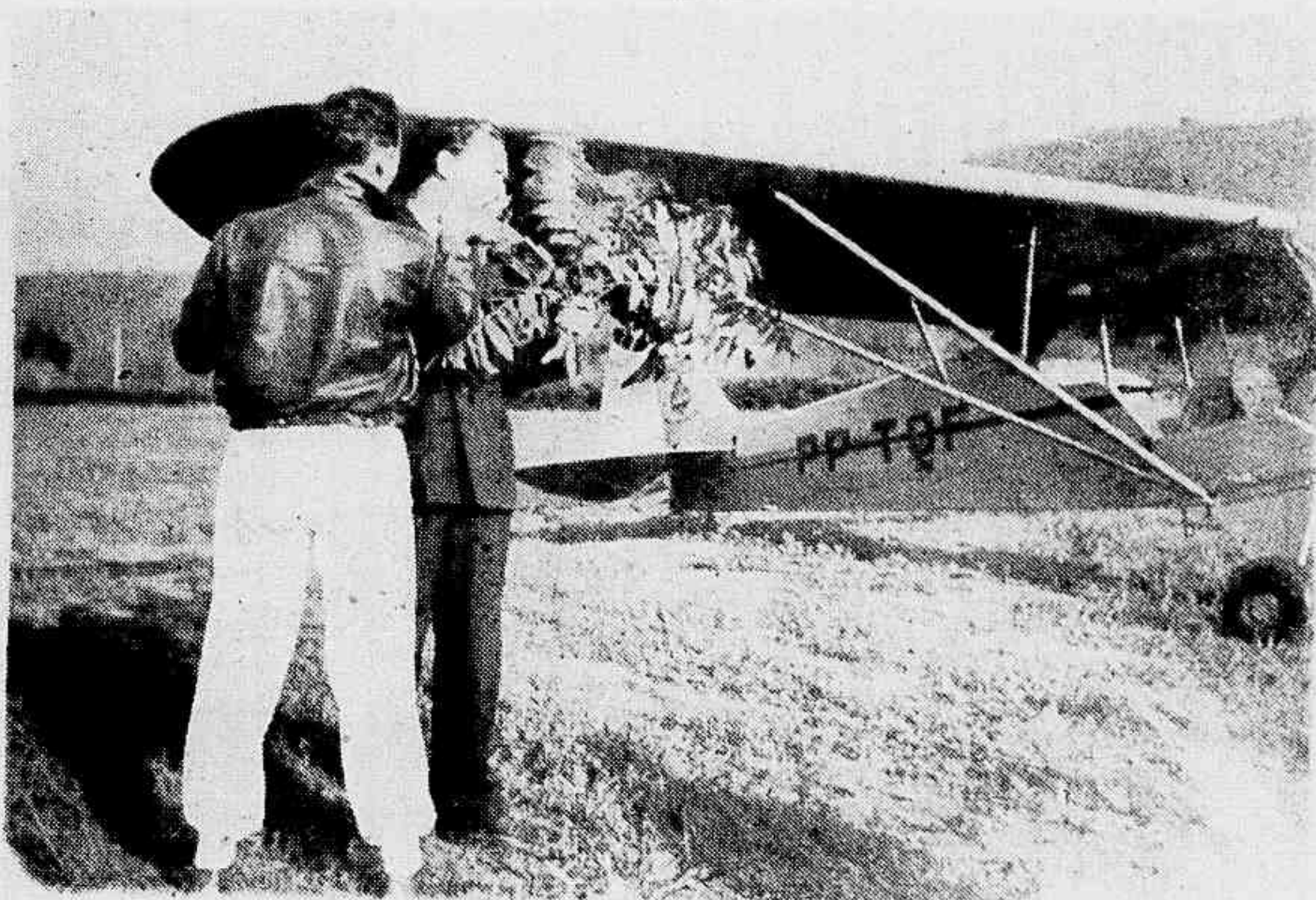
Coronel Fortunato Pereira, presidente do Aero-Clube de Itajubá.



Abastecendo o "Wenceslau Braz".



O instrutor do Aero-Clube de Itajubá.



O "batismo", a oitavo...

Almanaque Eu Sei Tudo para 1943

Ciente de que a edição do "Almanaque" para 43 está exgotada nos estados, a redação informa que ainda dispõe de alguns exemplares

que poderão ser enviados aos leitores mediante vale postal ou reembolso do Correio.

PREÇO: CR\$ 8,00.

Pedidos á Cia. Editora Americana - Maranguape, 15 - Rio

A MORTE — esse monstro cujo ventre está cheio de trevas — parece cansar-se de engolir vidas humanas... A fera bocreja, no silêncio das cidades destruídas, por entre o crepitar dos incêndios, na vastidão interminável dos mares. Os exércitos aqueridos que talaram a Checoslováquia, a Polónia, a Bélgica, a Holanda, a Noruega, a França, a Grécia e a Sérvia branqueiam os caminhos da Europa, com a ossada alvejada, ou se tornaram em cinza, depois das fragorosas batalhas da frente oriental. A Rússia — essa boa constrictor de olhos penetrantes e melânicos — aperta, no amplo monstruoso das estepes, o emagrecido corpo da orgulhosa Wehrmacht. As cidades germânicas — Berlim, Colonia, Rostock, Lübeck, Hamburgo — são as pedras dos mapas, sob o chicote de fogo da bravíssima RAF e das destemidas forças aéreas norte-americanas. O mundo assiste aos primeiros sinais da desagregação de uma Ordem Nova, fundada em processos velhos de tirania, infâmia e deshumanidade. Os métodos facinorosos de Atila e Gengis Kan mais uma vez se confessam impotentes para vencer uma força luminosa, nascida do coração de Deus: o instinto da Liberdade. Povos, ontem inertes e desprevenidos, são, hoje, potências militares que fazem tremer o solo dos continentes e varrem, a golpes de bombas anti-submarinas, os Pinhais de Azambuja do Oceano. 1943 é o ano encruzilhada dos destinos da Humanidade. E as palavras fatídicas que viu o rei Baltasar — Mare, Te cel, Fares — de novo se avivam, nas paredes do festim totalitário, escritas pela mão onipotente do Senhor...

Mussolini, César de opereta, é o primeiro a fugir espavorido, ante o fragor do desabamento catastrófico da sua obra criminoso. O príncipe bufão escapa à responsabilidade da História, pela porta falsa da renúncia política. A mais potente voz de barítono do concerto europeu abafa-se no balbúcio das meas culpas e na meia sombra dos misereres. A Itália, pátria de artistas, não perde, com esse emulo tardio de Nero, um grande ator: vê-se, apenas, desfalcada de um pantomineiro medíocre. O calabreês de-eria ter ido morrer, à Tunísia, ou à Sicília, chefiando um grupo desses pobres soldados peninsulares a quem exigia a conservação de um império bufo, de um poder artificial e despido de bases históricas. A segunda etapa da ópera cómica será a fuga de Hitler — acossado pela maldição das viúvas, filhos ou irmãos de dez milhões de alemães sacrificados à sua megalomania estúpida. O sucessor vago de Bonaparte cuidou de construir as suas Austerlitz sem arriscar um único fio do bigode caricato. Gênio de microfone, nunca se lhe viu a bravura nos pontos perigosos das linhas varridas a metralha. Não estava em Estalingrado como o general Paulus; nem na Tunísia, como Rommel; nem estará em Berlim à hora infalível do ajuste de contas. É próprio desses generais da retaguarda o tropeçarem coriscos muito ao longe, fulminando andamentos contra inimigos longínquos. Esses líricos das batalhas engrossam a voz e tufam o peito, enquanto não se apagam as luzes da Cidade, nos black-outs denunciadores dos dilúvios de bombas. O último ato da tragi-comédia do totalitarismo não se passará nos campos de batalha, ao ar livre dos duelos de granadas, sob a cúpula de fogo das barragens de artilharia: será vivivo ingloriamente, num palco escuro de quartel, junto a qualquer muro velho, desses em que as lagartixas escrevem, há milênios, a crônica imbecil da espécie humana...

Balanceados os quatro anos de conflito, promovido por conta da posse de uma cidade báltica — Dantzig — o mais tolo pretexto da História — que ficará deste temporal desfeito, desta música wagneriana de batalhas? Vinde ou trinta milhões de mortos, outros tantos milhões de mutilados, enfermos, pobres, e toda uma ruína sem nome, a atestar a inutilidade das bibliotecas, a inocuidade das escolas, o vazio dos sistemas coercitivos dos instintos bestiais da humanidade. Como depois do incêndio de Alexandria, a humanidade buscará em vão os códices onde se fixaram as ações benfazejas dos santos ou os conselhos evangélicos dos pensadores... Toda a Europa será uma gigantesca Herculano ou Pompéia, arruinada por um Vesúvio diabólico chamado totalitarismo. Esse vulcão fantasmagórico não passou, afinal, de um furunculo maligno, que se enverrou maliciosamente na carne desvacinada do organismo político do Mundo. Para espremer a pustula, foram precisos os braços potentes da Grã-Bretanha, os músculos de aço da Rússia e a técnica operatória de Tio Sam. Quem restituirá a vida a esses milhões de homens, lançados à voragem pelo orgulho rancoroso de um paranoico, assessorado, pela vaidade ridícula de um Maquiavel obeso? Quem fará levantar do pó as crianças mutiladas, os velhos mortos de frio e fome, as mulheres desgarradas a quem se tirou tudo — desde o valor dos filhos à luz da esperança? E os milhares de navios afundados com toda a sua preciosa carga? E os milhões de lares destruídos? E as cidades ricas, hoje transformadas em ruínas anônimas sobre as quais repontam as visceras de ferro dos palácios e as colunas partidas dos monumentos? Quem enxugará a lágrima sagrada dos órfãos? E quem abrandará o pranto sem fim das mães? E as famílias desfeitas pelo vendaval, as tragédias inumeráveis a que a fome e o frio vergam as almas mais fiéis aos seus afetos, e os corações mais amantes da sua fidelidade?... E os barcos velozes sepultados com os seus passageiros, que não tinham tempo de saber a nacionalidade de seus assassinos e a razão de ser da sua desgraça? E os campos em flor, devastados pela procição mortífera dos tanks, com a carne rasgada pelos sulcos das carreiras de artilharia, e as entranhas subvertidas pela deflagração espetacular das bombas?... E os rosais, que se fizeram espinheiros; e os átrios dos palácios, ocupados pelos cavalos das tropas invasoras; e os altares despídos de seus santos e os santos — expoliados de suas sagradas prerrogativas?...

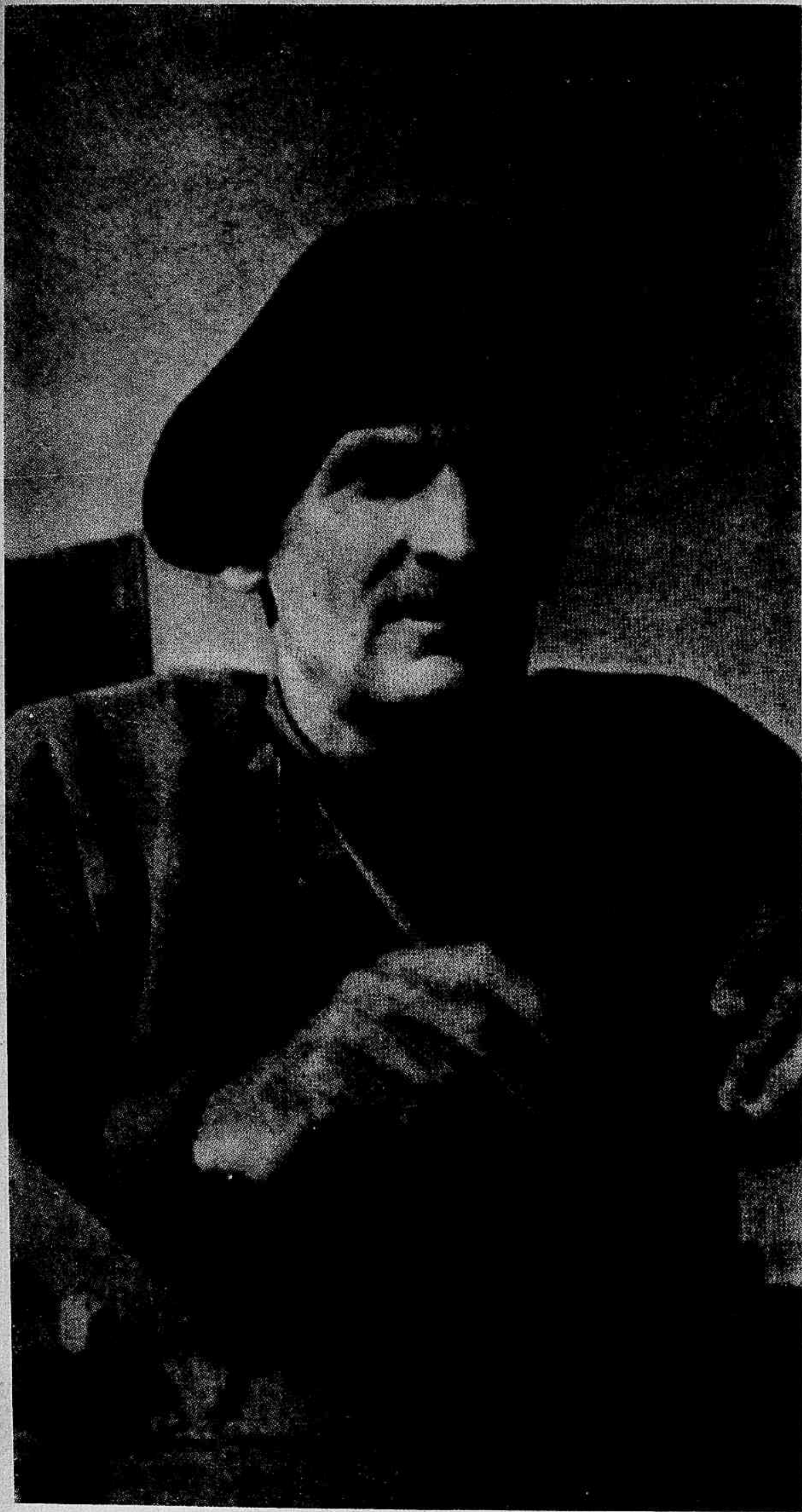
Que sairá deste pantanal de ódios e desta sementeira de cadáveres? Adiantou-se, de algum minuto, o relógio da Civilização? Travou-se o carro da Morte? Deu-se mais pão aos famintos, mais justiça aos expoliados? O Mundo que se vai reedificar sobre a ruína de três continentes — será mais harmonioso e equilibrado do que o que pereceu sob as bombas dos aviões quadrimotores? Quem restaurará os castelos medievais, os templos multi-seculares, as estátuas cujos autores são mais eternos do que o mármore ou bronze em que se tallaram?... E as criancinhas mortas? E a fé perdida? E as traições perpetradas?...

O NOVO DIA

FOR Berilo Neves



O GENERAL MONTGOMERY LANÇA UMA NOVA MODA



Quando se escrever daqui a muitos anos uma história da moda, a guerra atual será conhecida como aquela que lançou muitas modas de chapéu. Os desenhistas de modas poderiam, si quisessem, tomar idéias aos uniformes dos paraquedistas, das forças motorizadas ou dos novos equipamentos militares, mas voltam-se de preferencia para os chapéus. Esta guerra já produziu o "Johnny Jeep", o "Pierre", desenhado pelo beret francês e, sobre tudo, a "Boina de Monty", inspirada pelo General Montgomery, Comandante do Oitavo Exército Britânico.

O General é um homem que tem muitos chapéus. Quando o momento o exige, ele é visto usando o capacete regulamentar dos oficiais. Ele prefere o chapéu de abas largas dos

australianos, mas o que mais aprecia é a boina das forças motorizadas britânicas. Conta-se que durante a Primeira Grande Guerra os soldados franceses deram suas boinas aos soldados dos tanks ingleses em gratidão por terem desviado o curso da guerra a favor dos aliados. A atual boina das forças motorizadas é uma modificação da boina do "poilu".

Na fotografia que publicamos, tomada á LIFE, vemos o General Montgomery de acordo com o protocolo militar — a prumo sobre as sobrancelhas, lombada sobre a orelha direita, com a insígnia na direção do olho esquerdo. Miss Christian, na outra fotografia coloca-a á sua vontade, mostrando ao mesmo tempo as mais elegantes maneiras de usá-las.



De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gôsto na bôca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar êstes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00

O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

Nossa capa

O canhão de boca ferozmente impassível, como cratera morta cheia de segredos esconsos e negros, dorme um sono cheio de horribéis presagos.

Sob a vigilância dos homens da guarnição, dentro em pouco, ao fragor da batalha, ele ajuntará a sua voz enorme. Sua boca se povoará de chamas, que ficarão como sinistra aureola da granada que fará ruir em escombros fumegantes, como hediondo cataclisma criado pela mão do homem, quarteiros inteiros, em meio á luz

forte e grilante de uma madrugada de sangue.

Cedida pelo B. N. S., a fotografia que ilustra nossa capa, mostra o juiz supremo dos campos de combate. De aço luzidio, voltado para o inimigo, esfinge indecifrável, ele é bem o simbolo de destruição e morte.

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

É Soltar de Casa Mispesito para todo
Seu fígado deve produzir diariamente
1 litro de bilis. Se a bilis não corre li-
vramente, os alimentos não são digeridos
e apodrecem. Os gases incham o estôma-
go. Sobrevém a prisão de ventre. Você
sente-se abatido e como que envenenado.
Tudo é amargo e a vida é uma martíria.
Uma simples evacuação não tocará a
causa. Neste caso, as Píulas Carter são
extraordinariamente eficazes. Fazem cor-
rer esse litro de bilis e você sente-se dis-
posto para tudo. São suaves e, contudo,
especialmente indicadas para fazer a bilis
correr livremente. Peça as Píulas Carter.
Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luís Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Peço enviar-me prospectos:
NOME: _____
ENDEREÇO: _____

OS comprimidos
DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM
DE QUALQUER
DOR

TARQUINO

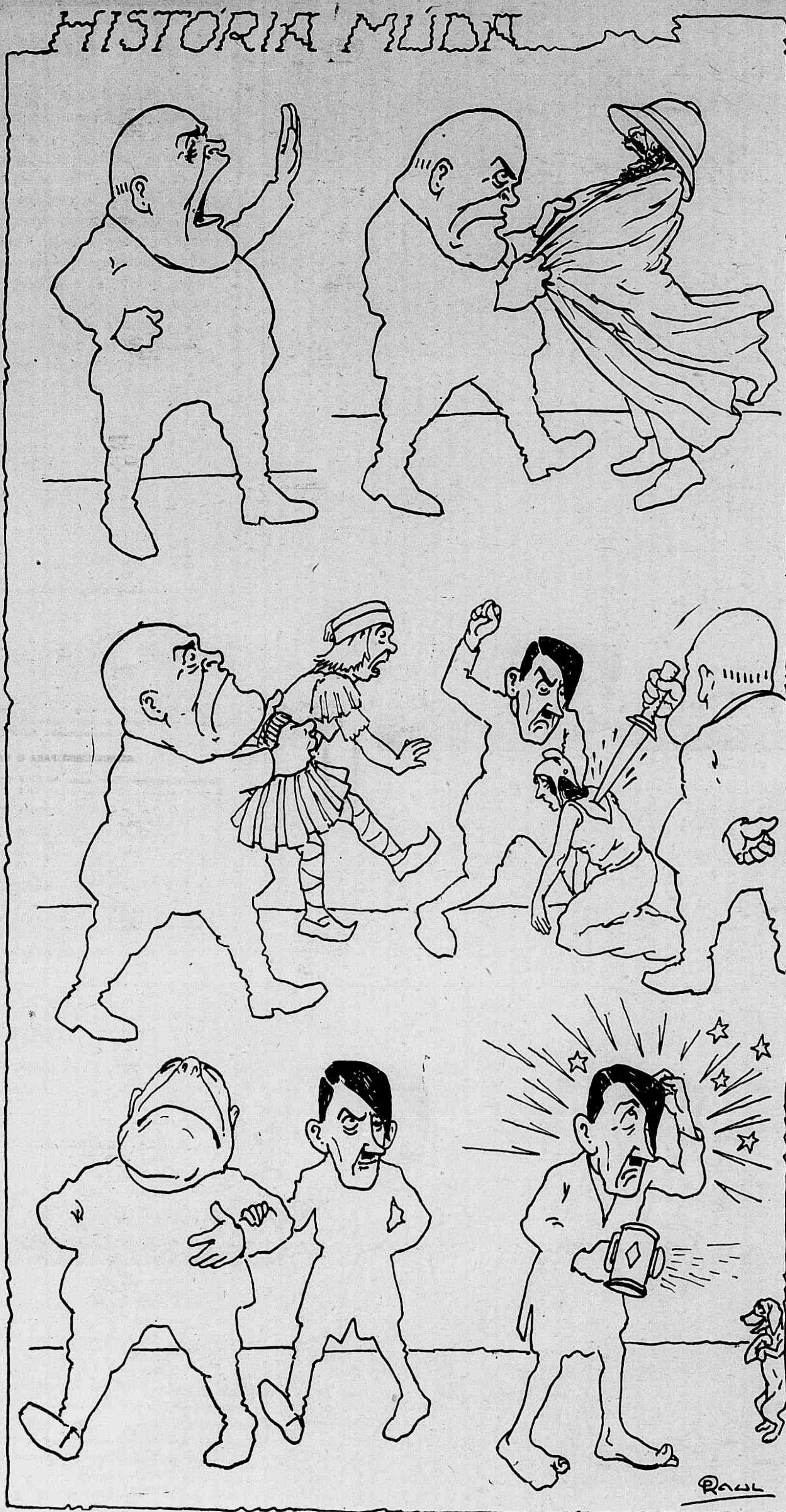
PRISÃO de VENTRE?
Píulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.



Senhoras!
CÁPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
APR. PELA CEN. SANIT. N. 86-J. 6



Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe
PROCURAR A LIVRARIA REGINA



O ACIDENTE

(Traduzida especialmente para a
REVISTA DA SEMANA)

— Eu lhe digo que é a mesma mulher: sem a menor dúvida!

O capitão Haydock olhou para a cara séria e veemente de seu amigo e suspirou com displicência. Teria preferido que Evans não se manifestasse nem tão rotundamente afirmativo nem tão satisfeito de sua afirmação. Sua longa carreira decorrida no mar havia ensinado ao velho marujo a não se preocupar com negócios alheios. Seu amigo Evans, ex-inspetor do Departamento de Investigações, professava diferente filosofia da vida. "De acordo com informações recebidas..." foi naqueles tempos seu guia constante, tendo melhorado no sentido de obter por si mesmo a informação, quando não a recebia. O inspetor Evans fora sempre um funcionário zeloso e habil: obtivera suas promoções por méritos legítimos. Agora, afastado do serviço e instalado na casinha de campo de seus sonhos, seu instinto profissional estava no entanto alerta e ativo.

— Eu nunca me esqueci duma cara que visse uma vez — insistiu. — A Anthony... Não tenho a menor dúvida de que seja Anthony. Eu a reconheci no mesmo instante em que você m'a apresentou como sendo a senhora Merrowdene.

O capitão Haydock mexeu-se, contrafeito, na cadeira. Os Merrowdenes eram seus vizinhos mais próximos e essa identificação da senhora Merrowdene como a protagonista de um processo sensacional causava-lhe certo mal-estar.

— Porém já faz tanto tempo disso... — falou em tom fatigado.

— Nove anos — disse Evans, exato como sempre. — Nove anos e três meses. Você se lembra do caso?

— Vagamente...

— Acontece que Anthony se havia acostumado a tomar arsênico — explicou Evans. — E portanto a absolveram.

— Deviam absolvê-la.

— Sim: não havia razão alguma para que não o fizessem. Era o único veredito possível, em vista da prova obtida. Absolutamente certo.

— Encerrado o assunto, por conseguinte — disse Haydock. — Não sei por que vamos agora preocupar-nos tanto...

— Quem é que está preocupado?

— Pareceu-me que você...

— De maneira alguma!

— Bem; assunto encerrado, — resumiu o capitão. — Se a senhora Merrowdene teve alguma vez na vida a desgraça de ser submetida a um processo por homicídio e de ser absolvida...

— Em geral não se considera uma desgraça ser absolvido... — observou Evans.

— Você bem sabe o que eu quero dizer — disse o capitão Haydock impaciente. — Se a pobre senhora sofreu esse doloroso transe, não nos cabe remover o passado, não é mesmo?

Evans não respondeu.

— Sejamos razoáveis, Evans. A senhora era inocente: você acaba de dizer.

— Não disse que ela fosse inocente, mas simplesmente que foi absolvida.

— Vem a dar no mesmo.

— Nem sempre.

O capitão Haydock, que havia começado a encher o cachimbo, interrompeu de repente essa operação metódica, levantou-se da cadeira e perguntou com expressão de vivo interesse:

— Olá!... Então é assim? De modo que você acredita que ela não fosse inocente?

— Também não estou afirmando isso. Eu... não sei. Anthony havia adquirido o costume de tomar arsênico. A mulher, com o correr dos tempos, adquiriu também esse hábito. Um dia Anthony tomou por engano uma dose muito elevada. O erro foi seu ou da mulher?

Ninguém soube dizer. E o tribunal, procedendo razoavelmente, concedeu à acusada "o benefício da dúvida". Até aqui tudo vai bem. No entanto... eu queria estar mais convencido...

O capitão Haydock voltou de novo a atenção para o cachimbo.

— Ora! — disse em tom de alívio. — Não temos nada com isso.

— Quem sabe?...

— Por que é que você dúvida?

— Escute. Você se lembra que esta tarde o senhor Merrowdene, entregue a suas experiências de química no laboratório...

— Sim. Mencionou a experiência de Marsh com o arsênico e lhe disse, sorrindo, que você devia conhecê-la por causa de sua profissão. Suponho que não teria dito tal coisa se por um momento houvesse desconfiado...

Evans o interrompeu:

— Você quer dizer que ele não teria falado assim se "soubesse". Eles estão casados apenas há seis anos... não é assim? Bem; aposto que ele não tem nem a mais remota idéia de que a mulher seja a outrora célebre senhora Anthony.

— Com toda a certeza não o saberá de minha boca — apressou-se a declarar o capitão Haydock.

Sem prestar maior atenção a essas palavras, Evans continuou:

— Depois de efetuar a experiência de Marsh, Merrowdene esquentou num tubo de ensaio uma substância cujo resíduo metálico dissolveu em água e em seguida precipitou, juntando-lhe nitrato de prata. Era uma experiência com cloratos. Uma experiência elegante e simples. Sobre a mesa, estava aberto um livro e nele eu li, por acaso, estas palavras: "H₂SO₄ decompõe os cloratos, com evolução de Cl₂O₄. Aquecido, produzem-se explosões violentas; por conseguinte, a mistura deve ser conservada fria e empregada em quantidades mínimas".

— E então? Que quer dizer isso? — perguntou vivamente Haydock.

— Já lhe digo. Também na nossa profissão fazemos experiências: reunimos fatos a fatos, pesamos esses fatos, analisamos o resíduo depois de separar a parte que corresponde à idéias preconcebidas e à geral inexactidão das testemunhas. E' nossa experiência do delito. Um deles, por exemplo, bastante exato, porém um tanto perigoso, mostra que um criminoso raramente se conforma em cometer só um crime... Se lhe dão tempo e certa convicção de que ninguém desconfia dele, cometerá outro. Tem você, por exemplo, um homem de quem suspeita que tenha assassinado a mulher. As circunstâncias não se apresentam

esmagadoras contra ele. Permitem duvidar. Acontece no entanto que alguém lhe examina o passado e descobre que esse homem teve várias esposas e que todas morreram de um modo particular, obscuro... Pois bem: nesse caso pode ter a certeza de que esse homem é culpado. Não falo, é claro, de uma certeza "legal", porém duma certeza "moral". Só falta, portanto, procurar as provas.

— Porém...

— Já chego ao principal. O processo tem bom êxito quando há um passado. Suponha que temos o criminoso com o seu primeiro crime. Em tal caso, a experiência não nos dará "reação". Mas o acusado é absolvido: começa vida nova com outro nome. Repetirá ou não repetirá o crime?

— E' uma idéia horrível.

— Você continua a pensar que não temos nada com o caso?

— Sim. Você não tem motivo algum para crêr que a senhora Merrowdene não seja uma mulher completamente inocente.

O ex-inspetor permaneceu um pedaço calado. Depois disse lentamente:

— Eu lhe disse que examinei o passado dessa mulher e não encontrei coisa alguma. Não é bem verdade. Houve um padastro. Quando a rapariga contava dezolito anos, teve um namoro com um rapaz e o padastro exerceu toda sua autoridade para fazer cessarem essas relações sentimentais e separar os dois. Um dia ela e o padastro saíram a dar um passeio pela parte mais alta e abrupta do barranco. Ocorreu um acidente: o padastro aproximou-se muito da ribanceira, caiu e morreu no fundo do barranco...

— Acho que você não vai pensar...

— Foi um acidente. Um acidente. A dose excessiva de arsênico que Anthony tomou foi também um acidente. A mulher não teria sido levada aos tribunais se não houvesse transcendido que havia outro homem... Outro homem que se apressou a desaparecer, pois provavelmente desconfiou mais do que os juizes... Bem, Haydock: devo dizer-lhe que no que se refere a essa mulher, temo que se produza... outro acidente.



O capitão encolheu os ombros:
— Não sei como você poderá impedi-lo.
— Eu também não — disse Evans com jeito desalentado.

— Por minha parte, não penso em preocupar-me — declarou o capitão Haydock. — Não acontece nada de bom com a nossa intromissão nos negócios alheios.

Porém este conselho não se adaptava ao caráter do ex-inspetor. Era um homem de grande paciência e por sua vez de inflexível determinação. Despediu-se do amigo e largou a andar pelas ruas da aldeia, pensando vagamente num plano de ação.

Aproximava-se da agência dos correios e se resolveu a entrar para comprar selos. Ao transpor a porta esbarrou com o próprio objeto de sua preocupação: George Merrowdene. O ex-professor de química era um homem pequenino, de expressão sonhadora, feições finas e benévolas, e, como em geral acontece, completamente distraído. Reconheceu o outro, cumprimentou-o amistosamente e se deteve para apanhar as cartas que lhe haviam caído no encontro. Evans parou também e se apressou a apanhá-las e a entregá-las ao dono, pedindo desculpas. Ao fazê-lo, leu o timbre duma das cartas. Suas suspeitas se avivaram. Era de uma conhecida companhia de seguros de vida.

Instantaneamente formulou uma resolução. E' provável que o ingênuo George Merrowdene não se desse conta de que, um momento depois, estivesse percorrendo a rua, conversando amigavelmente com o ex-inspetor, nem que a conversa recaísse sobre seguros de vida.

Evans não encontrou maior dificuldade em conseguir seu objetivo. Espontaneamente Merrowdene lhe declarou que havia tomado uma apólice de vida e instituído sua esposa como beneficiária, e lhe pediu a opinião sobre essa companhia de seguros.

— Fiz algumas imprudentes inversões de dinheiro — explicou — e, por causa disso, minha renda diminuiu a tal ponto que se eu chegasse a faltar, minha querida esposa ficaria numa situação bem difícil. Creio que com o seguro de vida se evita essa triste possibilidade.

— E sua esposa não fez objeções a essa idéia? — perguntou Evans, sem ligar importância ao assunto. — O senhor sabe que as mulheres teem certa superstição a esse respeito. Acham de mau agouro fazer seguro de vida.

— Oh! Margarida é uma mulher muito prática — disse Merrowdene sorrindo. — Não tem nenhum sintoma de superstição. Se não me engano, a idéia foi mesmo dela. Não queria ver-me preocupado com seu futuro.

Evans acabava de obter as informações de que necessitava. Não demorou em despedir-se do senhor Merrowdene, concretizadas já suas idéias. Também o senhor Anthony havia feito seguro de vida em favor da mulher, poucas semanas antes de morrer.

Acostumado a confiar em seu instinto profissional, suas suspeitas iam adquirindo caráter de certeza. No que vacilava era todavia quanto ao modo de proceder.

Não se tratava de prender um criminoso em flagrante delito, mas em proceder com antecipação, para impedir um crime; e isso era coisa muito diferente e mais difícil.

Passou todo o dia preocupado. Assistiu à "quermesse" de beneficência anual que se realizava na residência dum personagem local e participou, como todos, das variadas diversões, sem perder um instante a expressão preocupada. Chegou até a submeter-se a Zara, a adivinha do globo de cristal, sorrindo um pouco ao recordar que em seus tempos de funcionário policial um dos seus deveres era a perseguição de adivinhas. Apenas prestou atenção às profecias que a mulher formulava com voz monótona como um zumbido, porém de repente lhe atraíram a atenção estas palavras com que a adivinha finalizava uma longa frase:

— ...e breve, muito breve, se verá envolvido num assunto de vida ou de morte para uma pessoa.

— Como? — perguntou vivamente.
— Uma resolução... Terá que adotar uma resolução. Porém é preciso que ande com muita cautela... muita cautela. Se cometesse um engano... o menor engano...
— Sim. E então?

A adivinha estremeceu. O inspetor Evans dizia para si mesmo que era uma tolice fazer caso de palavras de adivinha; não obstante, experimentava certo mal-estar.

— Aviso-lhe que deve fazer todo o possível por evitar o menor erro. Se o cometer, o resultado será a morte de uma pessoa.

Que coincidência! A morte de uma pessoa... Falar-lhe disso, precisamente em tais circunstâncias!

— Se cometo um erro, haverá uma morte... Disse isto?

— Sim.

— Bem; fico avisado — disse Evans, pondo-se de pé e deixando umas moedas na mão da mulher. — Não se cometerá o erro...

Falava em tom brincalhão, porém ao sair da tenda da adivinha, seus traços adquiriram uma expressão de gravidade. Era fácil dizê-lo; talvez não fosse tão fácil fazê-lo. Cuidado com um tropeção! Dele dependia uma vida humana.

Devia agir sozinho. Ninguém o ajudaria. Pensou em seu amigo Haydock. Justamente o divisava adiante, em meio da assistência. Desse lado nada havia que esperar. "Não se meta em negócios alheios", era lema de Haydock. O seu, não.

Haydock conversava com uma senhora. Um instante depois essa se despediu do capitão e começou a andar para o lugar onde se encontrava Evans. Reconheceu-a. Era a senhora Merrowdene. Com súbito impulso, Evans dirigiu-se resolutamente a seu encontro.

A senhora de Merrowdene era uma mulher bonita: fronte ampla e lisa, olhos pardos muito bonitos e expressão plácida. Tinha certo ar de Madonna italiana, que ela acentuava de propósito, penteando-se em dois bandós que lhe caíam sobre as orelhas. Sua voz era profunda, cheia e um tanto arrastada. Ao ver Evans, sorriu-lhe com franca afabilidade.

— Pareceu-me de longe que era a senhora, senhora Anthony... quero dizer, senhora Merrowdene — disse ele com volubilidade.

Naturalmente cometeu esse erro de propósito, enquanto a observava a furto. Acreditou observar que os olhos se lhe aumentavam e que a respiração se suspendia por um instante. Porém não havia no seu olhar desfalecimento algum: sua expressão era firme e ativa.

— Estava procurando meu marido — disse em tom tranquilo. — Viu-o por aqui?

— Estava ali há um momento.

E juntos começaram a andar na direção que Evans acabava de indicar. O inspetor experimentava uma crescente admiração. Que mulher! Que domínio de si mesma! Que equilíbrio assombroso! Uma mulher notável... e perigosa. Disso estava certo: sumamente perigosa.

Evans não deixava de experimentar uma certa inquietação, ainda que estivesse satisfeito com o seu passo inicial. Havia-lhe feito compreender que a reconhecia. Assim a punha em guarda. Não se atreveria a tentar nada comprometedor. Agora tratava-se de avisar dalgum modo discreto o senhor Merrowdene...

Encontraram-no contemplando distraidamente um boneco de porcelana que acabava de tirar na rifa. A esposa falou-lhe em voltar à casa e ele imediatamente concordou. A senhora de Merrowdene, voltando-se para o inspetor:

— Quer acompanhar-nos, senhor Evans, para tomar uma xícara de chá?

Havia em seu tom lance de desafio? Evans acreditou que sim.

— Obrigado. Aceito com muito prazer.

E saíram os três, entregues à amável conversação sobre assuntos triviais. Ainda brilhava o sol, soprava uma brisa agradável e tudo em torno deles tinha a pacificação do cotidiano.

A criada tinha ido à festa, explicou a senhora Merrowdene quando chegaram ao lindo "cottage" de estilo antigo. Entrou por um momento no quarto, para tirar o chapéu; voltou e pôs

a ferver água num pequeno aquecedor de prata. Depois, duma estante colocada junto da chaminé, tirou três xícaras, zinhas baixas, sem asa, com os respectivos pires.

— Temos um chá chinês realmente especial — explicou — e nos acostumamos a tomá-lo à maneira chinesa: não em xícaras comuns, porém nestes "bowls".

Examinou o fundo de uma das xícaras, fez um gesto de aborrecimento e se apressou a trocá-la por outra.

— George! Sempre descuidado! — exclamou. — Tornaste a usar estas xícaras para tuas coisas.

— Sinto muito — disse o professor. — São dum tamanho tão conveniente... Ainda não me trouxeram as que encomendei para o laboratório.

— Qualquer dia ficamos todos envenenados por causa de teu descuido — disse a senhora sorrindo. — Maria as encontra no laboratório e as traz, sem ter o trabalho de lavá-las, a não ser que os resíduos sejam muito visíveis. Noutro dia empregaste uma destas xícaras para o clareto de potássio. Realmente, George, é horrível tua negligência.

Merrowdene respondeu um tanto irritado:
— Maria não deve tirar nada do laboratório. Não tem que bulir lá.

— Sê razoável, George; às vezes tomamos o chá no laboratório e deixamos lá as xícaras. Maria não sabe...

O professor dirigiu-se ao laboratório, resmungando. A senhora Merrowdene deitou a água fervendo no chá e apagou a chama do aquecedor de prata.

Evans, desconcertado no primeiro momento, não tardou a advertir um indício: por um motivo ou por outro, a senhora de Merrowdene procedia como quem diz "de mãos limpas." Não tinha dúvida em falar e insistir acerca da possibilidade de um envenenamento, porque, sem dúvida, preparava desde já o seu golpe. De modo que, ocorrido o "acidente", Evans se veria obrigado a depôr em favor dela. Porém se havia enganado tolaemente, porque antes de...

Com uma atenção súbita, susteve a respiração. A se-

(Continua na pág. 48).



PO' DE ARROZ

Lady

**E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!**

A VENDA EM TODO O BRASIL

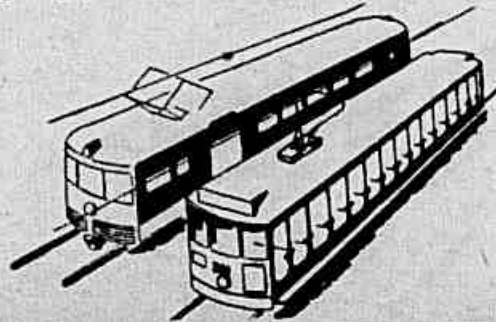
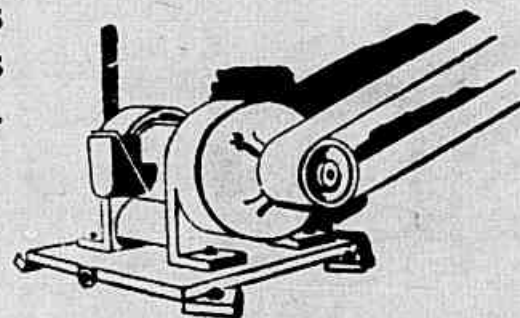
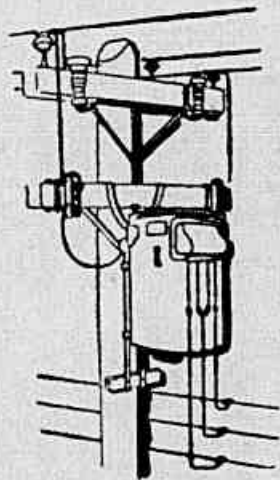


ELETRICIDADE

chave do progresso...



HÁ pouco mais de meio século que a Ciência pôs a ELETRICIDADE a serviço do homem. Esse curto período, porém, assegurou os mais rápidos e os mais radicais avanços da humanidade. Hoje a eletricidade é a luz, o rádio, a preservação dos alimentos, a vida das indústrias, o transporte econômico... é uma revolução na medicina e em todos os setores do progresso humano. Para o progresso geral, muito têm contribuído os laboratórios e fábricas da General Electric, que, hoje, trabalham exclusivamente para o esforço bélico, afim de colaborar no combate às forças que tentam destruir as conquistas da civilização. Mas depois da Vitória, as descobertas e aperfeiçoamentos, que ora se estão fazendo, contribuirão ainda mais para que o mundo de após-guerra, através de novos aparelhos elétricos, desfrute de um conforto até agora desconhecido.



GENERAL  ELECTRIC

Na Esfinge Espanhola

de Ferdinand Tuohy



Enquanto o exército da Espanha cresce, suas crianças pedem esmola.

E escrevendo sobre o General Franco, sinto que, qualquer que seja a sua política, deve haver um laço entre nós. Si algum dos meus leitores é um tory imperialista, Franco pôs-se decididamente ao lado daqueles que procuram liquidar o Império. Si é um liberal democrata, esse seu regime é "anti-natural, suicida, de exploração e injustiça e a causa da moderna escravidão." Si pertence à esquerda, é um bárbaro apto unicamente para a execução ou para a escravatura.

Franco não poupa palavras para dizer a outrem o que pensa a seu respeito, embora eu suponha que levou-o a falar o tratamento dado a seu próprio regime por aqueles a quem hoje recrimina. Ainda não aconteceu que ninguém dissesse, no interesse nacional, uma ou duas palavras ao "gentilhomem cristão" acerca dos seus próprios negócios.

Quer intencionalmente ou por acaso, uma mudança sobreveiu nesta atitude coincidindo com a supremacia assumida pelo Almirante Cunningham no Mediterraneo. Mr. Eden mandou-o às favas com a sua proposta de paz "sem vitórias". O maldito filme Na Espanha Fascista foi dado ao publico. E o Serviço Europeu da B. B. C., baseando-se sem duvida no filme, rudemente falou dos homens que "enchem suas prisões em nome de Cristo."

O filme foi feito por um jovem francês chamado Pagés, que recebeu todo o apoio das autoridades franquistas, cuja idéa era favorecer todas as tentativas de reabilitação do regime. Entretanto o resultado foi o oposto em todas as nações livres. Aqui não ha uma impressão de espanhóis livres que tentam reconstruir sua patria, mas sim uma impressão de fracasso e terror. A Guarda da Juventude Falangista é mostrada arregimentando republicanos, dos quais existem 500.000 nos campos de concentração pelo crime de persistir em suas crenças políticas. Grupos especiais, como escritores, artistas e músicos — "intelectuais" — são obrigados a ficar nos pátios das prisões, formando o emblema da Falange. Religião intolerante, opressão e fome pairam sobre todo o quadro não muito dissemelhante da idêntica "reforma" italiana ou alemã.

Um amigo digno de confiança, voltando da Espanha, diz que após mais de quatro anos-



Hitler recebe Franco numa das viagens que este fez a Berlim.



A infância espanhola aprende a marchar ao compasso dos hincos fascistas.

no poder, a Espanha de Franco — éle assim se refere a ela continuamente — falhou completamente em transformar a Espanha em qualquer espécie de país. O que permanece é o fracasso e teria sido pior si não ocorresse a remessa de artigos de primeira necessidade pelos aliados e a compra por estes de mercadorias espanholas — não por puro espirito de humanitarismo mas sim para impedir que essas mercadorias vão para o Eixo.

A apatia geral que é o traço mais aparente da vida espanhola de hoje pode explicar-se em parte pelo estado do país que morre á mingua e por uma espionagem policial que silencia o povo mais loquaz da terra. Entretanto o sentimento de morte que paira sobre o país deve-se mais ao amargo desapontamento e á profunda apreensão de que "tudo tenha de mudar de novo" — um receio talvez exagerado, mas que eu reproduzo aqui.

Enquanto o país que ele esperava levar á prosperidade e á riqueza não podia fazer nenhum progresso enquanto estiver submetido a um bloqueio e ás repercussões da Guerra Mundial Franco que é tão pronto em agredir o próximo provou ser um exemplo característico de incompetência governamental. Eis o que atormenta tantos espanhóis que não são nem fascistas nem comunistas.

O fracasso primordial foi o Partido Nacional incorrigivelmente corrupto e ineficiente — a Falange. A vitória de Franco trouxe os mais escassos benefícios que seus partidá-

rios tinham em mente. A tão louvada reforma agrária é letra morta. "Arriba" tem de admitir que a industria mineira está em decadencia por que a maioria dos mineiros está na prisão. Mesmo a reconstrução das ruínas produzidas pela Guerra Civil começa a esfriar — dando-se prioridade á reconstrução de igrejas quando grande numero de pessoas estão vivendo em covis.

Uma testemunha fidedigna pode ser Thomas J. Hamilton, correspondente do NEW YORK TIMES em Madrid — um jornalista bem conhecido pela objetividade de suas reportagens em países estrangeiros. Diz ele em seu livro O filho da Pacificação: O regimen de Franco "Requer-se um Dante para descrever a fome dos pobres de Madrid, vivendo em sórdidos covis." E no entanto, éle achou que "Madrid era uma terra de leite e mel em comparação com a Andaluzia." A percentagem de mortos é o dobro do que era antes da Guerra Civil e mesmo em lugares onde o alimento abunda, crianças com rostos e lábios descorados como crâneos reúnem-se em torno do automovel.

A condenação aparece na frase: "Em poucos países do mundo ha uma fome tão destrutiva e intensa e tal luxo para os favorecidos da fortuna." O Mercado Negro, o Estraperlo floresce e é manobrado principalmente por Falangistas.

O fato real e sem adulações é que uma parte da Espanha está dominando uma maior, cujos homens sobreviventes estão em maioria presos, com o resultado óbvio que as engrenagens da vida nacional cessaram inteiramente de mover-se. Cinco anos depois de Irun ter sido destruída, "a obra de reconstrução da cidade não fora ainda começada." Não só a reconstrução foi um fracasso, como também uma deterioração progressiva e generalizada é percebida. O belo sistema de estradas de Primo de Rivera não foi preservado pelo fato de pôr batalhões de prisioneiros a trabalhar sob um calor intenso.

Gibraltar, chave do Mediterraneo, que Franco ha muito namora com olhos cubigiosos.



E' julgamento desta testemunha americana que "a situação na Espanha tem marchado seguramente de mal a pior desde o fim da Guerra Civil. Tanto as condições materiais como a moral do povo eram piores em 1940 do que haviam sido em 1939, e piores em 1941 do que tinham sido em 1940, e piores hoje do que eram há um ano." Uma pausa primordial disto foi a atitude do regime de Franco, "que dedicou-se a manter vivo o odio herdado da Guerra Civil. Raras vezes na história um governo empreendeu tão deliberadamente enfiar o conquistado." A todo momento em que alguém ousa propor que um véu seja lançado sobre o passado, a proposta é atacada "como um conselho comunista".

"A causa inerente da miséria espanhola", resume Mr. Hamilton, "está no próprio regime de Franco, porque o General não venceu, mas está simplesmente no poder, auxiliado por Hitler e Mussolini e pelas democracias pacificadoras de ontem. Mesmo dentro do regimen ha uma luta continua. A Falange está cindida. Os Falangistas sabem o que o resto dos espanhóis pensam deles e ficam enlevados pela consideração que lhes concedem alguns enviados estrangeiros. "Não somos grande coisa em Madrid. Tentam rir-se de nós, mas evidentemente somos pessoas importantes em Washington e Londres!"

No exterior a Espanha de Franco não conseguiu fazer melhores coisas do que em casa. Procura obter uma posição no governo argentino, mas alhures seus unicos amigos — e são de pouca confiança — são encontrados nas terras do Eixo. O próprio Franco reconhece que a Itália e a Alemanha não podem ganhar a guerra, de modo que a expansão colonial que ele esperava obter em troca de seu apoio a Hitler e Mussolini começa a evaporar-se. Particularmente ele ambicionava uma gorda fatia do Marrocos francês, e no entanto, é verosímil que as democracias vitoriosas robustecerão um regimen declaradamente antialiado neste momento? E' mais provavel que Franco veja o exemplo de outros países ibéricos ao lado dos aliados: tropas brasileiras demonstrando com seu exemplo o verdadeiro sentimento dos latino-americanos.

E' mais provavel que Franco veja dificultada sua ocupação de Tanger do que possa expandir-se mais longe nessa região. Como é sabido, Franco julgava que a Inglaterra estava liquidada no Mediterraneo, em 1940, de modo que permaneceu nessa posição desarmada, neutra e internacional onde consolidou seu dominio, com o efeito de que Tanger fosse hoje parte da Espanha como Melilla ou Tetuan.

Este foi absorvido por um Marrocos Fascista, espanhol, pesadamente militarizado, curvado à retaguarda do flanco das forças aliadas no Mediterraneo. Agentes alemães e italianos dominam o lugar e os cidadãos aliados são tratados com desprezo e até mesmo afastados em todas as ocasiões.

Até agora, achou-se oportuno ironizar o intromissor nas regiões de ação militar de modo a guardar esta entrada vital do Mediterraneo livre de operações hostis.

Provavelmente ainda é o mais sábio não cogitar aos inevitáveis remodelamentos que o futuro reserva, por mais que fique implicito nessa desistência. No entanto não ficarei surpreso si os aliados utilizarem brevemente seu triunfo no Norte da Africa para eliminar todo perigo latente que possa advir às Nações Unidas de Tanger.

Diz-se que Franco tem doze divisões repartidas entre os dois lados do estreito, na maioria altamente preparadas, muitas delas tropas blindadas e sem discutir o que Hitler pode ou não fazer, é claro que a fraqueza do regime de Franco pode incitar seus fundadores a arriscarem tudo numa partida ao lado de Hitler auxiliando-o a penetrar na Espanha.

Franco jura que manterá a paz e pode ser que o faça. O fatigado povo espanhol odeia o pensamento da guerra, tanto ao lado dos aliados como dos italianos e alemães. No



como outras seções da comunidade.

Um líder foragido, Rodriguez Vega, chega a informar ao ex-Ministro do Exterior del Vayo, em Nova York, que o regime de Franco está caindo em pedaços. Qualquer que seja o fato, a seguinte informação de Washington deve ser verdadeira: "Si a Espanha de Franco puder permanecer acima de uma batalha que terminará por uma rendição incondicional, ela ficará como única remanescente do Fascismo num mundo dedicado à derribada desse sistema e seu futuro seria terrivelmente incerto."

Enquanto isso, é bom que as fontes aliadas comecem a repelir os ataques e a hostilidade que partem da Espanha de Franco, que deveria examinar a si mesma para uma reforma.

Flagrante do Ditador ao despedir as tropas italianas que lutaram na Espanha.

entanto, uma reviravolta está na mente da hierarquia militar espanhola que, conforme se diz, alimenta a esperança de suceder à Falange. Poderosas forças no Exército são por uma volta à monarquia. De acordo com as ultimas informações, o momento para isto já passou, e a consequência é que certas influencias do Exército se opõem a um regime impopular tanto

Livros Novos

COMPENDIO DE TÉCNICA MICROSCÓPICA, de Wolfgang Bucherl — São Paulo, 1943.

Parece que é este o primeiro livro sobre a matéria ou sobre a especialidade, que se publica em língua portuguesa. E dito isto, escusado seria chamar para tal obra a atenção dos estudantes e de todos os interessados. Explica no entanto uma nota que ela se recomenda particularmente aos alunos dos cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia, aos colegas que se dedicam à biologia; e a todos os técnicos de laboratório.

WOLFGANG BUCHERL

Compêndio de Técnica microscópica

EDITORA ARCHISTA LIMITADA

O Sr. Wolfgang Bucherl, ex-professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e atualmente técnico eminente do Instituto de Butantan, mostra-se, na sua maneira de expor e pela feição da linguagem que emprega, um professor exemplar. Começa por nos dar a composição e a explicação do microscópio. A lição não é fácil de ministrar... E seria difícil de apreender sem a autoridade do mestre e o seu engenho para tornar claro e quasi diríamos simples o conjunto dos elementos ou dispositivos denominados tubo, objectivas, oculares, estativo, platina, aparelho de iluminação, bem como o jogo e a harmonia do seu funcionamento. E o que da primeira parte, *Instrumentos e utensílios*, se diz, igualmente, como nitidez revelada, se pode dizer das outras partes da obra: *Métodos Gerais e Métodos especiais*.

Quasi todos os métodos e processos que nestes títulos se contém foram pelo próprio autor do livro aplicados e, como dizem singelamente as donas de casa das suas receitas de cozinha, "provadas". No entanto, e como bom mestre, daqueles que nunca deixam de se considerar também estudantes, entende o Sr. Bucherl que alguns pontos do seu ensinamento ganharão se forem acentuados ou renovados. E assim pede a qualquer leitor que julgue poder oferecer-lhe alguma sugestão útil que não deixe de contribuir desse modo para o maior valor das futuras edições.

Enriquecem o volume numerosas gravuras.

PANAL SONORO, poesias de Felix E. Etchegoyen — Rosario, 1943.

O ilustre homem de letras e acatado professor argentino Felix E. Etchegoyen é bem aquilo que se possa chamar um apaixonado do Brasil. Ama a terra e a gente brasileira como visinho, como turista e, o que sobretudo interessa para o registro e o reconhecimento desta página, como poeta. Da sua demorada visita ao Rio de Janeiro levou saudades que, em toda ocasião mais ou menos adequada, expande por meio de dissertações ou palestras de excelente cunho literário e nas quais sempre transparece, dando-lhes riqueza e encanto singulares, o fundo sentimental. Não ha muitas semanas o *Journal do Comercio* nos traduziu a conferência feita pelo Sr. Etchegoyen no ato de inauguração duma exposição de pintura brasileira em Buenos Aires. E esse trabalho não podia deixar de surpreender os leitores do Velho O'rgão, já pelo conhecimento seguro e profundo que um estrangeiro, erudito embora, mostrava possuir da história do nosso movimento artístico como também pela limpidez das descrições que alguns anos após a sua viagem ele compunha a propósito dos assuntos representados em alguns quadros — vistas do Silvestre, da Tijuca, de Paqueta, da Copacabana — interpretando-as por sua vez com o desenho, o colorido e todas as expressões duma eloquência sincera.

Na sua feição impulsiva e ardente, a poesia do *Panal sonoro* leva-nos, por vezes, a pensar nos versos de Martins Fontes. Também ao espírito e ao coração do grande rimador santista o sr. Felix Etchegoyen se deixou prender por uma emoção maravilhada. Já antes os dois se assemelhavam; mais se ficaram parecendo depois; e o poeta argentino bem podia ter feito parte, dalgum modo ficou fazendo parte da roda familiar e estremecida que Fontes faz desfilar nas páginas de *Nós, as abelhas*. O livro de Etchegoyen abre com o soneto *Ofrenda*:

*Panal sonoro en la comedia humana,
mi corazón sus versos elabora:
no le arredra lo amargo de la flora
ni lo abate la prosa cotidiana.*

PANAL SONORO

FELIX E. ETCHEGOYEN



*Para el amor, acústica membrana,
por lo alto enfila su canción ahora,
Y cuanto más le azotan, más valora
su campesina estirpe galicana.*

*Tal cual avispa este panal encierra,
que a más de un néo su aguijón entierra
burla burlando sin maldad alguna,*

*mas, si ponéis atentos el odio,
de abejas rumorosas un zumbido
brinda su miel como única fortuna.*

A última parte do volume compõe-se de traduções, caprichosas, amorosamente trabalhadas, de sonetos na sua maior parte de Bilac mas também de Vicente de Carvalho, José Bonifácio, Martins Fontes, Gilka Machado, Alphonsus de Guimarães, Raimundo Correia, Raul de Leoni, Felix Pacheco, Aloysio de Castro, Menotti del Picchia. E entre as páginas consagradas a motivos brasileiros está o soneto *A Rio, la volutuosos*:

*Voluptuosa Rio de curvas triunfantes
con tus áureas playas y tus verdes morros,
con tus ondulantes palmas imperiales
Y tus cascatinhas de sedantes chorros!*

*Gentil prometida del celoso Atlante
que por vigilarte, junto al Corcovado
puso en Guanabara de Piedra al Gigante
Por Gonçalves Dias del orbe ajamado!*

*Tu embrujo padezco! ¡Tu saudade siento!
ciudad generosa que me diste aliento
como no me diera ni mi tierra ingrata!*

*¡Y al ver tu Cruzeiro y evocar tu Luna,
a más de una bella mi recuerdo aduna
y el alma transida su llanto desata!*

A' MARGEM DA CIRURGIA SUI-AMERICANA, alocações de Alfredo Monteiro — Rio de Janeiro, 1943.

Quem conhece o Dr. Alfredo Monteiro sabe não ser ele, conforme a expressão corrente, homem de poucas falas; uma vez, porém, tendo que discursar, é homem de falar pouco.

Contém este volume quinze orações proferidas pelo ilustre cirurgião em cerimônias de carácter científico e internacional, ora no Rio, ora em Buenos Aires, Montevideo ou Santiago do Chile. Alguns desses trabalhos pouco excedem duas páginas. Vê-se bem o cuidado do orador em poupar o tempo que, no seu entender, mais bem empregado será no estudo e discussão das questões de sapiência pelas quais se reúnem os congressos e as academias realizam as suas sessões. Os créditos de tribuna, que indubitavelmente lhe cabem, pela concepção pronta e segura, pela desenvoltura airosa da forma, ele os reserva naturalmente para outras oportunidades. Agora, não se trata de ostentar recursos tribunicios. Trata-se, no sentido prático e realizador do verbo, de trabalhar. Assim as saudações a homens de ciência que vieram ao Brasil representando os seus países, ou às instituições e corporações do estrangeiro perante as quais o Dr. Alfredo Monteiro falou em nome da cirurgia brasileira; todas essas boas vindas ou agradecimentos assumem a dupla feição: de entendimento cordial e de convite à colaboração imediata e, tanto quanto possível, proveitosa. E para ambos os objectivos a sua contribuição ha de ter sido poderosa, porque, como num prefácio, curto tam-

A' MARGEM DA CIRURGIA SUI-AMERICANA



*Um romance onde tudo é vida,
só vida!*

Um livro de palpitante realidade. de leitura suave e interessante. Uma história para todas as mulheres do mundo!

SEIS!

pela Sra. Leandro Dupré

2.ª Edição - com originalíssimo prefácio de MONTEIRO LOBATO.

ÉRAMOS SEIS é um livro que comove e entusiasma. Um livro que se lê com soteriguidão, da primeira à última página.

... é um desses dramas raros e surdos que se desenrolam entre quatro paredes humildes. Seis figuras humanas transitam pelo romance, vivem as suas obscuras tragédias sem desespero e se perdem sem rumor.

• A Sra. Leandro Dupré escreveu ha pouco mais de um ano com "O ROMANCE DE TERESA BERNARD", um livro que a gente lê de um fôlego, não só pela clareza e espontaneidade do estilo da autora, como pelo movimento e colorido do seu entrelhe.

Teresa Bernard, sempre humana e feminina, ri, chora e vive nas páginas desse livro, como a maioria das mulheres riem, choram e vivem na vida real.

Volume com 400 páginas, em brochura, 2.ª ed., Cr\$ 20,00

... narrativa simples e movimentada, às vezes salpicada de ironia, ou de doce perversidade, a formar este romance esplêndido, que constitui prazer e repouso para o espirito.

— "ÉRAMOS SEIS" é o livro brasileiro mais discutido pela critica nestes últimos tempos!

Volume em brochura, Cr. \$ 16,00

EM TODAS AS LIVRARIAS

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro
Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

Atendemos pedidos do interior pelo "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL"

Edição da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Rua do Ouvidor n.º 94 — RIO DE JANEIRO

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

2 dias ou semanas

Um resfriado ou uma gripe duram 2 SEMANAS, quando tratados por métodos comuns. Em todo esse tempo o arejamento do sangue está sendo prejudicado, pois o oxigênio necessário tem que passar pelas vias respiratórias, então obstruídas. Durante duas semanas isso é perigoso! Não use nunca métodos de 2 SEMANAS; use de 2 DIAS. Nas tosses, gripes, resfriados, coqueluches e bronquites, tome MASTRUÇOL, que contém 9 elementos terapêuticos consagrados desde milênios. Contendo 9 elementos, MASTRUÇOL "vale por nove". Por isso, MASTRUÇOL é o método de 2 DIAS

MASTRUÇOL

O método de 2 DIAS para as tosses, gripes, resfriados, bronquites e coqueluches. Bem aceito pelas crianças



Historia de um rio

De DESMOND HOLDRIDGE

Acaba de publicar-se em Nova York um livro sobre o Amazonas: *THE AMAZON: LIFE HISTORY OF A MIGHTY RIVER*, da autoria de Caryl P. Haskins. Seu próprio autor, declara: "Este livro serve apenas de delgada cortina através da qual se retratam breves cintilações da multi-faceta da glória de um rio, na esperança de que possa sugerir realização maior. Nenhum homem chegou a conhecer, de fato, o Amazonas. Nenhum homem o conhecerá jamais. Mas, como a ponta flutuante do ice-berg serve a calcular a parte imersa, o mesmo acontece a uma história do rio, construída muitas vezes apenas por conjectura, não passando de uma série de cenas desconexas, e contudo sugerindo a força e a delicadeza, a fragilidade e o poder, e a infinita variedade, o mutável caráter da maior massa d'água que corre sobre a terra."

Haskins atacou um tema formidável. Bem podia, em lugar de *AMAZONAS*, intitulá-lo *O MUNDO*, pois o rio é um mundo.

Esse mundo compreende diversas partes: uma Amazonia é a do balaleiro que durante trinta inundados dias sobe o tributário de um tributário do Amazonas, acossado pelos habitantes da floresta que nem sabem como fazer os covis e que querem matá-lo, a menos que lhes dê um abrigo comum.

Outra Amazonia mui diversa é a de um engenheiro inglês em Manaus que ajudou a construir o fenomenal porto e as docas flutuantes da cidade, ajustadas às cheias e às vazantes de 40 pés do Rio Negro, de modo que a borracha — primeiro ouro negro, depois junco negro, e agora equiparada ao petróleo, ao aço, ao músculo, à coragem e ao cérebro como material de guerra — possa alcançar os grandes centros mundiais. Para um técnico da plantação Ford no Tapajoz há ainda outra Amazonia; para um miserável colono japonês do Acurá, agonizando na superfície da imensidade verde, embora trouxesse consigo técnicas modernas, sólido financiamento e uma sociedade que lembrava um formigueiro para sua conquista, há ainda outra Amazonia.

E estas Amazonias nada têm a ver com a Amazonia dos cavaleiros semi-selvagens que cavalgam após as manadas da ilha de Marajó, perseguem-nas através das pastagens inundadas do Baixo Amazonas ou comerciam sua carne numa curiosa espécie de crédito no



Bando de mergulhões levantando vôo. (Amazonas).

Alto Rio Branco. Há a Amazonia de Spruce, Bates, Wallace e von Humboldt, dos homens que fizeram filmes sobre ela. Há uma infinidade de Amazonias.

O Amazonas de Haskins é o do pesquisador. Está bem fornecido com fatos sóbrios. Como pesquisa é indiscutivelmente bom, embora não tenha profundidade e trate em metade das páginas, de lugares, pessoas e políticos que nada têm a ver com o grande rio. Um poeta trata melhor o Amazonas em vinte palavras do que Haskins em duas mil. Em Rangel sentimos-lhe o cheiro, em Haskins contemplamo-lo por trás de uma montra de vidro.

No entanto, Haskins prestou-nos um grande serviço com este livro, pois o que fala é assim. Si todos os lugares comuns escritos hoje sobre o Amazonas fossem empacotados e embarcados nos nossos navios, provavelmente perderíamos a guerra. Uma testemunha com o fervor religioso de um agente estatal, pinta-nos a sua beleza — como si a beleza não fosse também mortal, como si de fato a beleza primordial não fosse frequentemente sinônimo de perigo primordial — e dá-nos uma esplêndida pintura desse mundo que devora o excesso de população da terra, embora seu sólo, até o ponto que o conhecemos, seja estéril e, contrariamente à crença popular, nunca tenha suportado populações numerosas.

Dificilmente sabemos que concepção nos irrita mais a do agente estatal, com um riso irônico para todo cálculo e um aplauso para todo devaneio — ou a do ousado jovem de chapéu de palha e costeletas que desembarca em Manaus preparado a dar batalha aos caçadores de cabeças por trás da *Leiteria Amazonas*.

Haskins dá-nos uma boa base sobre a história da região, a política externa e os fatores econômicos que a afetam, — o mais importante dos quais — embora dificilmente o encontremos no livro — seja o assalto japonês, maravilhosamente concebido e executado, sobre as plantações malaias. Graças aos homenzinhos amarelos, a borracha do Amazonas é de importância vital e o destino de toda a região amazônica está agora galantemente servendo numa prova de ensaio nalgum laboratório onde se está examinando si a borracha sintética pôde ser completada com o produto natural ou com um produto de plantação que é extraído pelo trabalho escravo.

Não é agradável "cair na pele" de Haskins pois deve requerer grande coragem e uma enorme pesquisa o escrever um livro desta espécie e tão valioso. Apenas o rótulo foi mau. Não devia chamar-se *O AMAZONAS* e não devia ter a intenção de ser "a história viva de um rio."

bém, diz o mestre A. Austregésilo, "o professor Alfredo Monteiro é o exemplo vivo de inteligência e da ação. Resume a figura do didata e possui as prerrogativas do cavalheiro social. Daí o seu prestígio que lhe dispensam os cômpares da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os alunos e os sábios sulamericanos, especialmente no domínio da Cirurgia.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



CREME DE BELEZA ORIENTAL

Não é gorduroso, e, por suas qualidades emolientes e refrigerantes, embranquece, amacia e assetina a cutis, dando-lhe a transparencia da juventude.

O uso diario deste creme evita as espinhas, cravos e manchas da pele, combatendo os efeitos nefastos do ar do mar e as queimaduras do sol e do frio, eliminando o brilho oleoso do nariz.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia, volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a têsta com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

Escragnolle Doria

NOVA FRIBURGO

Origem histórica, progresso crescente, tradições de bem estar e opulência, formosura paisagística, clima de celebrada sanidade, tudo isso é de Nova Friburgo. Deu-lhe princípio D. João VI, em 1818, mandando vir suíços para fundarem colônia na terra fluminense, a colônia do Morro Queimado nas alturas da Serra dos Orgãos de montanhas emparelhadas com os pinheiros da Helvecia.

Quanto os recordariam os mil seiscentos e oitenta e dois colonos do Morro Queimado constituindo duzentas e sessenta e uma famílias principalmente oriundas dos cantões de Friburgo, de Vaux, de Valais unindo-se a compatriotas de Soleure, Lucerna e Basileia.

O alvará de 3 de Janeiro de 1820 honrou em breve a simples colônia recente do Morro Queimado elevando-a ao predicado de vila com o nome, caro a suíços, de Nova Friburgo: Só setenta anos depois, a 8 de Janeiro de 1890, a vila seria cidade.

Não termine o rápido traço histórico de Nova Friburgo sem significativa referência a D. João VI. Provém de friburguense esclarecido, o Dr. Galdino do Valle Filho, referindo-se ao rei hospede do Brasil com empenho de justiça assim manifestada: "Consignemos a gratidão que devemos a D. João VI". E continua dizendo ainda com empenho de justiça: De Friburgo foi ele o fundador, material e materialmente falando, porque colonizando o Morro Queimado pela forma que o fez, a da divisão da terra em pequenos lotes, plasmou o caráter da sua gente à imagem e semelhança do povo suíço.

Em Nova Friburgo ha nome imperecível o de Antonio Clemente Pinto; partido do pequeno para o grande. Empregado em casa de negocio no Rio de Janeiro, português de nação, coube-lhe ser enfermeiro do barão de Ubá, vítima de queda de cavalo em rua central do Rio. Tendo fraturado uma perna, o barão de Ubá, foi recolhido ao estabelecimento comercial do qual freguês considerado.

Na convivência forçada com desvelado enfermeiro, Antonio Clemente Pinto, o barão reconheceu-lhe inteligência, saúde, desejo de vencer na vida sobre pendor para a agricultura, natural pendor lusitano. Protegendo o barão de Ubá apontou-lhe o sólo feraz de Cantagalo e sua zona limitrofe.

De esforço em esforço agrícola-cafezista, Clemente Pinto, quando barão de Nova Friburgo, foi a grandes cabedais. Permitiram-lhe a construção no Rio de Janeiro do palácio Nova Friburgo. Na zona rural friburguense Clemente Pinto formou a admirável fazenda do Gavião e na zona urbana ded'cou às construções chamadas Casa Grande e Chalet, "minhas asneiras de pedra e cal", dizia jocosamente o edificador.

No Rio de Janeiro não chegou ele a terminar palácio ao Catete, construiu-lhe só uma ala, ornando-a decorosamente e parte central do edificio, faltando até hoje a segunda ala de ligação á parte central para imponente prospeto.

Em Nova Friburgo as propriedades denominadas Chalet e de Barracão lembravam residências sem luxo, a ultima denominação até de humildade.

O exterior do Chalet em nada prendia atenção; reservada esta para o interior, aqui o pateo de feição árabe, ali o salão nobre à Luís XV no qual espelhos de ir alto refletiam, entre cortinas de sêda, a rica ornamentação do aposento.

Glaziou desenhára e plantára o parque do Chalet vasto e vasto, como enfeitaria vegetalmente outro, pontos de Nova Friburgo por cuidados de Clemente Pinto.

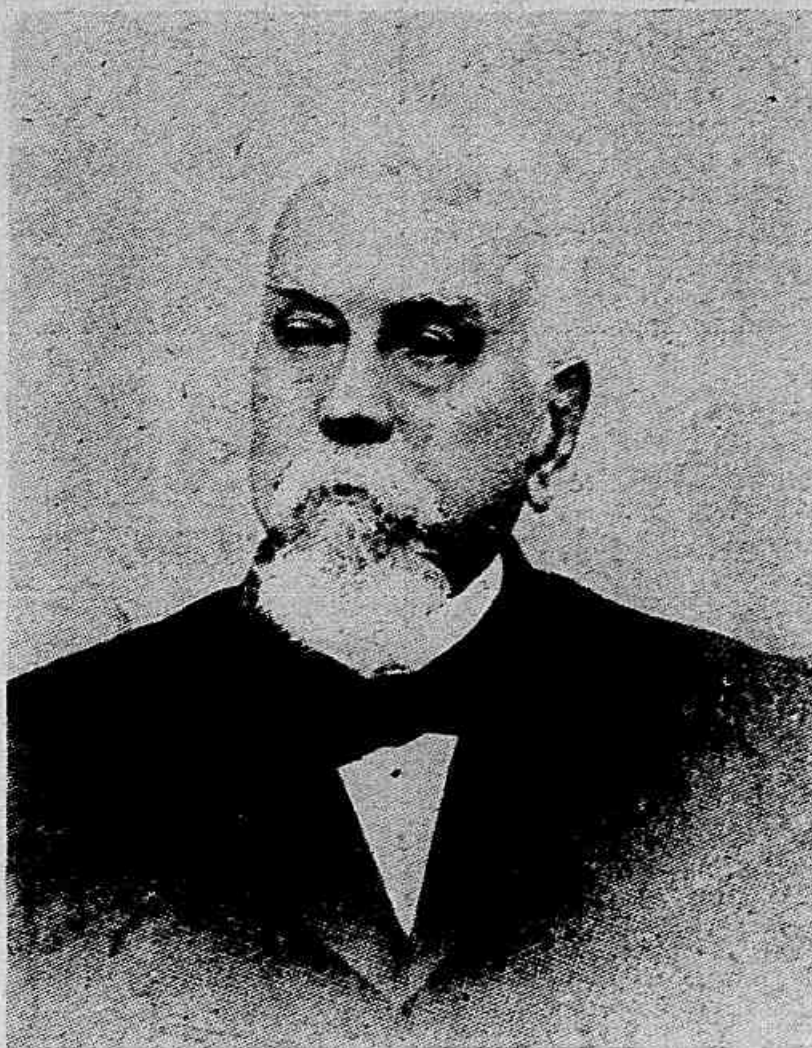
Ao Barracão, de estilo germanico, não faltava espaço para família e hospedes, tinha 22 quartos. Edificada pelo conde de Nova Friburgo, filho do barão, tevera a casa o nome de Barracão porque quando em curso de obras se perguntava ao dono se elas aumentavam ele respondia: o barracão ainda não está pronto.

O exemplo do barão de Nova Friburgo foi bastante seguido e a cidade friburguense a isso devem muitas e belas propriedades particulares entremeadas de jardins e pomares.

Na vida o agrado é execução, a luta regra geral. Para lutar na esfera social mais elevada cumpre educar-se e instruir-se.

Para tanto houve collegios em Nova Friburgo, alguns de gráo secundário em notoriedade na instrução pública nacional. Nela teve lustre o Instituto Collegial de Nova Friburgo, fundado em 1841 pelo educador inglês João Henrique Freese. Do Rio de Janeiro para Friburgo trouxéra quatorze alunos, alojando-os em predio fronteiriço á Camara Municipal.

Não tardou o pequeno collegio ir a grande. Freese construiu predio para cem alunos, confiando-os a bons professores e chamando a si o ensino comercial em que era perito.



Galiano Emilio das Neves.
Uma figura inolvidavel de Nova Friburgo.

Depois apresentar-se no Rio de Janeiro com atestado de Freese era pleitear com exito seguro um emprego em boas casas de negocio.

A cabo de bastante labor mudou-se Freese para o Rio de Janeiro, transferindo o seu Instituto a dous directores, Galiano Emilio das Neves e Cristovão Vieira de Freitas. Ambos estavam na altura de manter o prestigio do educandario. Comprando o Instituto Collegial, em 1858 e deram-lhe o nome de Collegio Freese em prova de apreço e gratidão ao fundador.

Os alunos do Freese vinham prestar exames de preparatorios na capital do Imperio. Para tanto os directores do collegio alugavam no Rio uma casa para os seus alunos levados a exames. Vinham de Friburgo a cavallo em viagem de tres dias.

Os dous directores do Collegio Freese, Galiano Emilio das Neves e Cristovão Vieira de Freitas tinham a vantagem de ser professores. Lecionavam com conhecimento de causa e sabiam se os seus auxiliares faziam o mesmo.

Mineiro de S. João d'El Rei, Galiano das Neves tornou-se um friburguense de escôla e de Nova Friburgo recebeu o maior apreço, sempre votado para vereador e por fim presidente da Camara Municipal.

Extinto o Collegio Freese, novo estabelecimento de ensino veio substitui-lo na fama e no prestimo. O padre



João Henrique Freese
o educador. Professor de Casimiro de Abreu e Pedro Luis.

jesuita Lourenço Rossi fundou collegio, dando-lhe por égide o nome de Anchieta, o luminar brasileiro da Companhia de Jesus.

Primeiro reitor do Collegio Anchieta, o padre Rossi nele congregou distinto professorado no qual figurou o padre Galanti que tanto tratou historia nossa em livros breves ou de tomo.

O progresso do Collegio Anchieta, é materia para capitulo em obra pedagogica. O edificio de sua sede tornou-se monumental, a tanta magnitude correspondendo um ensino eficiente. Levantar grandes predios collegiais para neles ministrar instrução microscopica não adianta.

Não ficou limitado ao sexo masculino o ensino secundário em Nova Friburgo, teve-o também o sexo feminino, a não ser masculinizado sob pena daquele sexo perder todo o seu valor social manifestado no lar.

Em 1893 uma religiosa, Amelia de Portugal, superiora das Irmãs Dorotéas, fundou em Friburgo o Collegio de N. S. das Dores para tornal-o até hoje casa procurada, numerosa e util na formação moral feminina cada vez mais necessaria num seculo às soltas.

Não só no passado os collegios de Nova Friburgo tinham fama, também dela gosavam os seus hoteis, repletos quando o verão e seus ardores se abatiam sobre o Rio de Janeiro.

Tres hoteis friburguenses atraíam vida de veranista, o Salusse, o Leuneroth e o Engert.

Fundou o primeiro daqueles hoteis o marseilhês Guilherme Mario Salusse, casado com uma senhora suíça do cantão de Berna, o casal pertencente ao nucleo dos primeiros povoadores da colônia do Morro Queimado.

Os antigos hoteis friburguenses não lembravam em nada as casas de hospedes de simples entra e sae. Os proprietarios se esforçavam a exemplo de Guilherme e Mariana Salusse, em dar a ilusão a hospedes de continuarem vida de família, a do tempo.

No estio os hoteis de Friburgo tinham ruido e atractivo, sobretudo no Carnaval, época foliã da qual ainda se não afastára a decencia.

O dono do Hotel Salusse, Guilherme Mario Salusse fôra capitão de longo curso na marinha mercante francesa e possuía a medalha de Santa Helena com a divisa — *A ses compagnons de gloire sa dernière pensée — Napoléon*. E' hoje reliquia familiar.

Muitos veranistas aproveitavam estadia em Nova Friburgo para submissão a tratamento hidioterapico. Possuio a cidade um estabelecimento do genero, por fim modelar, criação dos doutores Eboli e Fortunato. Tanto servia à população fixa como a flutuante, esta a dos veranistas. São em toda parte sempre os melhores conhecedores dos locais, os moradores dele inclinados à mingua.

Só as cascatas de Nova Friburgo valem viagem á cidade, no inspirarem poetas, e Nova Friburgo teve o seu, Julio Salusse, de êstro na poesia e vigor na prosa.

Duas são as principais quedas d'agua friburguenses; a do Conde d'Eu a recordar visita do principe, e a cascata do Pinel. Este nome recorda o nome do imminente psiquiatra francês, a queda d'agua em terras de parentes do cientista.

A cascata Conde d'Eu, ou do Paqueuquer, por este ultimo nome vive no cenario pintado por Alencar nas paginas de "O Guarany".

Da sublimidade de Deus na lição da natureza se vai sem esforço ás belezas do Cristianismo, base do Catholicismo. Dizer religião catolica em Nova Friburgo é pôr presente a memoria de Monsenhor Miranda, vi-gario por trinta anos radicado na cidade.

Por sua origem conheceu também Nova Friburgo a igreja evangelica. Os colonos do Morro Queimado tiveram por pastor Frederico Sanerbrown que a cidade prezou a ponto de ser nela chamado o bom pastor.

A nossa pequena historia consigna ter tido D. Pedro II infante duas amas de leite suíças, de Nova Friburgo, Maria Marquis Thurler e Maria Catarina Equey, esta antes ama da princesa Paula Mariana, irmã de D. Pedro II. Catarina Equey longeva teve ensejo de acompanhar o reinado do menino imperial de 1825, D. Pedro II até a morte da antiga ama lhe deu residencia e amparo no Paço da Cidade, sucubindo ela em 1878.

Subindo em historia friburguense na cidade e no municipio de Nova Friburgo, de origem suíça ou não encontram-se famílias tradicionais do melhor quilate, os Salusse, os Engert, os Branne, os Clemente Pinto, os Galdino das Neves, os Zamith, os Meyer, os Galdino do Valle, os Rimes, e outros não menos distintos formando a falange da tradição em Nova Friburgo, onde também viveram temporariamente homens de alta recomendação. No caso esteve o barão de Tantphoens, em Nova Friburgo educador como o foi sabiamente em vida inteira dedicada ao Brasil.

Não se comprehende cidade sem imprensa, comprehendase Nova Friburgo com o seu O Friburguense jornal fundado em 1890 por José Antonio da Silva Cardoso.

De certo não nos foi possivel tratar de tudo e de todos de Nova Friburgo. Mas pelo que nele indicamos se avaliará o que de bom e de bons existe na alcançadíssima Suíça Brasileira.



Nossa Terra

FIOS de aço que se lançam em vertigem, furando horizontes, encurtando todas as distâncias.

No bojo dessas máquinas que a mão do homem arrancou de toneladas de ferro bruto e informe mora o progresso, mora a conquista.

O silbo estridente dos apitos e as miríades de centelhas que o sol faz nascer na superfície polida da locomotiva ficam, em meio à quietude virgem das nossas terras, como uma clarinada de energia e força, esplêndido convite para a grande aventura do trabalho.

34.º aniversário da CASA CRUZEIRO

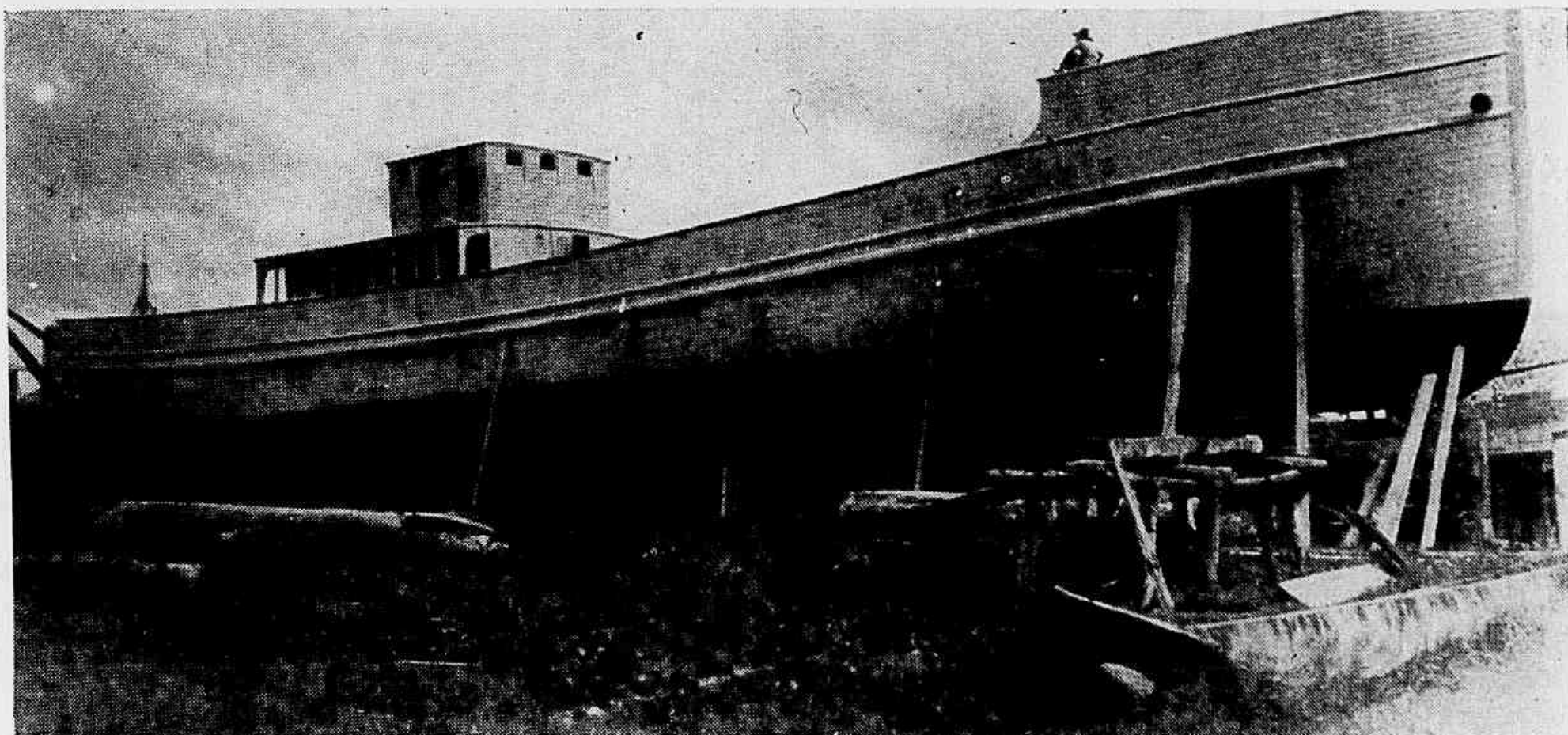
A conhecida CASA CRUZEIRO, o tradicional estabelecimento comercial da Rua Visconde do Rio Branco, 5, o que equivale dizer da Praça Tiradentes, acaba de comemorar mais um ano de existência. Em 34 anos de atividade ininterrupta, a CASA CRUZEIRO grangeou fama e conceito, dominando o mercado de ferragens e ferramentas, louças, cristais e artigos domésticos; fama e conceito pela honestidade dos seus métodos comerciais, domínio pelos baixos preços e sempre boa qualidade das suas mercadorias. Entrando agora no 35.º ano de existência, a CASA CRUZEIRO homenageou a memória dos seus fundadores, Maximino Rodrigues Cruzeiro e Joaquim Rodrigues Cruzeiro, e do seu auxiliar interessado Frederico Benedicto Heim, já falecidos, mandando celebrar missa em ação de graças na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, de que é um flagrante a foto ao lado. No mesmo dia realizou-se um almoço de confraternização, no qual tomaram parte os atuais dirigentes da firma e todos os seus funcionários e suas famílias, que decorreu num ambiente de grande cordialidade e alegria, e do qual a nossa objetiva colheu o aspecto abaixo.



DOS ESTADOS

Toma grande impulso, dada a atenção que lhe vem dispensando o governo, a construção de embarcações no Estado do Espírito Santo.

Só é forte quem domina os mares, quem sulca as largas rotas que se limitam apenas nos horizontes. Todo construído de madeira capichaba, vemos no clichê o navio motor "S. Maleus", com a capacidade de 250 toneladas líquidas de carga. Dentro em pouco, nos caminhos do oceano, o "S. Maleus" estará contribuindo também, para solucionar o problema dos transportes, de magno interesse, muito principalmente em atenção à situação de guerra.



O Vale do Rio Doce

Conferencia do Dr. Israel Pinheiro no Clube de Engenharia

RECONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO VITÓRIA A MINAS — O perfil atual da Vitória a Minas, entre Vitória e Colatina, com rampas de 2,50% e curvas de cem metros de raio, mostra que é nesse trecho onde surgem as grandes dificuldades a serem vencidas. Para isso, dentro do Acôrdo de Washington a Companhia Vale do Rio Doce contratou a assistência técnica de uma firma americana especializada em tais estudos, firma essa que desincumbiu-se brilhantemente da missão, conseguindo uma ótima solução, a qual satisfaz perfeitamente as condições necessárias ao transporte do minério. Realmente, teremos no sentido da exportação, só declives, com apenas uma contra-rampa de 0,5% e curvas de raio mínimo de 200 metros. No sentido da importação, teremos no trecho acima referido, rampas de 1% com curvas compensadas. De Colatina à Sá Carvalho, o trecho apresenta condições técnicas muito boas, necessitando apenas pequenas variantes. De Sá Carvalho a Presidente Vargas, apresenta-se outro trecho difícil, mas, para a exportação do minério, só temos declives e na importação uma contra-rampa que atinge a 2%.

Como o maior problema atual é o da exportação, esse fato não ocasiona maiores tropeços e não dificulta o alcance do nosso objetivo. Será, porém, posteriormente estudada a eletrificação desse trecho, aproveitando-se uma cachoeira com potencial de 25.000 cavalos, ou adotando modificação indicada pelo plano Russel. Ficaremos assim com uma linha que, sem nenhum favor pode ser considerada ótima, ligando Presidente Vargas a Vitória, numa extensão total de cerca de 600 quilômetros.

MATERIAL FIXO E RODANTE — Na reconstrução da linha manteve-se a bitola de 1 metro, si bem que se saiba que o ideal seria a bitola *standard* de um metro e 44 centímetros, não só porque baratearia enormemente a aquisição de todo o material, como facilitaria e daria maior vão ao transporte. Considerando-se, porém, que as duas estradas atualmente em conexão com a Vitória a Minas tem a bitola de 1 metro, a solução adotada está justificada, mesmo porque cerca de 80% da quilometragem das estradas brasileiras tem essa bitola.

Devido a dificuldades do momento, fomos obrigados a adotar trilhos de 75 libras por jarda, ou seja, aproximadamente, 35 quilos por metro, ainda que se julgasse mais aconselhável um trilho mais pesado.

O programa de exportação do minério também ainda pelas dificuldades decorrentes da guerra, tem que sofrer duas etapas. Teremos, portanto, para o primeiro programa ou etapa, a utilização de locomotivas do tipo *Mikado* em número de 18 já adquiridas e oportunamente, no próximo ano, então, serão adquiridas locomotivas tipo *Texas*, em número de 16, com capacidade para rebocar 30 vagões de 60 toneladas,

O VALE DO RIO DOCE é incontestavelmente, mais uma das realizações do Presidente Vargas, que com tanto carinho tem se dedicado aos problemas da metalurgia e do minério no Brasil.

Em virtude do Acordo celebrado em 5 de Março de 1942, entre o Brasil, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, o governo brasileiro encampou, em 1 de Junho do mesmo ano, as Companhias "Brasileiras de Mineração e Siderurgia S. A." e "Itabira de Mineração S. A.", fundando, então, nessa data a Companhia Vale do Rio Doce S. A., que meses depois se organizou definitivamente.

No referido Acordo, firmado em Washington, pelo ministro Souza Costa, o

governo britânico cedeu ao Brasil a propriedade das minas de Itabira, que reunidas à Estrada de Ferro Vitória-Minas, constituem o grandioso patrimônio da Companhia Vale do Rio Doce, cujo presidente nomeado é o sr. Israel Pinheiro, que já se achava na direção do acervo encampado. Tendo se desempenhado com bastante êxito no cargo que lhe foi confiado, e se dedicado a estudos metódicos sobre os interesses do Vale do Rio Doce, o sr. Israel Pinheiro realizou este mês, no Club de Engenharia, perante numerosa assistência, uma bem equilibrada e interessante conferência onde reproduzimos trechos como estes apanhados pela nossa reportagem taquigráfica:



Instantaneo feito após a conferencia, vendo-se os srs. Israel Pinheiro, dr. Edson Passos, presidente do Clube de Engenharia e D. Helvecio Pimenta, arcebispo de Mariana.

líquidas. Os vagões a serem utilizados cuja capacidade está indicada acima, tem apenas uma tara de 15 toneladas, de comprimento reduzido, facilitando grandemente sua movimentação e tráfego. Essas 16 locomotivas serão suficientes para o transporte de todo o minério que não requererá, para atender aos nossos compromissos mais do que oito trens com a velocidade média de 20 quilômetros por hora para um percurso total de 50 horas. A capacidade total entretanto, depois de concluídos todos os serviços será para um transporte de 6.000.000 de toneladas anuais.

PLANO RUSSEL — A Itabira Iron adotava o Plano Russel, isto é, uma linha em extraordinárias condições técnicas que ligaria diretamente Presidente Vargas ao Porto de Santa Cruz, com uma extensão apenas de 498 quilômetros contra os 600 para Vitória. As condições técnicas desta linha indicavam contra-rampa máxima de 0,15%, ou seja, 1,5% por mil em um trecho de 45 quilômetros para chegar a Colatina. No sentido da importação, rampa de 0,3%, em 322 quilômetros e de 0,8% em 81 quilômetros para chegar em Pre-

sidente Vargas. A bitola seria de 1 metro e 60 centímetros e os trens com uma capacidade de 10.000 toneladas.

No momento, porém, não seria exequível a sua construção porque seu custo atingiria cerca de 1.000.000.000 de cruzeiros, não sendo, entretanto um problema a ser desprezado.

Desde que a exportação do minério possa atingir a um total de 8 milhões de toneladas, o custo da estrada passa a representar bem pouco, pois bastaria considerar uma economia de 5 cruzeiros por tonelada de minério para haver uma economia anual de 40.000.000 de cruzeiros. É possível, assim, que no futuro se cogite de executar esse plano, deixando a linha atual exclusivamente para o transporte de mercadorias e passageiros, e a nova só para minérios.

EMBARQUE DO MINÉRIO — Chegando o minério à Vitória, isto é, à estação de Pedro Nolasco, no Continente, uma linha circular permite depositá-lo em silos apropriados já quase concluídos, com capacidade para 30.000 toneladas. Desse silo, por meio de transportadores mecânicos, o minério é conduzido aos navios numa velocidade de 1.600 toneladas

por hora. A construção desse silo foi iniciada pela antiga Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia e está sendo por nós concluído. Como complemento a esta instalação, a Companhia está dragando o canal do porto de Vitória para alargá-lo e aprofundá-lo permitindo que os navios se encostem ao cais do silo.

SERVIÇOS REALIZADOS PELA COMPANHIA:

— Terminou a construção do silo de Vitória e o ramal de Desembargador Drumond a Presidente Vargas.

— Terminou o ramal de Capoeirana a Presidente Vargas, com 26 quilômetros, com trechos pesadíssimos e quasi todos em rocha.

— Completou a esplanada e o parque de manobras em Presidente Vargas, realizando um desmonte de 1.000.000 de metros cúbicos.

— Construiu 40 quilômetros de estradas de rodagem em diversos pontos para servirem ao serviço de mineração, captação de águas e fiscalização das terras da Companhia.

— Construiu um grande campo de aviação e completa, no momento, o seu hangar.

— Iniciou e tem em bom andamento, a Vila para engenheiros e a Cidade Operária.

— Fez o estudo, por intermédio da firma contratada, da linha Vitória a Colatina, estando todos os trechos atacados, numa extensão de 146 quilômetros. (É interessante observar que, melhorando consideravelmente as condições da linha, houve um encurtamento de 15 quilômetros. O único serviço de vulto é um tunel de 360 metros e dois outros pequenos).

CUMPRIMENTO DOS COMPROMISSOS ASSUMIDOS

Nas condições atuais estamos apenas com uma exportação de 7.000 toneladas de minério mensais. Para aumentar essa exportação precisamos primeiramente melhorar as condições técnicas da linha, renovar o material fixo e rodante, pois tudo que foi encontrado na Vitória a Minas era escasso, velho e antiquado. Estamos recebendo dos Estados Unidos 17.000 toneladas de trilho, que darão aproximadamente para 480 quilômetros. Devemos receber até Setembro, próximo, nove locomotivas *Mikado* e 77 vagões, podendo, então passar imediatamente, a exportação, para 16.000 toneladas por mês. Devemos receber em Fevereiro do próximo ano, mais nove locomotivas *Mikado* e 175 vagões, passando a uma exportação de 25.000 toneladas mensais. Logo que tivermos pronto o trecho Colatina a Vitória, daqui a 18 meses mais ou menos, poderemos com as 18 locomotivas *Mikado*, exportar 750.000 toneladas anuais e logo que as condições da guerra permitirem o recebimento das locomotivas *Texas*, passaremos imediatamente à produção e transporte de 1.500.000 toneladas de minério anuais cumprindo assim o compromisso contraído.

BATE-PAPO DE GUERRA

Legendas de SONIA REGINA
Desenhos de LUIS GOULART

*O Amor, fugindo da Sicília:
"Com o fogo não se brinca, hein?"*



— A Itália é o país dos vulcões...

— Vai ver que é por isso que ela está "ardendo" tanto!



— Você conhece algo mais quente e mais perigoso que a Cratera do Vesúvio?

— Conheço.

— Que é?

— O beijo da Mariucha.

— E foi como apoteose! As azas de aço cinilaram às centenas. Depois bombas aliadas cobriram de ruínas as margens do rio Pó...

— Pó... pó... você disse pó, querido?

— Disse, por que?

— Nil agradecimentos, benzinho.

Imagine que só agora lembrei que me faltava comprar o novo tom de pó de arroz da Elisabeth Arden...



A BIBLIOTECA

De LIMA BARRETO
Ilustração de GOULART

A porção que avançava em anos, mais nítidas lhe vinham as reminiscências das coisas da casa paterna. Ficava ela lá pelas bandas da rua do Conde, por onde passavam então as estrondosas e fagulhentas "maxambombas" da Tijuca. Era um casarão grande, cheio de dois andares, rez do chão, chácara chela de fruteiras, rico de salas, quartos, alcovas, povoado de parentes, contra-parentes, fâmulos, escravos e a escada que servia os dois pavimentos, situada um pouco além da fachada, a desdobrar-se em toda a largura do prédio, era iluminada por uma grande e larga claraboia de vidros multicores. Todo ele era assoalhado de pereba de Campos, com vastas tábuas largas, quasi da largura da tora de que nasceram; e as esquadrias, portas, janelas, eram de madeira de lei. Mesmo a coqueira e o albergue da sege de boa madeira e tudo coberto de excelentes e pesadas telhas. Que coisas curiosas havia entre os seus moveis e alfaias? Aquela mobília de jacarandá cabiuna com o seu vasto canapé, de três espaldares, ovalados e vastos, que mais parecia uma cama que mesmo um movel de sala; aqueles imensos consolos, pesados e ainda mais com aqueles enormes jarrões de porcelana da India que não vemos mais; aqueles desmedidos retratos dos seus antepassados, a ocupar as paredes de alto a baixo — onde andava tudo aquilo? Não sabia... Vendera ele aqueles objetos? Alguns; e dera muitos.

Umas coisas, porém, ficaram com o irmão que morrera consul na Inglaterra e lá deixara a prole; outras, com a irmã que se casara no Pará... Tudo, enfim, desaparecera. O que ele estranhava ter desaparecido, eram as alfaias de prata, as colheres, as facas, o coador de chá... E o expevitador de velas? Como ele se lembrava desse utensílio obsoleto, de prata! Era com ternura que se recordava dele, nas mãos de sua mãe, quando, nos longos serões, na sala de jantar, à espera do chá — que chá! — ele o via aparar os morrões das velas do candelabro, enquanto ela, sua mãe, não interrompia a história do príncipe Tatú, que estava contando...

A tia Maria Benedita, muito velha, ao lado, sentada na estreita cadeira de jacarandá, tendo o busto erecto, encostado ao alto espaldar, ficava ao lado, com os braços estendidos sobre os da cadeira, o tamborete aos pés, olhando atenta aquela sessão familiar, com o seu agudo olhar de velha e a sua hierática pose de estátua tebana tumular... Eram os nhonhês e nhanhães, nas cadeiras; e as crias e molecotes acorados no assoalho, a ouvir... Era menino...

O aparelho de chá, o usual, o de todo o dia, como era lindo! Feito de uma louça negra, com ornatos em relevo, e um discreto esmalte muito igual de brilho — donde viera aquilo? Da China, Da India?

E a gamela de bacurubú em que a Inácia, a sua ama, lhe dava banho — onde estava? Ah! As mudanças! Antes nunca tivesse vendido a casa paterna...

A casa é que conserva todas as recordações de família. Perdida que seja, como ela se vinga fazendo dispersar as relíquias familiares que, de algum modo, conservavam a alma e a essência das pessoas queridas e mortas... Ele não podia, entretanto, manter o casarão... Foi o tempo, as leis, o progresso...

Todos aqueles trastes, todos aqueles objetos, no seu tempo de menino, sem grande valia, hoje valeriam muito... Tinha ainda o bule do aparelho de chá, um escumador, um "guéridon" com trabalho de embutido... Si ele tivesse (insistia) conservado a casa, te-lo-ia todos hoje, para poder rever o perfil aquilino, duro e severo do seu pai, tal qual estava ali, no retrato de Agostinho da Mota, professor de Academia; e também a figurinha de Sèvres que era sua mãe em moça, mas que os retratistas da terra nunca souberam pôr na tela. Mas não pode conservar a casa... A constituição da família carioca foi insensivelmente se modificando; e ela era grande demais para a sua. De resto, o inventário, as partilhas, a diminuição de rendas, tudo isso tirou-a dele. A culpa não era sua, era da marcha da sociedade em que vivia...

Essas recordações lhe vinham sempre e cada vez mais fortes, desde os quarenta e cinco anos; estivesse triste ou alegre, elas lhe acudiam. Seu pai, o conselheiro Fernandes Carregal, tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e lente da Escola Central, era filho do sargento-mór de Engenharia e também lente da Academia Real Militar que o conde de Linhares, ministro de D. João VI, fundou em 1810, no Rio de Janeiro, com o fim de se desenvolverem entre nós os estudos de ciências matemáticas, físicas e naturais, como lá diz o ato oficial que a instituiu. Desta academia todos sabem como vieram a surgir a atual Escola Politécnica e a extinta Escola Militar da Praia Vermelha. O filho de Carregal, porém, não passara por nenhuma delas; e, apesar de farmacêutico, nunca se sentira atraído pela especialidade dos estudos do pai. Este dedicara-se a seu modo e a nosso jeito à química. Tinha por ela uma grande mania... bibliográfica. A sua biblioteca a esse respeito era completa e valiosa. Possuía verdadeiros incunábulo, si assim se pode dizer, da química moderna. No original ou em tradução lá havia preciosidades. De Lavoisier, encontravam-se quasi todas as memórias, além do seu extraordinário e sagacíssimo *Traité Elementaire de Chimie présentée dans un ordre et d'après les découvertes modernes*.

O velho lente, no dizer do filho, não podia pegar nesse respeitável livro que não fosse tomado de uma grande emoção:

— Veja só, meu filho, como os homens são maus! Lavoisier publicou esta maravilhosa obra no início da Revolução a qual ele sinceramente aplaudiu... Ela o mandou para o cadafalso — sabe você por que?

— Não, papai.

— Porque Lavoisier tinha sido uma espécie de coletor ou coisa parecida no tempo do rei. Ele o foi, meu filho, para ter dinheiro com que custeasse as suas experiências. Veja você como são as coisas e como é preciso ser mais do que homem para bem servir aos homens.

Além desta gema que era a sua menina dos olhos, o conselheiro Carregal tinha também o Proust, *Novo sistema de filosofia química*; o Priestley, *Expériences sur les diffé-*



rentes espèces d'air; as obras de Guyton de Morveau; o *Traité* de Berzelius, tradução de Hoefer e Eslinger; a *Statique Chimique* do grande Bertholet; a *Química Orgânica* de Liebig, tradução de Gerhardt — todos livros antigos e sólidos, sendo dentre eles o mais moderno as *Lições de filosofia química*, de Wurz, que são de 1864; mas o estado do livro dava a entender que nunca tinham sido consultadas. Havia mesmo algumas obras de alquimia, edições dos primeiros tempos da tipografia, enormes que exigem ser lidas em altas escrivatinhas, o leitor de pé com um burel de monge ou nigromante; e, entre os desta natureza, lá estava um exemplar do — *Livre des Figures Hiéroglyphiques* que a tradição atribue ao alquimista francês Nicolau Flamel.

Sobravam porém, além destes muitos outros livros de diferente natureza, mas também preciosos e estimáveis: um exemplar da *Geometria* de Euclides, em latim, impresso em Upsal, na Suécia, nos fins do século XVI; os *Princípios* de Newton, não a primeira edição, mas uma de Cambridge, muito apreciada; e as edições "princeps" da *Mécanique Analytique*, de Lagrange, e da *Géométrie Descriptive*, de Monge.

Era uma biblioteca rica assim de obras de ciências físicas e matemáticas que o filho do conselheiro Carregal, há quarenta anos para cinquenta, piedosamente carregava de casa em casa, aos azares das mudanças, desde que perdera o pai e vendera o casarão em que ela quietamente tinha vivido durante dezenas de anos, a gosto e a vontade.

Poderão supor que ela só tivesse obras dessa especialidade; mas tal não acontecia. Encontravam-se lá os clássicos latinos: a *"Voyage au tour du monde"*, de Bougainville; uma *"Nouvelle Heloise"*, de Rousseau, com gravuras abertas em aço; uma linda edição dos *Lusiadas*, em caracteres elzevrianos; e um exemplar do *"Brasil e a Oceania"*, de Gonçalves Dias, com uma dedicatória, do próprio punho do autor, ao conselheiro Carregal.

Fausto Carregal, assim era o nome do filho, até ali nunca se separara da biblioteca que lhe coubera como herança. Do mais que herdara, tudo dissipara, bem ou mal; mas os livros do conselheiro, ele os guardara intactos e conservados religiosamente, apesar de não os entender. Estudara alguma coisa, era até farmacêutico, mas, sempre vivera alheado do que é verdadeiramente a substância dos livros — o pensamento e a absorção da pessoa humana neles.

Logo que pôde, arranjou um emprego público que nada tinha a ver com o seu diploma, atogou-se no seu ofício burocrático, esqueceu-se do pouco que estudara, chegou a chefe de seção, mas não abandonou jamais os livros do pai que sempre o acompanharam, e as suas velhas estantes de vinhático com incrustações de madrepérola.

A sua esperança era que um dos seus filhos os viesse a entender um dia; e todo o seu esforço de pai sempre se encaminhou para isso. O mais velho dos filhos, o Alvaro, conseguiu ele matriculá-lo no Pedro II; mas logo, no segundo ano, o pequeno meteu-se, em calçadas de namoros, deu em noivo e, mal fez dezoito anos, empregou-se nos Correios,

(Continua na pag 47)

Horizontes que se perdem nas distâncias, céu puro e límpido onde o sol derrama, com carinho, calor e luz para um povo que gargalha com todos os dentes e se expressa com todos os pontos de exclamação: Espanha!

Há músicas no ar e danças na atmosfera: e enquanto os instrumentos vibram e tigem, a rapariga, que jamais dançou, sente o sangue circular mais rápido e mais quente, o coração apressar-se descompassadamente, enquanto seus músculos insensivelmente acompanham o compasso da melodia, fazem-na deslizar, oltear, e castanholar com os dedos, executar a dança da raça, do país do sol e do ruído, das mantilhas e das touradas, do sangue e da paixão!

Será filha de alguma tribo nômade de zingaros, exteriorizando a alegria dos horizontes largos, dos campos extensos onde canta a música, gargalha a alegria e mora a liberdade? Ou será, então uma figura anônima da plebe na França medieval, corporificando a ventura e a felicidade, na dança que executa? Não indagemos. Examinemos apenas a graça dos movimentos, a espontaneidade dos gestos a delicadeza da dança. A bailarina vive a música que a encanta, nos volteios, nos rodopios, nas flexões: seu corpo vibra com a vibração das cordas sonoras e acompanham o cadenciado do "tam-tam" do instrumento que ela mesma fere.

Imita o bramir das cachoeiras; guarda o som do oceano verde e bravio que se levanta em colunas de safira e se abate em lençol de espumas; repete o eco das montanhas que furam o céu; retrata o estouro da "pororoca" do rio-mar selvagem e indomável, e cicia a canção da brisa ou o farfalhar das palmeiras esguias do nordeste, dos pinheiros recortados do sul ou das frondes seculares do oeste! Fala da luta do homem contra a natureza luxuriante e virgem, das lendas, bonitas e simples, que passam de geração para geração; das superstições e das crenças ingênuas e pitorescas que nasceram ao redor das fogueiras na "ocara" do selvícola, na senzala do cativo, no tombadilho do marinheiro...

Tudo isso se sente quando Eros Volusia se move, quando Eros Volusia dança, porque Eros Volusia é a evocação do Brasil-lendário, do Brasil-brasileiro!

ELA visitou os jardins suspensos da Babilônia e esteve na corte de Assurbanipal; deslumbrou Ramsés e foi admirada por David, o predileto do Senhor; fez parte da alma helênica, esteve na Acrópole de Atenas, no Oráculo de Delfos e imperou sob o céu azul da Grécia. compareceu aos luxuosos salões romanos e encantou Cleópatra e Marco Antonio no Egito; esteve presente na resistência de Cartago e se mirou nas águas da Veneza dos "doges"; fez parte do cerimonial místico dos pagodes chineses e encheu os longos serões dos castelos medievais; gargalhou com os

BAILARINA

- A "GLOBE-TROTTER" DIFERENTE



Na monotonia e na imobilidade do branco e do frio, a bailarina é o contraste alegre e vivo, de cor e de movimento. Fazendo curvas esquisitas, desenhando figuras estranhas, rabiscando arabescos exóticos, ela desliza e pára, corre e gira, salta e estaca; fala de uma história atôa de um povo que mora junto do polo, da menina que se perdeu na charneca gelada, do lobo mau que está com fome e do cavaleiro andante, moço e belo, forte e nobre: da dor e da felicidade... e a música continua na dança brusca e encantadora, branca e quente, no frio ambiental.



Na atmosfera quente e mística da Índia ha miasmas e superstições, indolência e amor, paixões e perigos, corpos bronzeados, volutuozos e impulsivos e música dolente, monótona como a vida, sensual como o povo.

A música de som uniforme propicia a graça dos deuses, encanta os répteis e produz requiebros e meneios, mesuras e reverências, gestos de súplica e de oferenda, nos corpos mornos que oscilam, tremem, tremem, suspiram e desfalecem porque a dança, que é sagrada, é quase divina e a bailarina, possuída pela música, sente e compreende as divindades.

árabes nos oasis e comemorou a vitória dos cruzados em Jerusalém; deu fama a Salomé e brincou sob as ameixeiras floridas do oriente; brilhou na corte de Luiz XV e esteve em Londres, no palácio real; exultou com a queda da Bastilha e aproximou Romeu de Julieta; foi aos harems maometanos e veio com os colonos ingleses para a América; Cabral encontrou-a nas festas dos aborígenes da Terra de Santa Cruz e animava a alegria ruidosa dos zingaros; fazia parte do ritual azteca e enchia de cor e som os terreiros de Havai; propiciou o romance de Gonzaga e Mariília e, de verde e amarelo, comemorou a independência do Brasil; hoje está no palco de todos os países, nas festas de todas as raças, em todos os meridianos, sob todos os paralelos, a "globe-trotter" que acompanhou o homem em todos os seus empreendimentos: a bailarina.

No seu traje característico de coloridos diversos e de forma variada, rodopiando, deslizando, sal-

Ritmo moderno, de país novo, com a estrepitosa e a celeridade do progresso que ruga no apito das fábricas no silvo dos expressos aerodinâmicos, no zumbido dos bólidos aéreos, no matraquear das máquinas diversas que escavam o solo, empilham centenas de cavernas de aço, furam as nuvens e aproximam o homem do céu: bailarina dos Estados Unidos da América do Norte.

tando, executando movimentos agora rápidos, depois lentos, transbordante de vida, possuída da música, ela agrada, prende, encanta, é uma festa para os sentidos humanos e se immortaliza na história dos povos.

Aqui um gesto, ali uma expressão; cá um traço alegre, lá um ponto esmaecido, acolá uma silhueta apenas; agora movimento, depois mancha de cor, traço colorido que se agita e estremece, que vive as nuances da música, que corporifica a sinfonia, a bailarina.

Mãos que se curvam e se distendem, que se aconchegam e alçam vãos; pernas que são colunas, colunas esquisitas que terminam em um ponto, na extrema ponta do pequenino pé, rígido e vertical; corpo sinuoso mal encoberto sob a gaze branca e diáfana, vibrátil e irrequieto, que imita o fluxo e o refluxo das ondas, o desabrochar das flores, o deslizar da brisa, o fenecer das rosas; silhueta branca, libélula insensata e linda atraída pelo encanto da música, chama que a transforma e a observa.

na num magnífico conjunto harmonioso de movimento, de cor e de som, caracteriza um povo, fala de uma raça e conta a evolução e a história da humanidade.

II Interamericana de Advogados



EM PETROPOLIS — Flagrante do almoço oferecido aos congressistas pelo interventor Amaral Peixoto, no Tenis Clube de Petropolis



VISITA A' FAMILIA IMPERIAL — Os advogados americanos, que estiveram em Petropolis, visitaram a familia imperial brasileira, ocasião em que se fez a fotografia acima.



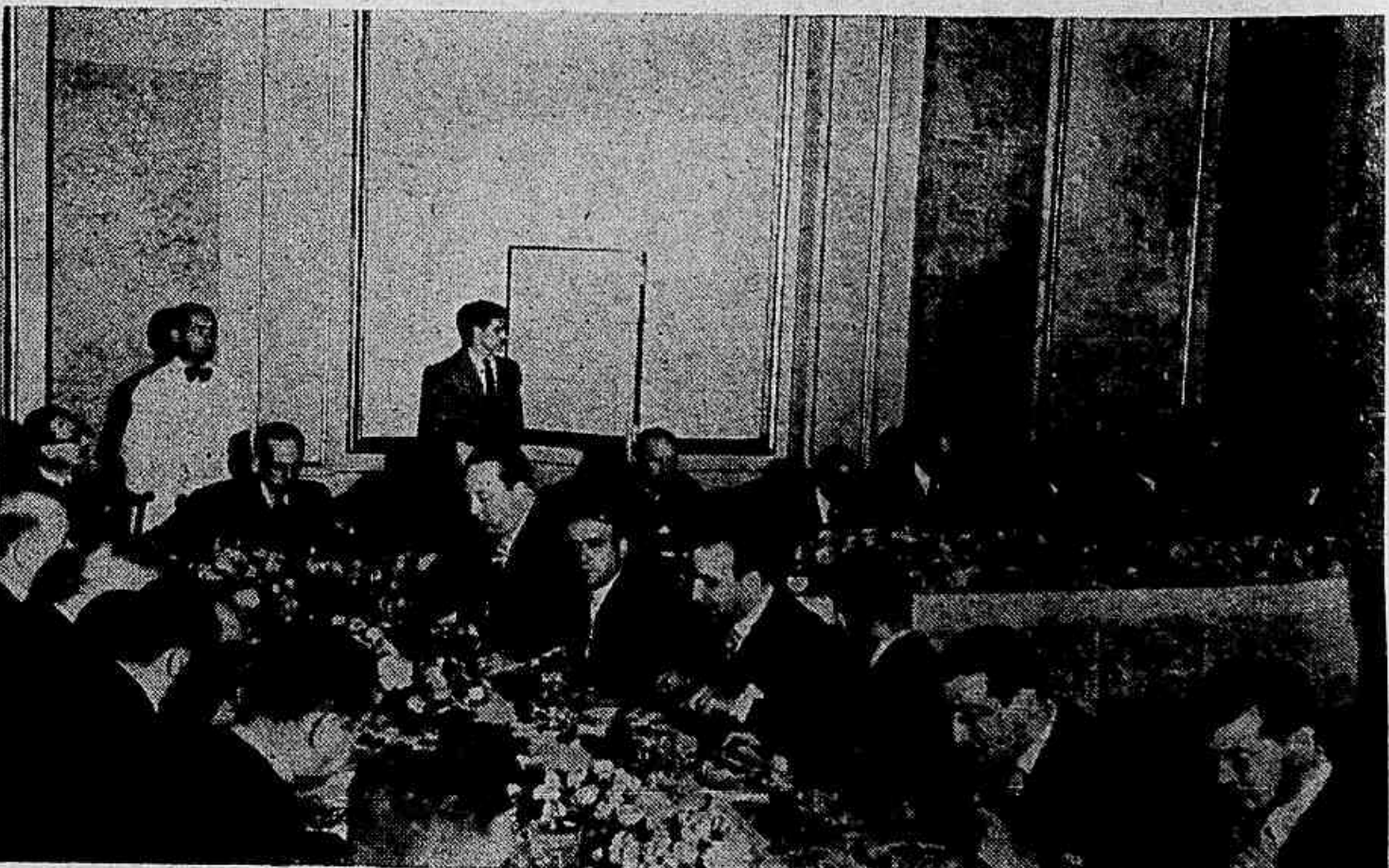
NO PALACIO DA GUERRA — Grupo tirado durante a recepção do titular da pasta da Guerra aos membros da II Conferência Inter-americana de Advogados, destacando-se o gal. Eurico Gaspar Dutra, dr. Julio Guani, presidente da Côrte Suprema do Uruuguai, gal. Candido Rondon e dr. Miranda Jordão.



ALMOÇO-SESSAO PRESIDIDO PELO MINISTRO EDUARDO ESPINDOLA — Aspecto do almoço sessão presidido pelo ministro Eduardo Espindola, presidente do Supremo Tribunal Federal, quando falava o ministro Jean Désy, do Canadá.



NO PALACIO DA MARINHA — Os advogados americanos estiveram no Palácio da Marinha, onde foram recepcionados pelo ministro Aristides Guilhem. Flagrante do momento em que s. exia. discursava, saudando os recepcionados.



ALMOÇO SESSAO NO ITAMARATI — Teve lugar no Palácio Itamarati o ultimo almoço-sessão a que compareceram todos os membros das delegações americanas, sob a presidência do ministro Leão Veloso, sentando-se às cabeceiras os chefes das representações.



SESSÃO SOLENE NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — O ministro Eduardo Espindola homenageou os presidentes dos Supremos Tribunais do Chile e Uruguai, respectivamente, dr. Carlos Alberto Novoa e Julio Guani, recepcionando-os em sessão solene do Supremo Tribunal Federal, com a presença das representações americanas ora no Rio. Os homenageados assentaram-se ao lado do ministro Eduardo Espindola, mostrando a fotografia o momento em que o dr. Carlos Alberto Novoa agradecia a homenagem.

NO TEATRO MUNICIPAL — Flagrante tomado no espetáculo oferecido em honra dos advogados pan-americanos, van do-se o Prefeito Dr. Henrique Dodsworth e Snra. S. Excia. o Embaixador da Bolívia e Snra.



SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO — Realizou-se, no Palácio Tiradentes, a sessão solene de encerramento da II Conferência Inter-Americana de Advogados, presidida pelo embaixador Leão Veloso e a que compareceram todas as representações que participaram

do conclave. Nas fotografias vemos o dr. Carlos Eduardo Stolk, delegado-chefe da representação da Venezuela, pronunciando seu discurso e um aspecto do recinto. No primeiro plano a delegação argentina.

Encerraram-se, no dia 13 do corrente, os trabalhos da II Conferência Inter-americana de Advogados, nesta cidade, em conjunto com as comemorações do 1.º Centenário de Fundação do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Contando com o comparecimento de representações de quase todas as nações americanas, esta conferência, em que se reuniram os mais afamados juristas do continente, obteve o êxito esperado, tendo sido aprovadas importantes teses sobre assuntos diversos, principalmente sobre os problemas de após guerra, economia americana, aumento de intercâmbio cultural, unificação das normas de direito internacional e comercial, etc.

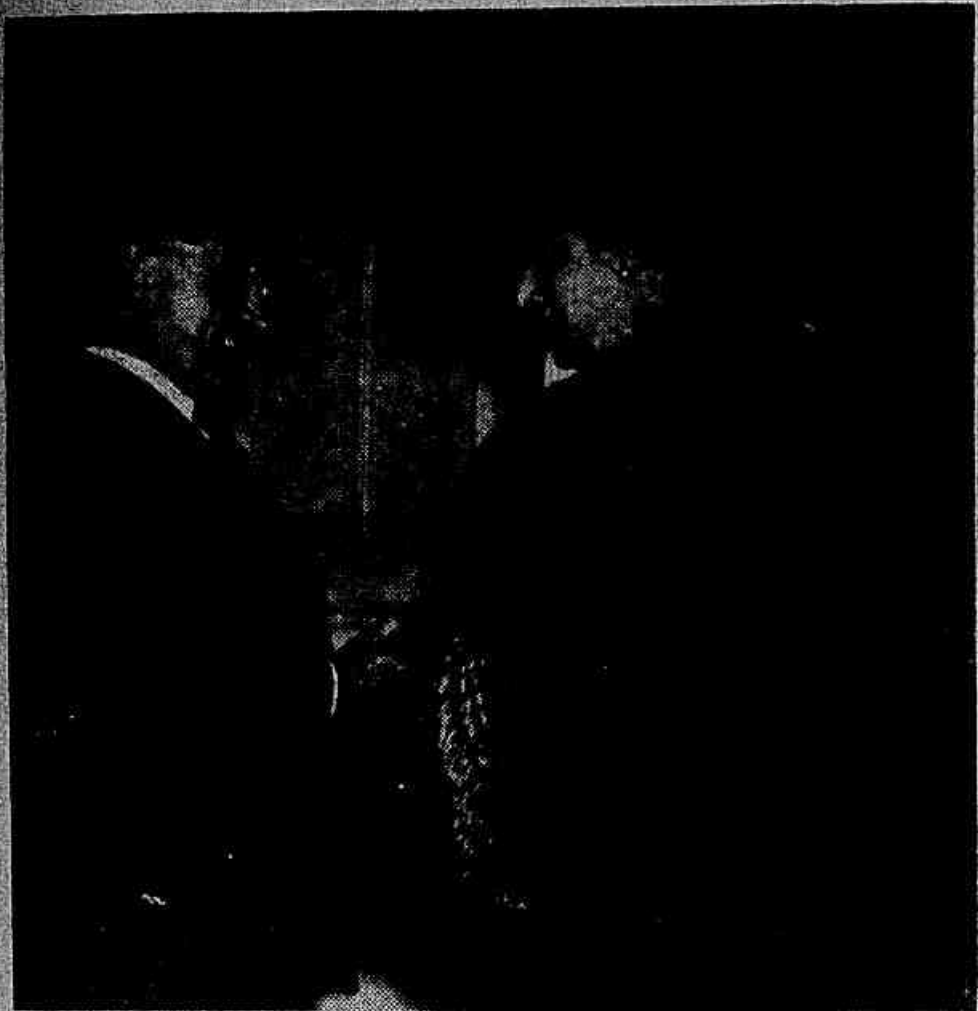
Ao par do êxito jurídico da Conferência, não podemos deixar de nos reportar ao êxito político, pois que os países americanos, mais uma vez, deram prova cabal de que se pode trabalhar socegradamente, por meio da razão. Sem necessitar de recorrer à força bruta e a truques de diplomacia. A cordialidade reinante não poderia ter sido maior e mais sincera e disto faz prova o modo mesmo como foram resolvidos os problemas propostos, todos por aclamação, o que mostra a unidade de pontos de vistas existentes nas Américas.

Encerrando com chave de ouro a II Conferência, aclamou-se a cidade do México para sede da III Conferência, por proposta do chefe da delegação argentina, dr. J. Honorio Silgueira, tendo sido aceita a indicação pelo representante mexicano.

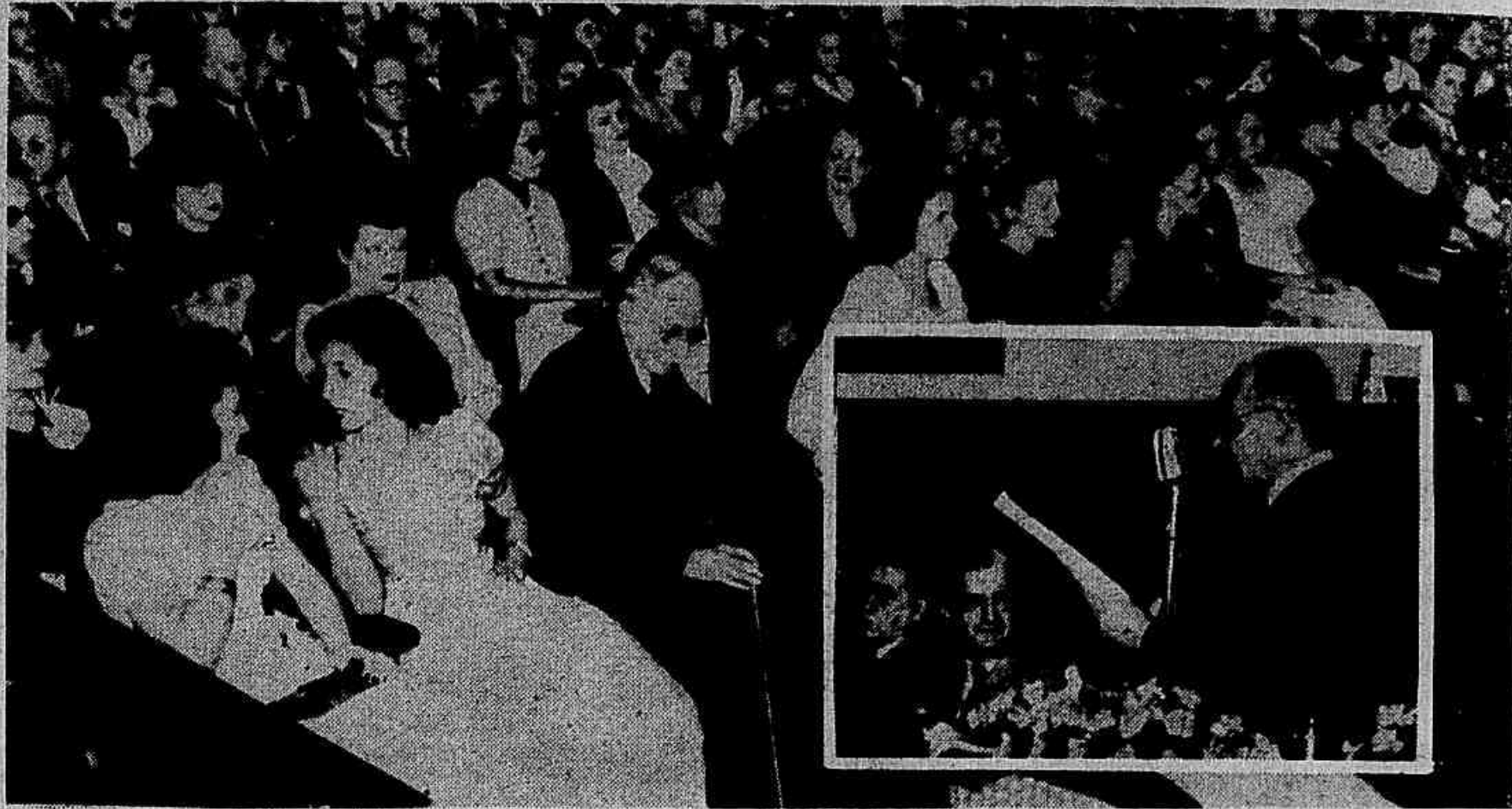


BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO — No salão do Automovel Clube do Brasil, teve lugar o banquete de confraternização dos advogados das Américas, presidido pelo sr. Marcondes Filho, ministro da Justiça, e do qual damos um aspecto, acima. Com este agape, despediram-se as delegações que nos honraram com suas visitas.

Figuras e Fatos



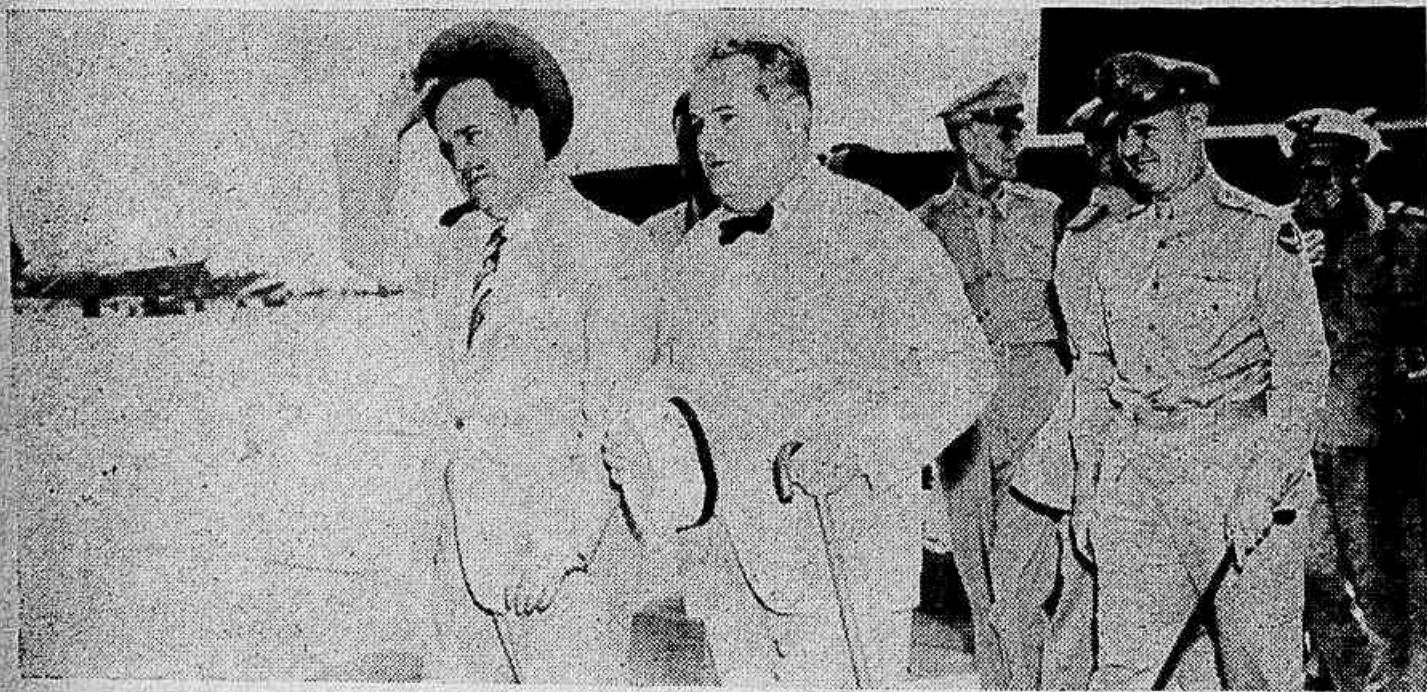
A sra. Celia Alvarez Amézaga, esposa do presidente do Uruguai, em visita ao nosso país, quando era recebida pelo chefe de governo.



Dois aspectos da solenidade comemorativa do primeiro jubileu da Academia Fluminense de Letras, vendo-se um flagrante da parte da considerável assistência e um recanto do recinto academico, achando-se na tribuna o orador da noite, membro fundador da instituição, sr. Lacerda Nogueira, quando produzia a sua palestra, que obedeceu ao seguinte assunto: "Curiosidades do historico da academia" (Homens e fatos — austeros e boêmios — As mulheres e a Academia — Incidentes pitorescos — Retratações doutrinarias — Humorismo e humoradas).



ALMOÇO ANUAL DOS MEDICOS DE 1904 — O "cliché" acima mostra um grupo formado por ocasião do almoço de confraternização no qual se reúnem anualmente os medicos formados em 1904 pela Faculdade Nacional de Medicina. Compareceu a esta festa de amizade, como convidado de honra, o Dr. Vital Brasil. O illustre cientista aparece na gravura, assinalado pela cruz.



MINISTRO SALGADO FILHO CHEGA A WASHINGTON — Aspecto da chegada do ministro Salgado Filho á capital norte-americana, quando era recebido no aeroporto pelo dr. Carlos Martins, embaixador do Brasil e altas autoridades militares americanas.
(Foto da INTER-AMERICANA).



NO SINDICATO DOS FERROVIARIOS DA LEOPOLDINA — Fotografia tirada no palco. Veem-se os srs. José Ubaldo da Silva, representante da interventoria do Sindicato dos Ferrovíarios; Agostinho Barradas, Moran de Araujo e Fernando Capovilla, membros da comissão; e os artistas que tomaram parte no programa do festival do Departamento Social daquele Orgão de Glasse, realizado com grande exito no dia 31 de Julho ultimo.

RESTAURANTE E BAR
CHURRASCOS TÍPICOS A GAUCHA
COSINHA INTERNACIONAL

CHURRASCARIA
SÃO BORJA

EXECUTAM-SE CHURRASCOS EXTERNOS
PRAIA DO FLAMENGO, 64-A, Fone-25-5134
ABERTO DIA E NOITE

RASCUNHOS LONDRINOS

SEMPRE VENCEDOR !

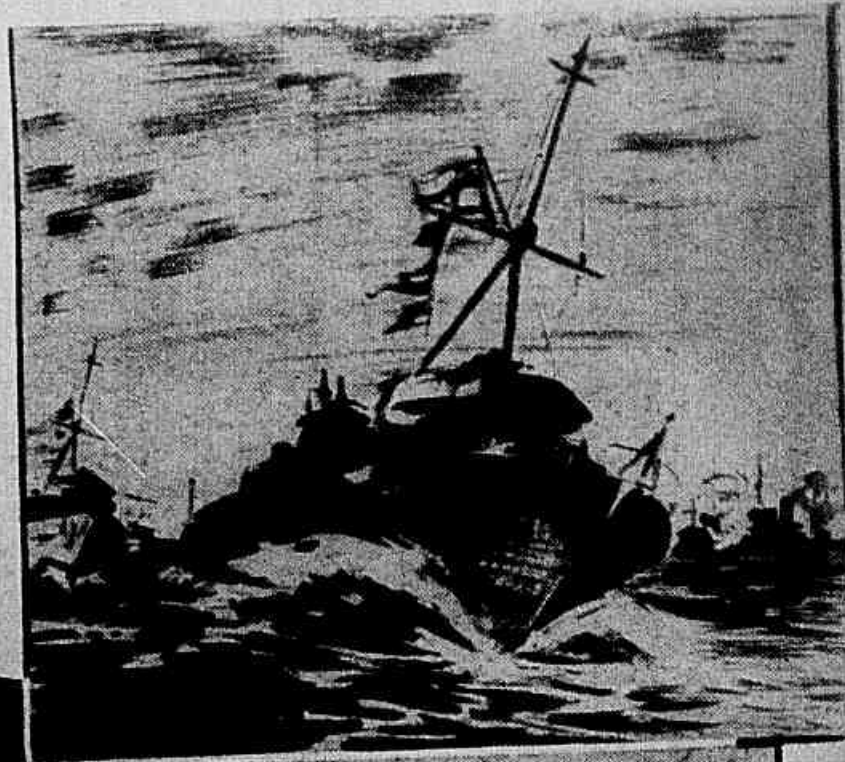
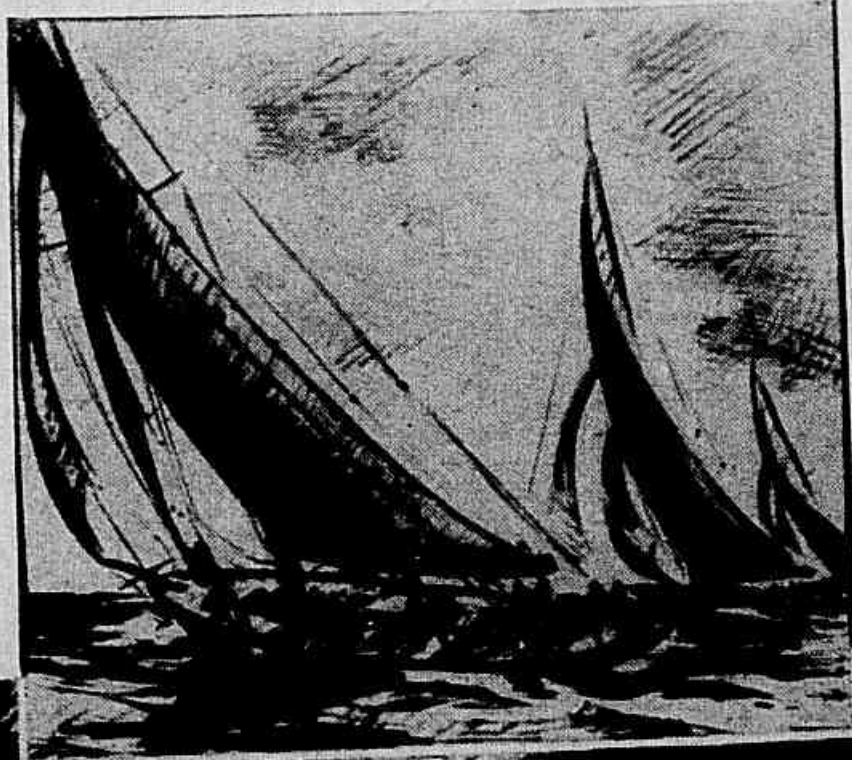
Copyright B. N. S. especial para a REVISTA DA SEMANA.

Londres. — O tenente da marinha de guerra Gemmel sempre desafiou os alemães no mar, na paz e na guerra, e sempre saiu vencedor. A sua vitória de época de paz ocorreu no verão de 1938 quando ganhou a regata do Royal Ocean Racing Club, de Dover à Noruega em seis dias e meio — deixando atrás dele nada menos do que seis campeões germanicos. Nos encontros belicos revelou-se adversario igualmente formidavel derrotando os "competidores" alemães de maneira estrondosa.

Era pouco antes da meia noite quando o tenente Gemmel, que comandava uma força de botes torpedeiros britânicos, avistou tres caça-minas alemães ao largo da costa holandesa de Terschelling. Como o seu verdadeiro objetivo fosse um grande comboio inimigo não sentiu nenhuma disposição para atacar os caça-minas, mas antes que tomasse uma decisão final aqueles abriram fogo e o tenente teve de conduzir a sua força ao ataque.

Os botes torpedeiros britânicos se aproximaram até uma distancia de 200 jardas, responderam ao fogo e lograram acertar um projétil logo na primeira salva, que deixou um dos caça-minas em chamas. Gemmel ordenou então á sua força que fizesse meia volta, pois a claridade produzida pelo barco incendiado permitira conhecer a posição do comboio. Partindo rumo ao objetivo a formação inglesa se viu diante de um navio-tanque, de tamanho medio, e de dois navios mercantes inimigos escoltados por cinco traineiras munidas de baterias anti-aereas.

Os botes torpedeiros conseguiram penetrar na cortina defensiva do adversario, conseguindo novamente acertar impactos diretos, dessa vez contra o navio-cisterna. Mas a verdadeira luta começou com a chegada de dois contra torpedeiros inimigos, que abriram fogo com os seus canhões contra os barcos britânicos. Um destes foi atingido pouco depois e foi avistado pela ultima vez quando procurava afastar-se sob a proteção de uma cortina de fumaça. Nesse meio tempo o tenente Gemmel teve o seu bote alvejado pelos canhões contrarios, mas mais uma vez os ardis táticos do brilhante oficial britânico lograram os alemães e ele ponde retirar a sua força do combate deixando o navio-tanque, um caça-minas e uma traineira em chamas, atraz de si, enquanto seguia em perseguição ao comboio.



DESAFIO A' MORTE

Londres. — O bombardeio aereo atingia a intensidade máxima. As bombas choviam sobre Malta, a ilha que se mostrou invencível durante longos meses dos mais intensos ataques aereos que a Luftwaffe podia desferir. Ancora-do no porto, ao lado de outros navios de suprimento aliados que haviam aberto caminho até a sitiada fortaleza britânica, havia um navio-tanque cheio de petroleo, cuja segurança constituia motivo de grave preocupação para os tripulantes atentos das demais unidades. Não decorreu muito tempo até os seus re-cios se realizarem, pois o navio recebeu um impacto direto e foi presa de chamas.

Em um dos navios vizinhos dois marinheiros



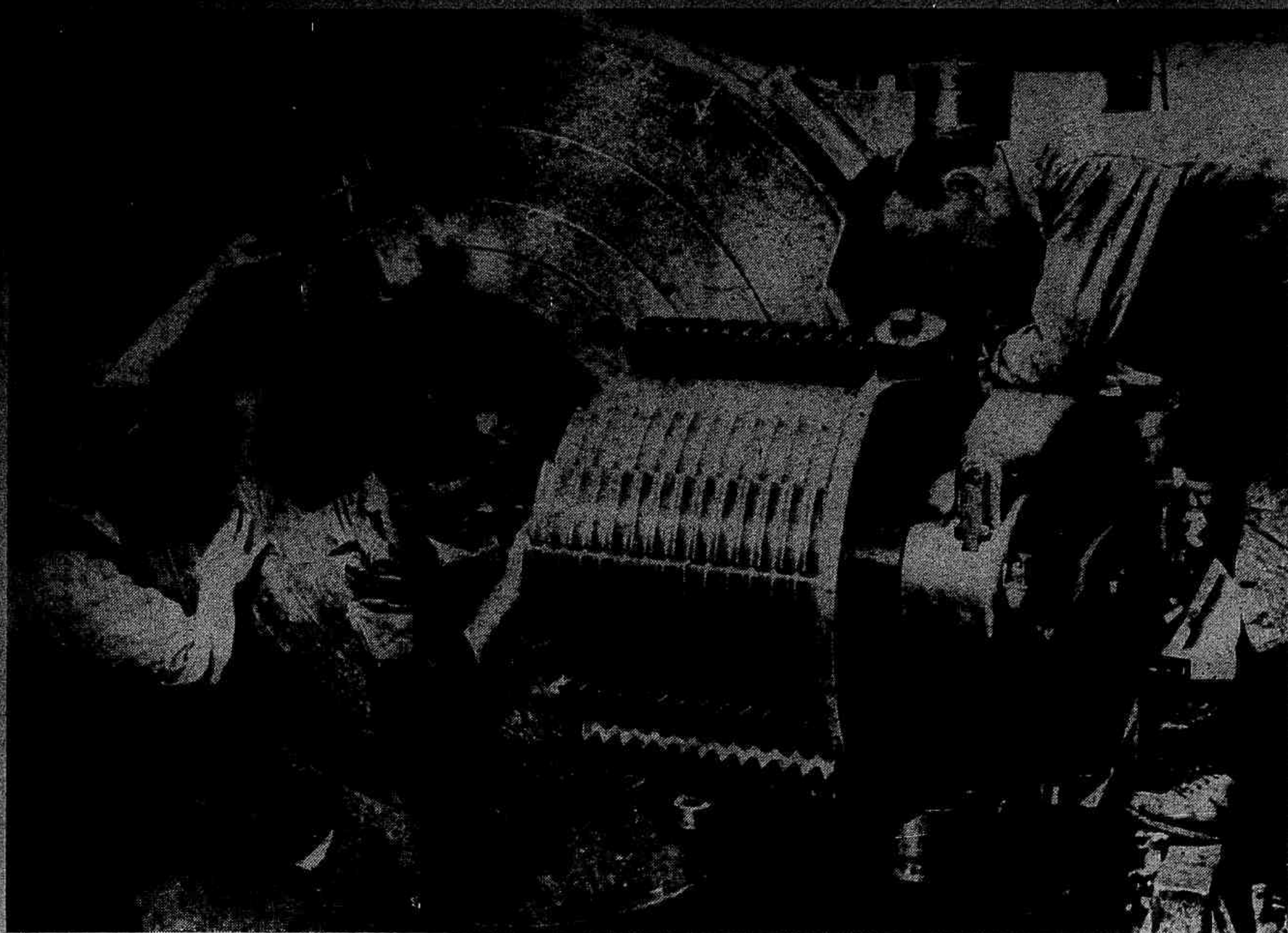
ros da sala das máquinas, um deles chamado John Stewart, compreenderam que a situação era desesperada. O navio-cisterna, tendo rompido os cabos que o prendiam ao cais, afastara-se deste ultimo e achava-se prestes a adernar e afundar, enquanto o fogo se propagava com rapidez. Era evidente, para os dois homens, que havia apenas uma decisão a tomar e, enquanto no alto prosseguia com violencia o raide aereo, arrearum um pequeno bote e dirigiram-se a toda a pressa para perto da embarcação incendiada.

Envolvidos por densas nuvens de fumaça e em meio a um calor terri-el John e o seu companheiro aproximaram-se do navio-tanque e sem temor pela possibilidade de uma explosão ou de sucumbirem ao calor, acostaram e subiram para bordo. Um breve exame indicou que o fogo se limitava principalmente á super-estrutura e durante duas horas trabalharam furiosamente, empregando um extintor de incendio e baldes de agua. Conseguindo controlar o fogo desceram para verificar os danos ocasionados.

Um exame atento e cauteloso mostrou que o barco fora perfurado por estilhaços de bombas nos dois lados, embora num dos costados os orificios estivessem acima da linha d'agua em consequencia da inclinação. Começaram a tapá-los tão rapidamente quanto possível, num afan medonho, empregando pequenos batoques de madeira para os buracos menores e tapando os maiores com roupas de cama, pedaços de pão e tudo mais que encontraram.

Dirigindo-se, depois, para o compartimento das caldeiras defrontaram um problema mais difícil pois o declive das escadas era tal que quasi não as pod'am descer e, nesse meio tempo, o navio está em perigo de virar sobre um dos lados. Mas conseguiram assim mesmo o objetivo e, fechando o vapor, começaram a trabalhar nas mais terríveis condições — arrastando-se com agua e petroleo até os joelhos. Devido á força com que irrompia a agua pelos buracos maiores abaixo da linha d'agua foi impossível para os dois homens, sós, tapá-los. Felizmente, na ocasião mais necessaria, chegou auxilio e os dois marinheiros foram ajudados no serviço de inundar certas partes do barco para que se equilibrasse de novo. Assim, graças ao heroismo de dois marinheiros britânicos, foi salvo um carregamento precioso.





LONDRES. — Quando um grande canhão é disparado, pode enviar um obus pesando 2.460 libras através do espaço até um alvo situado a 20 milhas de distancia. As grandes peças de artilharia que podem realizar essa proeza são, na verdade, os canhões navais, mas estes podem ser usados em terra para o ataque a objetivos distantes situados á retaguarda das linhas inimigas. Os ultimos tipos de grandes canhões aliados são os de 14 polegadas, pois quanto maior for o canhão, mais tempo será preciso para carregá-lo e, portanto, haverá um intervalo maior entre os tiros. Somente uma pequena percentagem dos obuses atirados pelos canhões de grandes proporções atinge realmente o alvo. Talvez um, sobre dez, ou mesmo menos. Por isso esse fogo mais pesado, mas também mais moroso, é considerado menos efetivo do que os obuses mais leves disparados mais rapidamente.

Recentemente a mecanização ampliou o uso dos grandes canhões. Utilizam-se tratores possantes para conduzi-los a posições que, anteriormente, seriam consideradas inacessíveis. As grandes peças de artilharia operavam antes unicamente de fortalezas permanentes, mas agora que podem ser facilmente transportados, são muitas vezes utilizadas juntamente com as panzer, no campo de batalha. Embora o alcance dos maiores canhões seja de cerca de 20 milhas, nas ações reais não são disparados a mais do que 15 milhas dos objetivos, sendo de 10 milhas a distancia mais usual.

E' grande o trabalho para carregar esses enormes canhões. A carga que expulsa o obuz da peça é separada do proprio obus, e cada um é introduzido separadamente na culatra. Compreende-se o motivo quando se sabe que um obús pesa 2.460 libras — muito mais de uma tonelada — e a carga 640 libras. Se os pesos fossem combinados, a munição se tornaria excessivamente pesada e de difícil manejo. A carga é composta de cordite, uma mistura de nitro-

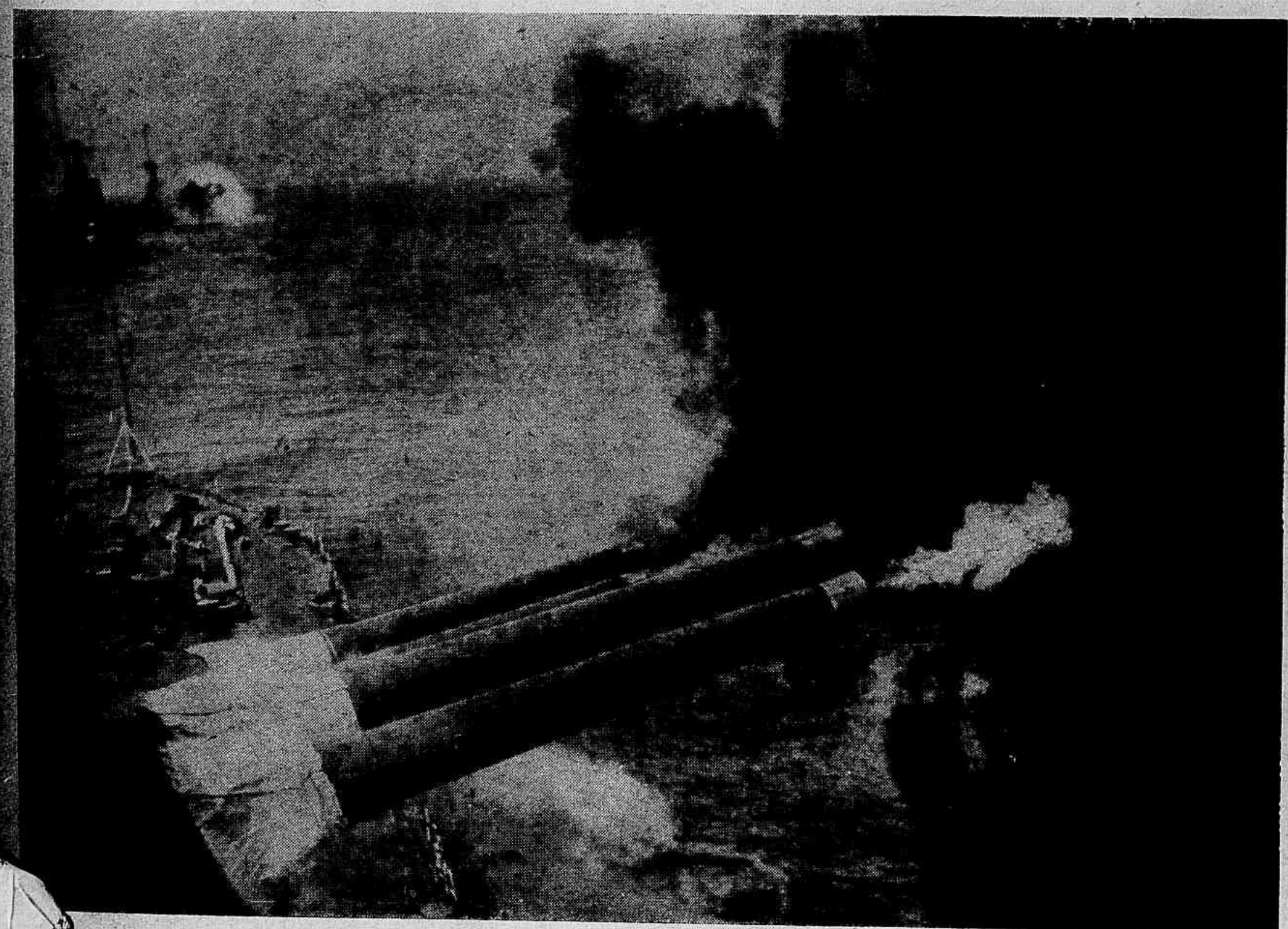
TÊM A PALAVRA OS CANHÕES

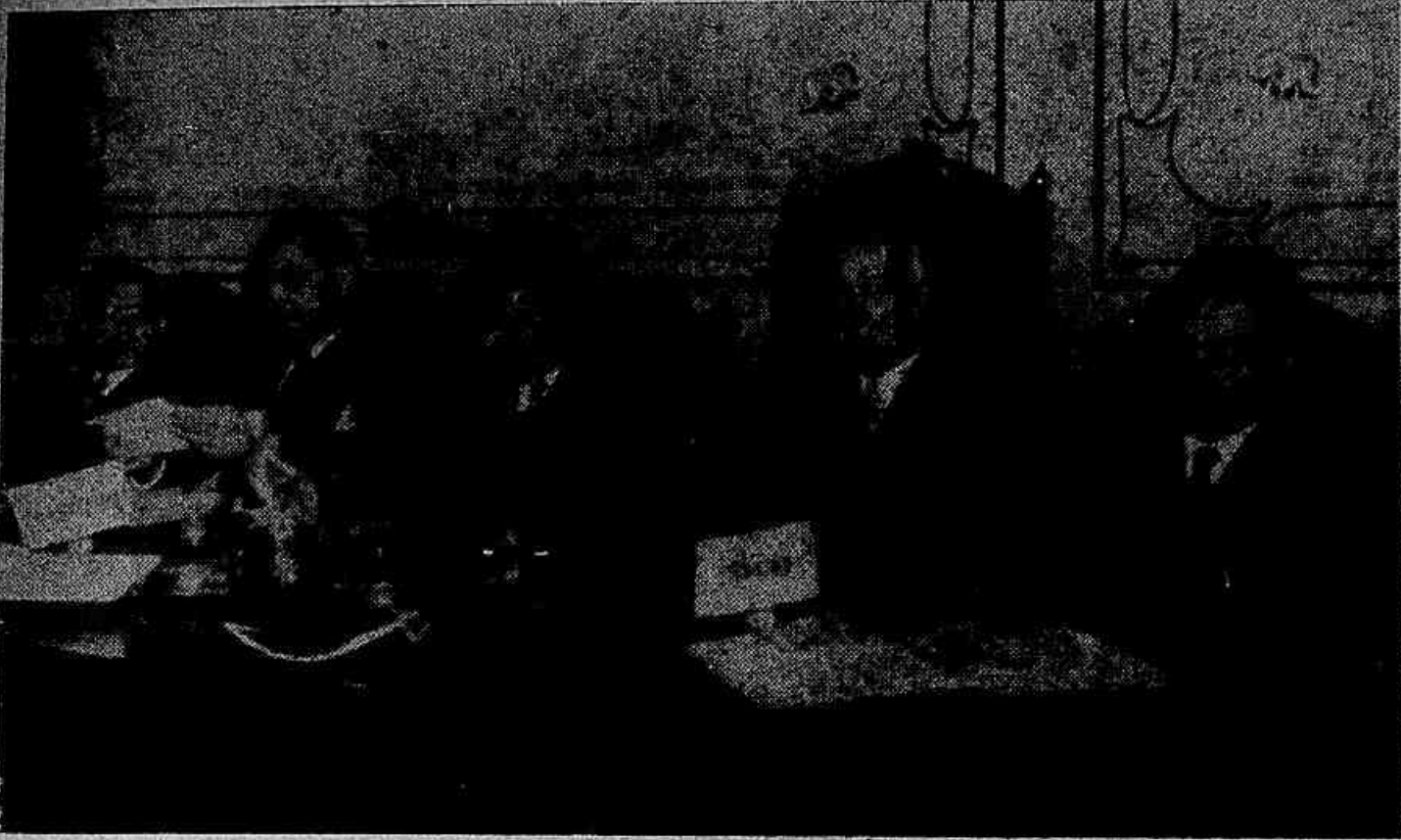


glicerina e algodão polvora dissolvido em acetona e estabilizada com uma pequena parte de vaselina. Chama-se cordite porque é preparada sob a forma de grossas linhas. É inserida num saco de seda pura, empregada porque ficará consumida na explosão e por ser um material que não deixa residuos na culatra. Por traz da carga há um pequeno tubo contendo uma pequena quantidade de polvora destinada a por fogo na carga, visto como a cordite incendeia-se com dificuldade. A polvora recebe o fogo eletricamente por meio de um fio de arame fino inserido no tubo.

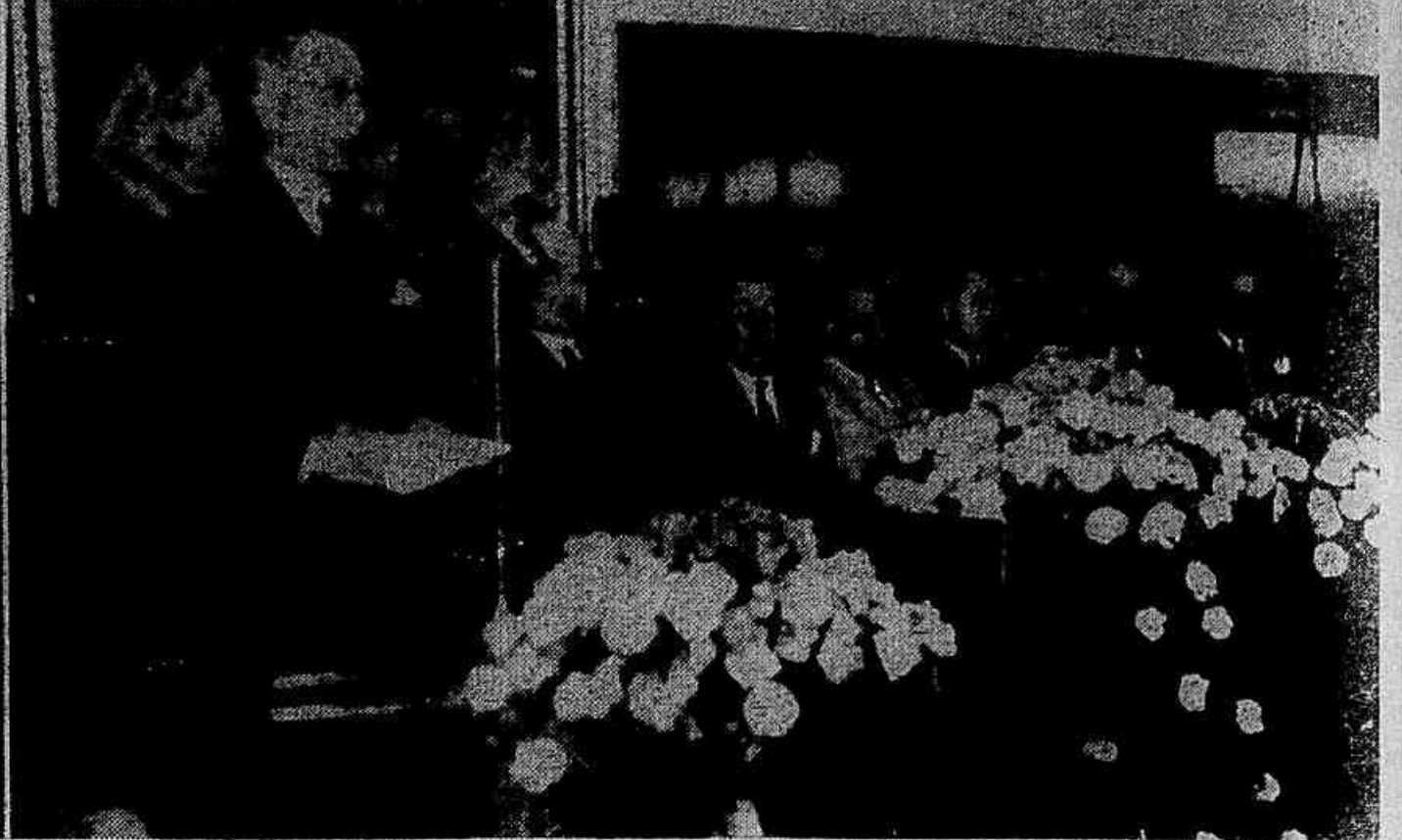
Apesar do seu tamanho monstruoso e da enormidade dos seus projéteis, o grande canhão quasi merece o qualificativo de "arma manevél". Com uma tripulação de artilheiros operando com exatidão e eficiencia pode se conseguir um fogo devastador, com arma de tal tamanho e peso. Fornecem um bom exemplo dessa asserção dos bombardeios efetuados pela marinha real. Em 20 minutos, 300 toneladas de bombas foram enviadas com efeito mortífero contra os estaleiros e usinas de Genova por uma força composta somente de dois couraçados e um cruzador britânicos, com os respectivos navios auxiliares. E bastaram 12 minutos para semeiar a ruína na costa e entre os navios, em Rhodes, quando aquela ilha italiana foi bombardeada por uma esquadilha inglesa. Em ambos os casos a defesa não pde responder adequadamente enquanto forças atacantes se entregavam à sua missão de destruição, tão completas foram a surpresa e a rapidez do ataque.

Os que visitarem as usinas belicas da Grã-Bretanha poderão ver a fabricação desses monstros, cada um dos quais exige muitas toneladas de aço. Os grandes canhões constituem uma das armas de longo alcance com que brevemente os aliados ferirão o coração da própria Alemanha.





O INSTITUTO HISTÓRICO e Geográfico de São Paulo prestou significativa homenagem ao dr. José Torres de Oliveira, pela passagem do 40.º aniversário de sua eleição, como sócio efetivo e presidente perpétuo daquela instituição, á qual vem prestando os mais relevantes serviços.



Pela criação da Caixa de Assistência dos Advogados, foi alvo de reconhecida homenagem, por parte do Instituto dos Advogados de São Paulo, o ministro Marcondes Filho, titular da pasta do Trabalho e interino da Justiça. O público que tomava a sala "João Mendes Junior" da Faculdade de Direito da Universidade, marcou uma verdadeira consagração á obra do sr. Marcondes Filho.



CONFORME VEM acontecendo há quatro lustros, os diretores e demais componentes do Instituto Pinheiros fizeram a sua comunhão pascoal. O flagrante foi tomado na escadaria da Igreja do Calvário, onde se realizaram as solenidades religiosas.

O 1.º representante de São Paulo junto á Federação das Associações Comerciais

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A Associação Comercial de São Paulo escolheu para representá-la junto á Federação das Associações Comerciais do Brasil, o sr. Antonio Ribeiro França Filho.

Moço ainda, o sr. França Filho, já se impoz como valor de primeira grandeza, como figura exponencial da industria e do comercio, não só de São Paulo, mas também do Rio de Janeiro, onde conta com grande numero de realizações no setor em que se desenvolve o seu trabalho, todo ele superiormente orientado no interesse da classe a que empresta invulgar brilho.

Ligado á Associação Comercial de São Paulo desde vários anos, ao tempo de Argemiro Couto de Barros, desempenhar-se-á sem duvida nenhuma com a segurança e inteligência que o caracterizam, da honrosa incumbencia, que ora vem de receber, trabalhando na obra de congraçamento de toda a classe.

DE SÃO PAULO

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora da MADDIN STORES 9 RAMOS DE ALVEIDO S. PAULO



NO "CLICHE", um grupo feito após terem se realizado, na Igreja da Veneravel Ordem Terceira do Carmo, as solenes exequias em sufrágio da alma do general Wladyslaw Sikorski, primeiro ministro da Polonia, morto recentemente em desastre de aviação.



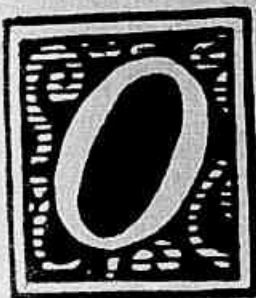
POR MOTIVO da passagem da Independencia dos Estados Unidos, o sr. Cecil M. P. Cross, consul norte americano nesta capital, deu em sua residencia, uma recepção que reuniu os elementos de mais destaque da colonia ianqui, aqui domiciliada.

BOLIVIA

MAJOR
PEDRO da COSTA LEITE

Praça 25 de Maio — Sucre.

Outro aspeto de Sucre.



Os Andes desenvolvem-se, mais ou menos, paralelamente ao Pacífico-Sul até o Departamento de Cuzco, no Perú, onde se amarram no gigantesco nó de Vilcanota. Daí se abrem em dois grandes ramos e penetram em território boliviano, sustentando em seus braços de granito a uma das mais belas regiões das Américas, que é o Altiplano.

Essa "meseta andina" é original e magestosa. Ao norte contém o lago navegável mais elevado do universo, o Titicaca, cujas águas verde-azuladas beijam a península, onde se ergue o Santuário da "Virgem Morena de Copacabana". Termina ao sul circundando o lago Poopó, entre minas de sal.

Os dois lagos são ligados pelo rio Desaguadero, que serpenteia entre trigais e campos cultivados cobertos de flores, debaixo de um céu invariavelmente azul, sob um sol brilhante e em meio a miragens que se sucedem.

A cordilheira ocidental aproxima-se do Grande Oceano e por ela passam os limites com o Chile. A cordilheira oriental ou real, mais imponente que a primeira, emoldura o "lago sagrado" e se debruça sobre La Paz, capital de facto da República e uma das cidades mais formosas do hemisfério ocidental. Difícilmente se poderá descrevê-la e talvez nem mesmo o pincel privilegiado de Guzmán de Rojas será capaz de interpretar-lhe o colorido em seu verdadeiro esplendor. Quem a observa da estação "El Alto", onde se encontra o campo de aviação, a 4.100 metros altitude, coloca diante dos olhos um panorama de indescritível beleza, em o qual predomina a cor azul que se multiplica em inúmeras tonalidades, até que se dilui no branco diadema com que as neves eternas coroam o Illimani.

Do lado do Atlântico, a cordilheira real continua pelos vales andinos, férteis e verdejantes, destacando-se, entre os núcleos de população que ali existem, a "cidade dos quatro nomes", a culta e heráldica Sucre, berço da República e sede da famosa Universidade de Chuquisaca.

A zona andina, que guarda em seu seio enormes riquezas minerais, a começar pelo estanho, tão aplicado nas indústrias modernas, constitui uma das três regiões naturais da Bolívia. Abrange quase um terço do território e abriga a mais de dois terços da população, que conta, presentemente, com cerca de 3.500.000 habitantes. É a zona de maior importância político-administrativa e econômica do país.

As outras regiões naturais, formadas pelas planícies do Chaco Boreal e do Amazonas, ocupam mais de dois terços do território. Entre elas é que se encontra a poética e encantadora Santa Cruz de la Si-

erra, para a qual se dirigem, em fraternal abraço, os trilhos da estrada de ferro Corumbá-Santa Cruz.

&

Um dos primeiros mártires do ideal supremo das Américas no fim do século XVIII foi um boliviano. Ao ser executado, na cidade de La Paz, Domingos Murillo afirmou que a tocha que acendêra pela liberdade jamais se apagaria. De facto, após mais de dez anos de lutas incessantes, conseguiu o Alto Perú libertar-se do jugo espanhol.

No decurso de tão demorada guerra havia de surgir, como surgiu, uma consciência nacional. Os doutores da Universidade de Chuquisaca idealizaram o novo Estado e redigiram, em termos liberrimos, a sua primeira carta política. Conseguiram, poucos dias após, o beneplácito do Libertador, cujo nome fôra dado à novel Nação americana, e, a 6 de agosto de 1825, o Marechal Sucre instalava a República Boliviana, a qual o imortal Simón Bolívar chamou de "pátria adotiva, filha querida e terra do seu coração".

Nos dias presentes, em que as Américas se congregam sob a Bandeira desfraldada pelo Libertador Bolívar, há mais de um século, em defesa do mesmo ideal pelo qual se sacrificou Domingos Murillo, a data magna da Bolívia é mui grata a todos os brasileiros.

&

Conheci a Bolívia em uma das fases mais difíceis de sua vida, e tive, por conseguinte, oportunidade de apreciar a sua vigorosa vitalidade e os seus grandes valores.

Conheci a mocidade que se bateu, com denodo, na guerra do Chaco, e que procurou, em jornadas sucessivas, imprimir novos rumos aos destinos do país.

Conheci, igualmente, a um jovem militar que se elevou à altura dos símbolos, e que chegou a reunir em torno à sua figura de lenda a quase totalidade dos seus compatriotas. Herói, pundonoroso, idealista, nobre e generoso, sacrificou-se pela sua Pátria, que lhe fôra sempre, como para o Libertador, a terra do seu coração.

O ideal de German Busch é tão vivo quanto a sua memória veneranda. A Bolívia caminha, a passos largos, para os seus gloriosos destinos, sob a direção segura do Presidente Penaranda, Capitão-General do Exército Boliviano, ao qual dirijo as minhas saudações afetuosas nesta data memorável.

Rio, 6.VIII.1943.

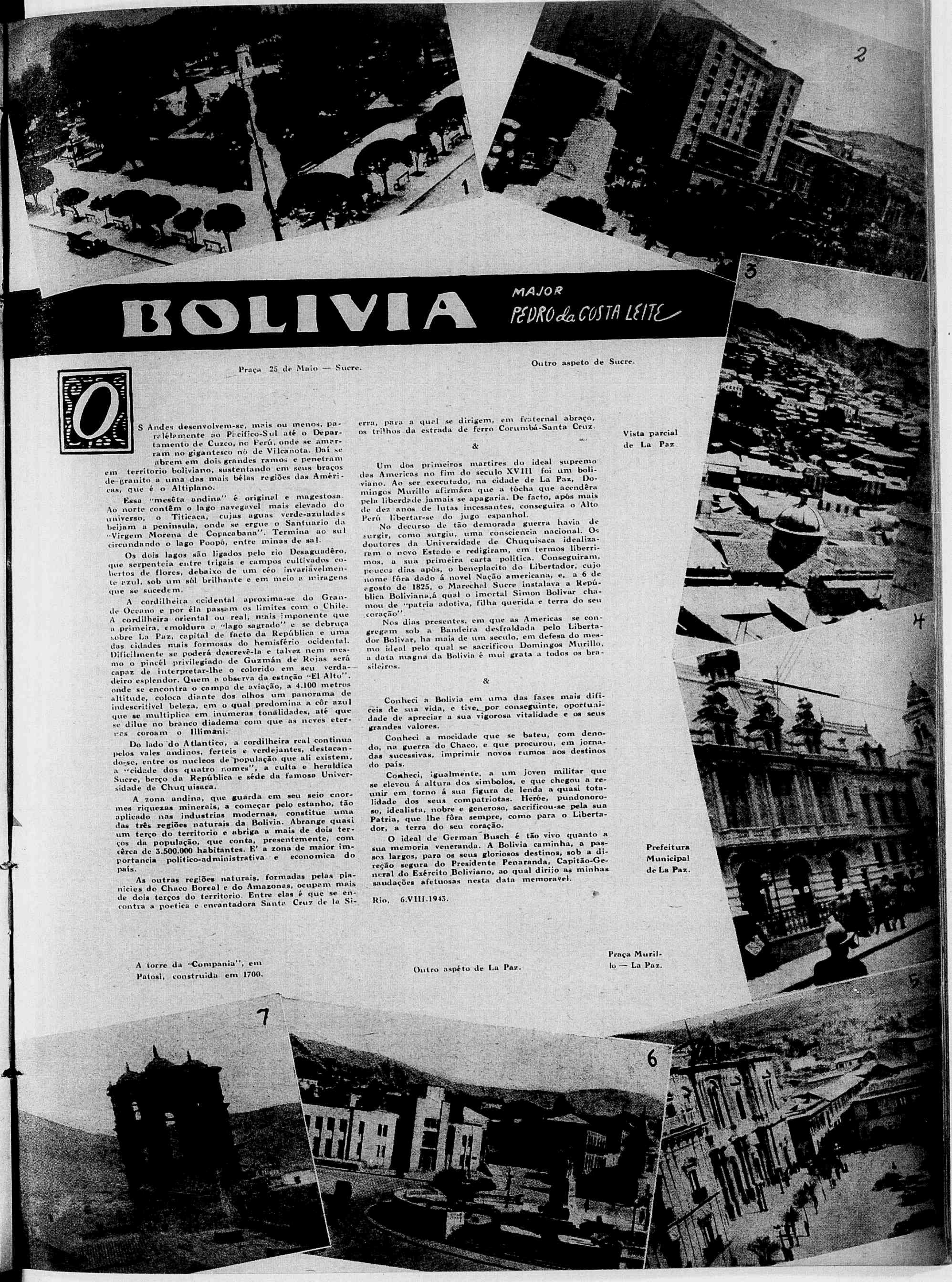
Vista parcial de La Paz.

Prefeitura Municipal de La Paz.

Praça Murillo — La Paz.

Outro aspeto de La Paz.

A torre da "Compañia", em Potosí, construída em 1700.



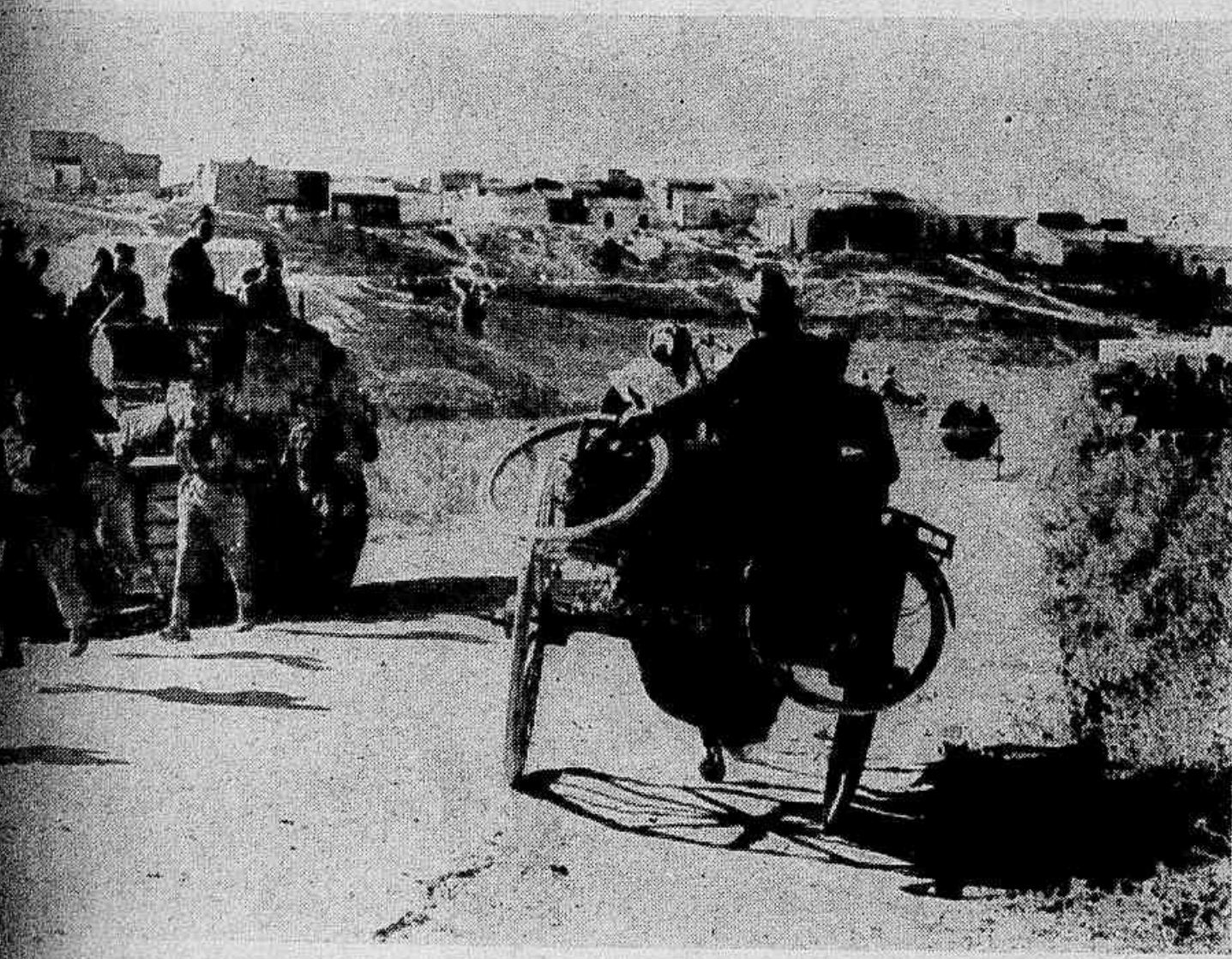
O mundo em guerra



ESTE JOVEM SOLDADO AMERICANO, de origem italiana, luta com alegria pela libertação da terra de seus maiores.



OUTRO ASPECTO das manifestações populares que se verificaram em Roma, logo após a queda de Mussolini, deixando assim bem patentes os verdadeiros sentimentos do povo italiano.



HABITANTES DE PACHINO, na Sicília, regressam a seus lares, na retaguarda das forças aliadas.



COMEMORAÇÕES ANTI-FASCISTAS em Roma pouco depois da queda de Mussolini, em que tomam parte marinheiros e moças.

CANHOES DE UM REGIMENTO DE INFANTARIA RUSSO protegem o avanço das tropas sobre Orel, a grande base alemã.

NA ESTRADA DE PALERMO. Tropas norte-americanas avançam na estrada de Palermo a Cataniçetta, na sua marcha sobre o norte da Sicília que constituiu uma obra-prima de organização e estratégia.



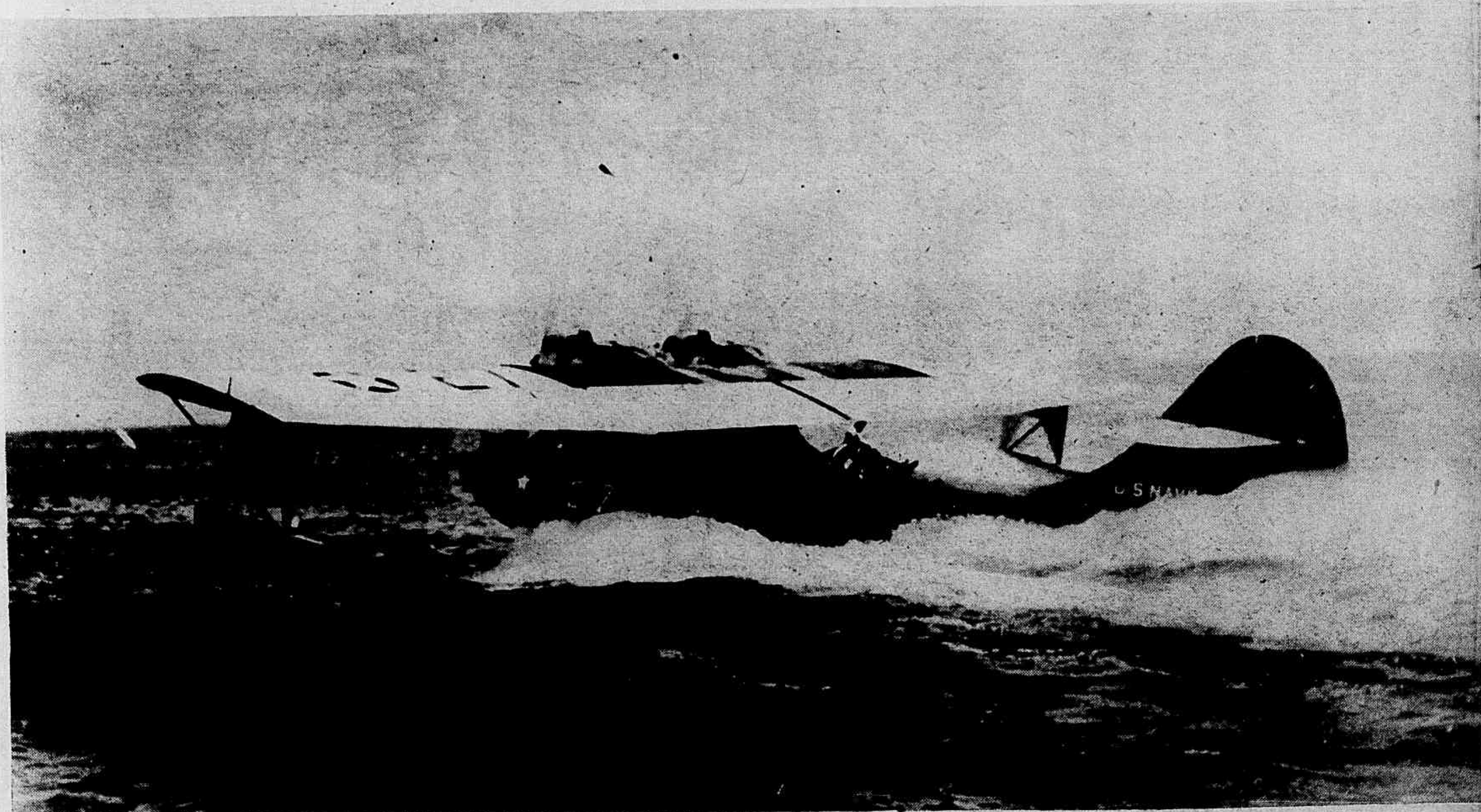
Enlace **ZOÉ MARTINS NORONHA-ANTONIO DE PAULA CHAGAS FREITAS**

No dia 10 do mês corrente realizou-se o enlace matrimonial da sta. Zoé Martins Noronha, filha do sr. Matheus Martins Noronha, banqueiro nesta Capital, e de sua esposa, sra. Angelina Marchetti Noronha, com o sr. Antonio de Paula Chagas Freitas, jornalista e advogado, filho do desembargador Antonio José Ribeiro de Freitas Junior e de sua esposa, sra. Maria Eugenia Chagas Freitas. A cerimonia religiosa, marcada pela elegancia e brilhantismo dos grandes acontecimentos mundanos, teve lugar na Igreja de Nossa Senhora do Rosario, e foi testemunhada pelos pais dos noivos, registrando grande comparecimento de elementos destacados dos nossos meios sociais, comerciais e financeiros. O ato civil efetuou-se na residencia dos pais da noiva, servindo de padrinhos a sra. e sr. Adolpho Martins Koch e sra. e sr. José Eduardo Prado Kelly, por parte da noiva e do noivo, respectivamente.

Em baixo: — Os noivos, entre os seus progenitores, posam para a REVISTA DA SEMANA após a cerimonia religiosa.



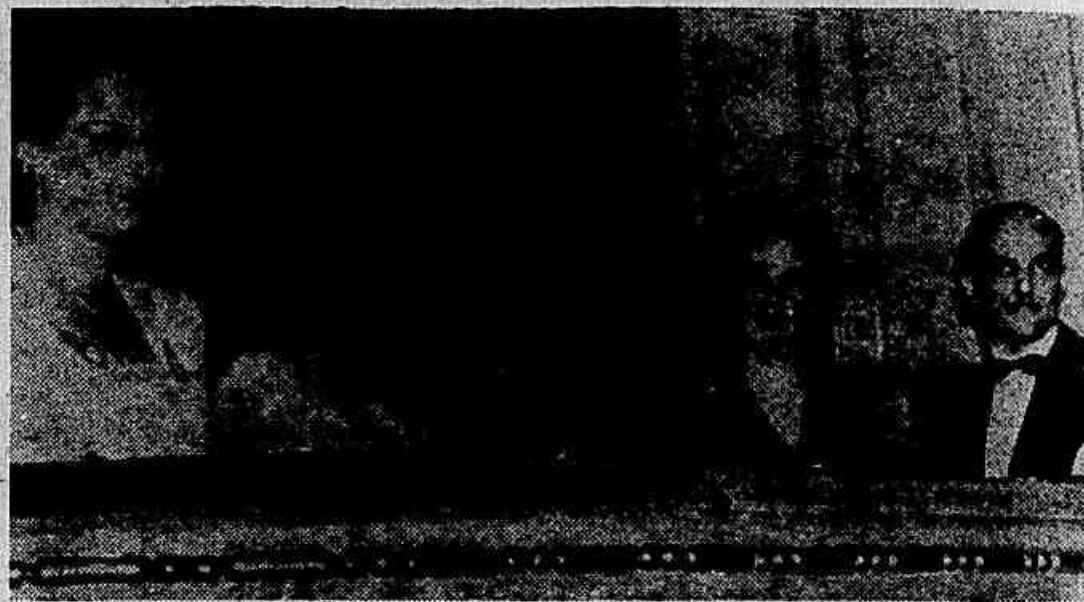
A noiva sendo conduzida ao altar pelo braço do seu pai, sr. Matheus Martins Noronha.



Caçando Submarinos Nazistas - Deslizando rapidamente sobre as águas agitadas do Atlantico, este hidro-avião Catalina prepara-se para levantar vôo e iniciar suas atividades de patrulha, protegendo dessa maneira a rota dos combois aliados que transportam homens e materiais de guerra para as bases avançadas de onde partirão os soldados que despedaçarão as muralhas da Fortaleza Europeia. (Foto da Inter-America)

Overture

CRONICA de S. R.



Camarote do coronel Alcides Etchegoyen, vendo-se a sra. Alcides Etchegoyen e o representante do chefe de policia dr. Joaquim Leal Ferreira e familia.



Senhoras ministro Mendonça Lima e Bezanconi Lage.



Não, a noite felizmente não estava muito fria.

Isso possibilitava o uso das rendas e das pelucas, dos vestidos justos ou vaporosos, dos braços nus, onde braceletes finamente trabalhados realçavam contornos perfeitos, tanto como das mangas compridas e colantes de um lindo modelo em veludo *bordeaux*.

Na rua, os automoveis — na variedade de tipos de gasogenio! — sucediam-se. Paravam à entrada principal do teatro. Logo após, uma portinhola que se abria, fru-frús de seda, ar impregnado de perfumes caríssimos e o *hall* do Municipal resplandecente como um cenário perfeito para os encontros inevitáveis.

— Você...?

— Mas, querida, percebeu como está elegante? Dir-se-ia...

— Já sei, lisongeiro. Você dirá provavelmente que eu nasci de uma estrela...

Risos. Cumprimentos. Apresentações. Tanto no idioma nacional como nas linguas importadas.

— Enchanté..

— How are you?

— Gracias...

— Permita-me...?

No ambiente cosmopolita a elegancia internacional desfila ao lado da graça inconfundível das brasileiras. Tres sinais persistentes convidam à procura dos lugares. Depois o silencio e a penumbra precedem à musica envolvente de Carlos Gomes. Constatamos as frisas ocupadas e claros na plateia. No palco, desenrolam-se as primeiras sequencias de "Lo schiavo". E, à medida que louvamos o esforço e a tenacidade do ótimo empresario que é Silvio Piergile — obtendo o maximo que poderia na situação atual — lembramos, com que saudade! — as outras temporadas em que a Muzio, a Stignani, a Favero, Gigli, Damiani, Ziliani e outros deixavam recordações inesquecíveis nos apreciadores do *bel canto*. Não que os intérpretes da ópera de estréia nos tivessem causado decepções. Absolutamente. A não ser a Snra. Maria de Sá Earp que realmente não estava numa das suas noites mais felizes, os outros satisfizeram bastante, principalmente a Snra. Norina Greco — uma ótima Ilara — e o Snr. Silvio Vieira que teve sob sua responsabilidade a difícil interpretação do escravo.

Entretanto nas grandes temporadas que se ante-

caparam á guerra não havia ainda o racionamento de gasolina nem a escassez desses tecidos prodigiosos com os quais os técnicos franceses causavam admiração e abriam concorrência entre as grandes casas de moda. Naquele tempo e por tudo isso o conceito de elegância se ampliava na mesma proporção que decrescia o senso da economia.

E por uma associação de ideias interessante pensamos em Heráclito e murmuramos:

— Nada é... na verdade, tudo pode vir a ser.

O esplendor voltará...

Quando as luzes brilharam outra vez os cumprimentos e o *fooling* recommençaram nos grandes corredores onde inúmeros espelhos, sabiamente dispostos, refletem o sorriso *coquette* da mulher bonita e o orgulho do homem que o possui.

E OUVIMOS (perdoe-nos a indiscreção) o que dizia aquele casal muito simpático que parara junto ao lance principal da escada:

— Afinal, benzinho, você ainda está zangada?

— Claro. Foi o cúmulo da desconsideração. Casa dos apenas há 8 meses e durante o tempo todo não despregou os olhos daquela friza, isto é, das senhoras daquela friza.



Olga e Isabel Modesto Leal, Yara Tavares, Marilú Corsino e Ivete Vargas Tatsch.

— Eu?! Mas, filhinha, que terrível erro de interpretação! Na verdade, estava estudando a decoração do Municipal durante a penumbra...

— Monstro!

— Meu amor...

E ESCUTAMOS (juramos que foi sem querer!) o comentário daquele grupo de senhoras elegantes:

— Ela sempre linda, não é? E X... apesar da calvicie e da gordura apresentou-se impecável...

— Pois olhe, com toda a pose em que estão, ele dormitou o tempo todo só acordando na hora do agudo da *Sá Earp*.

— Foi? Pensei que já estivesse civilizado...

— Infelizmente, minha amiga, ainda não está...

E DISTINGUIMOS:

A Sra. Mendonça Lima em negro, com o encanto que lhe é tão peculiar, conversando com a Viuva Henrique Lage que se apresentava num elegante contraste *blanc et noir* tendo a realçar-lhe o conjunto, precioso colar de quatro voltas;

o *gentleman* perfeito que é o Sr. Marques dos Reis, a Sta. Gilda Bandeira — expressão de beleza, juventude e elegância — num modelo negro e Mme. Lino Sá Pereira também encantadora num vestido onde o decote original era completado por dois *clips*; Mme. Elmano Cardim, em rendas francesas, doiradas como o sol da Provença, palestrando animadamente com a Sra. e Sr. Horacio Cartier e com a Sta. Mariazinha Amorim; como uma síntese da primavera brasileira: Olga e Isabel Modesto Leal em branco e rosa; Marilú Corsino, em azul com originais botões dourados; Yara Tavares e Ana Ivete Vargas Tatsch, também em azul; no camarote do Prefeito, que abrigava naquela ocasião a ilustre escritora Itala Gomes Vaz de Carvalho filha do insigne brasileiro que foi Carlos Gomes, a Sra. Amelia Dodsworth em cinza e prata, Mme. Tatsch, em branco, Sras. Carmen Filgueiras e Aminta Gonçalves. Muito cumprimentados a Sra. e o Sr. Coronel Jonas Correia e Sta. Jonília Correia esta, em azul.

Tres sinais persistentes e... novamente o silêncio.



Dr. Marques dos Reis, madame Lino Sá Pereira, Gilda Bandeira e nossa redatora.

'Alvorada' de Carlos Gomes prenunciando a outra alvorada que chegaria...

Depois as despedidas ou o encontro para a ceia onde certamente a elegância internacional sentar-se-ia ao lado da graça brasileira, e possivelmente com as mesmas expressões de cortezia:

— Enchanté...

— How are you?

— Gracias...

— Permita-me...?



Sra. Elmano Cardim, snr. e snr. Horacio Cartier e snrta. Mariazinha Amorim.

O JOCKEY CLUB

mundano



Teve lugar domingo ultimo, no Hipódromo do Jockey Club Brasileiro, a inauguração do busto de Paulo de Frontin, ha pouco trasladado do antigo prado do Derby Club para a Gavea.

Com isto quis a Diretoria do Jockey Club homenagear a memoria do illustre brasileiro que, ao lado do Dr. Lineu de Paula Machado, revelou-se um dos mais ardorosos batalhadores em prol da fusão das duas entidades turísticas da Capital da Republica.

No alto desta pagina reproduzimos dois aspéctos fotograficos da solenidade.

Abaixo, tres instantaneos onde aparecem elegantes aficcionadas do nobre esporte, colhidos na pelouse do Hipódromo da Gavea.

TALVEZ fosse a mantilha bordada a fio de prata sobre os negros cabelos realçando a formosura e a elegância de Maria Montez (*Universal*) que nos evocasse a musica impressionista de Debussy e a lembrança das noites espanholas. Mas certamente foram os modelos originais em veludo com pala de *tulle* ou o vestido negro com orquideas estampadas que nos levaram a ouvir a opinião dos fabulosos costureiros novaioquinos

"Noirée..."



tanto quanto a dos desenhistas de renome.

E sabemos que Vera Maxwell, como Omar Kim, Natalie, Adrian, Irene e outros preconizam o jersey de seda ou lã, o veludo, o rayon estampado e as tonalidades escuras assim como estilos simples enfeitados com clips e braceletes.

O decote em V ou quadrado, e de mangas curtas acompanhadas de luvas de cano comprido também são muito comuns nas atuais criações lançadas por Saos, Bonwit Teller e outros para vestidos de noite.

Correspondência



RESPOSTAS A CONSULTAS SOBRE MODAS

por

SUSAN

Vera Marina,

Rio.

Aí estão as sugestões para camisolas e roupas íntimas oferecidas por Fay Emerson e Joyce Reynolds ("Warner") que, pela delicadeza dos seus labores, enriquecerão, sem duvida alguma, o enxoval de qualquer noivinha principalmente quando linda e jovem como você.

Com mil agradecimentos pelas referencias amáveis, coloca-se novamente ao seu dispor.



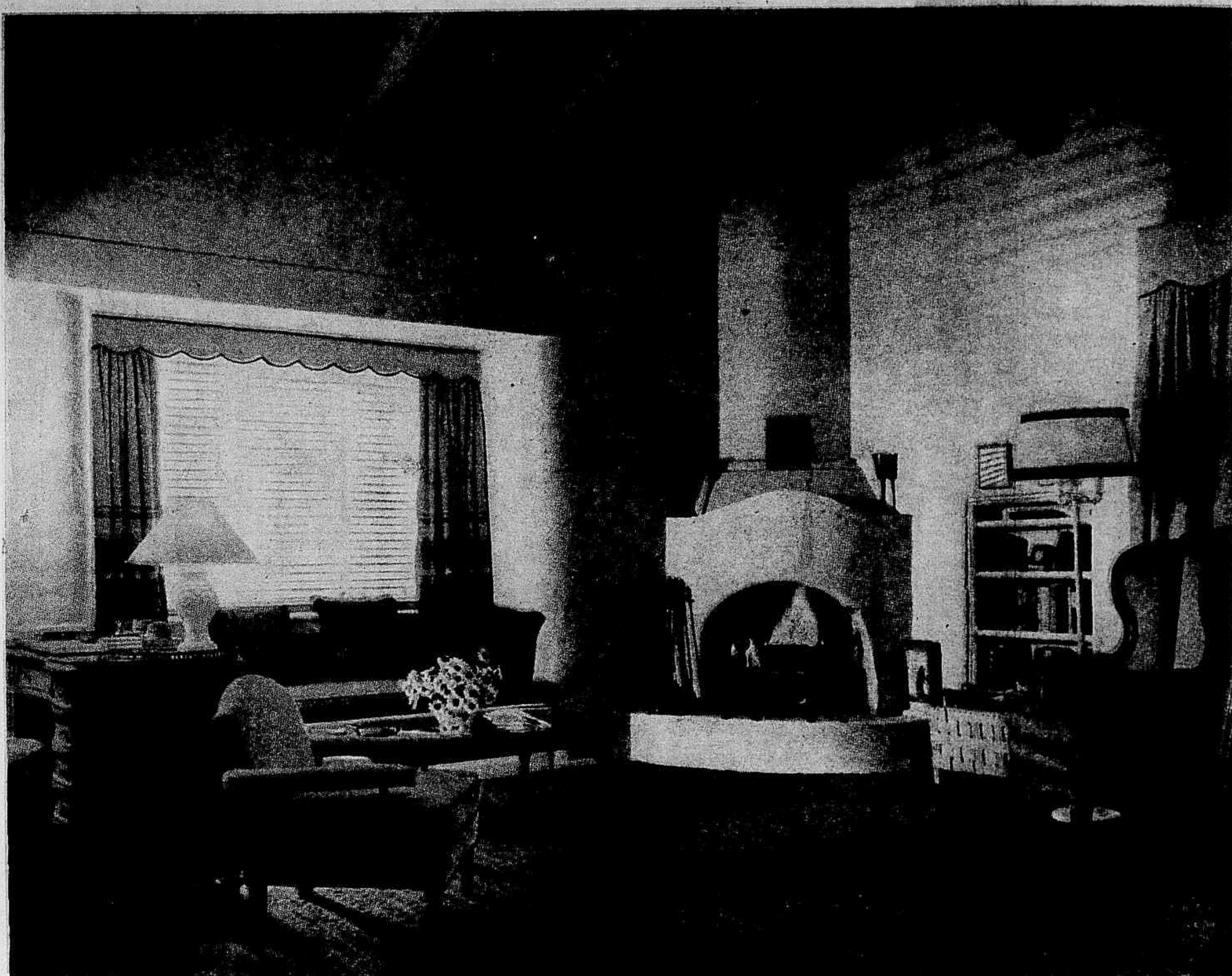
Desfile de Modelos



VIRGINIA POPE, a cronista de modas do New York Magazine tem escrito varias vezes sobre o aproveitamento dos tecidos de algodão na confecção de vestidos — até mesmo de noite! E, remata a cronista elegante, são usados com sucesso absoluto. E' de crer-se, pela propaganda feita pelos costureiros e figurinistas, concomitantemente com o enorme êxito de venda verificado com os vestidos de algodão que seu uso continue mesmo depois da guerra. Dai — e baseando-se em modelos "made U. S. A." — GOULART apresenta sugestões para você.

Goulart.

O Lar - INTERIOR DE UMA CASA DE CAMPO



As casas de campo, onde os proprietários passam apenas o espaço de tempo correspondente a um rápido week-end, ou pequenas férias de verão, nem sempre podem ter a amplitude de uma habitação urbana. Ao decorador encarregado de mobilar uma casa deste gênero cabe pois a obrigação de aproveitar o mínimo de espaço para a colocação do máximo de móveis úteis e indispensáveis ao conforto dos seus habitantes.

Na gravura acima aparece um canto de quarto de dormir, inteligentemente aproveitado como sala de estar.

O próprio vão da janela serviu para a colocação de um amplo e confortável sofá que assim não prejudicou em nada a estética ou a largueza do aposento.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNIES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANTES NEM FIDELIS

O CARRASCO DE S. DINIZ

Conto dos escritores franceses
Ch. QUINEL e A. de MONTIGNON

Empurraram para a frente o ancião — que era S. Diniz — todo branco nas suas vestes brancas. Depois, brutalmente, fizeram-no parar junto do altar pagão. O velho não via a estátua do deus, nem o prefeito, nem o fogo votivo; mas o seu olhar, fito ao longe, parecia distinguir alguma coisa que ninguém mais percebia.

— Sacrifica! ordenou o Prefeito pela terceira vez.

A multidão emudeceu.

— Sacrifica! repetiu Fescenius, cada vez mais impaciente.

O velho, então, falou:

— Sou cristão. Não sacrificarei aos vossos falsos deuses. Morrerei jubilosamente, proferindo o nome do Cristo. Quanto aos meus bens, não são deste mundo.

Fescenius soergueu o corpo na cadeira e, escumando de raiva, bradou:

— Desprezas os nossos deuses e as ordens do divino Augusto!

— Há um Deus a que obedeco! respondeu o velho.

— Vais morrer.

— Espero confiantemente a morte.

— Executem esse homem!

O velho continuava de pé sobre os degraus do altar. A multidão esperava, silenciosa.

— Já disse que executem esse homem! berrou o Prefeito.

Em redor houve certa agitação. Fescenius batia o pé, de impaciência rancorosa. Aproximou-se um guarda:

— Senhor, o carrasco estava aqui, mas foi-se embora.

— Procurem-no.

Passado um instante que pareceu um século, voltou o guarda:

— Parece que fugiu para o campo.

— Quando o encontrarem, matem-no. Mas quem, então, executará o condenado, conforme a sentença que o Imperador proferiu pela minha boca?

Silêncio geral. Não se apresentou nenhum executor de boa vontade. Fescenius olhou em volta. Ardiam-lhe as pupilas na busca ansiosa. Por fim, avistou Tubaldus, de pé junto aos degraus.

— Escutem, esse funâmbulo é justamente o verdugo de que precisamos. Tu, que, engeles espadas, deves também saber servir-te delas.

— Não é o meu mister... alegou o interpelado.

— Que importa? Trata-se duma ordem.

— Sou homem livre.

— Serás bem pago.

— Não é dessa maneira que ganho o meu pão.

Fescenius tinha as faces ardendo de indignação. Acabava de ser desobedecido por um velho cheio de teimosia e agora um pelotiqueiro ousava publicamente enfrentá-lo. No seu espírito subitamente o amor próprio se confundiu com a majestade de Roma, com a dignidade do Imperador. E Fescenius gritou aos guardas:

— Agarrem esse cão que não me obedece, e, depois de lhe quebrarem os ossos a cabo de lança, pendurem-no na primeira árvore que encontrarem!

Os guardas precipitaram-se, satisfeitos porque sobre o tremor se descarregara a cólera do Prefeito. Quatro deles se apoderaram brutalmente de Tubaldus. Empurraram-no, obrigaram-no a subir os degraus. O homem tinha ainda consigo a espada que empregava nas suas habilidades.

Antes de haver posto em ordem os seus pensamentos, estava o Germano diante do magistrado. Aquele homem baixinho, está visto, não lhe infundia, por si, menor temor; noutras circunstâncias dar-lhe-ia até vontade de rir; atrás dele, porém, via Tubaldus o poder formidável do Imperador.

— Mata-o... mandou Fescenius — ou morrerás em seu lugar!

Tubaldus ia negar-se de novo. De repente, veio-lhe à lembrança sua amada esposa Laertia, o modesto lar onde à noite encontrava a ceia, sempre tão gostosa, que ela preparara... Fazia um tempo suave, o sol exultava. O velho estava ajoelhado no chão, com a cabeça encostada à base duma coluna.

— Vamos! insistiu o Prefeito.

E afinal — dizia Tubaldus consigo — por que havia ele de morrer em lugar daquele homem de branco, cujos dias, de qualquer maneira, estavam contados? Quais eram os seus direitos? Quais os seus deveres? E quem era ele para desobedecer a Roma?

— Guardas! chamou Fescenius, no auge da cólera.

Os legionários cercaram Tubaldus. O funâmbulo viu Laertia que o esperava, que sempre o ficaria esperando... Então, sem saber o que fazia, como num sonho, Tubaldus

fioreou a espada fina e flexível. A lâmina silvou no ar, desceu sobre o pescoço branco. Esguichou o sangue. A cabeça caiu.

— Toma... disse o Prefeito, atirando uma bolsa de ouro que caiu nas lajes com um ruído metálico.

Um clamor subia da multidão.

Tubaldus não apanhou a bolsa. Não olhou para a direita nem para a esquerda. Atirou fora a espada, fugiu; e, tendo varado o povaréu, desatou a correr.

Só parou à porta de casa. No pátio, Laertia preparava os legumes para cozinhar. O gigante louro atirou-se de joelhos, encostou a cabeça ao peito da esposa que era de pequena estatura...

— Matei um justo! gemeu em soluços.

E as suas mãos tintas de sangue mancharam as vestes azul-claras da esposa.

Muito tempo os dois choraram: Tubaldus, por causa da ação que praticara; Laertia, por causa dum crime que ignorava.

Caiu a noite.

Pela estrada, aproximava-se um vulto revestido de luz suave, acompanhado duma música em surdina e cujos executantes se não deixavam ver.

A vaga forma humana, passando de leve, foi até à porta de Tubaldus e entrou no pátio que se encheu de luz e de tênue murmúrio. Tubaldus e Laertia ergueram os olhos.

Diante deles estava o corpo decapitado do bispo Diniz, o Martir. A cabeça repousava-lhe entre as mãos, com os olhos fechados como num sono de delícias. Abriam-se-lhe os lábios:

— Tubaldus... disse ela — eu te perdoo.

O bispo adiantou-se um pouco mais. Depois a cabeça diante do pilar que servia de oratório a Laertia. E por fim estendeu-se no chão, como verdadeiro morto.

— Eu sou cristão! exclamou Tubaldus.

— Eu já era cristã... disse Laertia — E acrescentou: A Paz seja contigo.

Na sua modesta casa, Tubaldus e Laertia enterraram o bispo Diniz que, decapitado, viera do lugar do suplicio até ali, para trazer o perdão ao seu carrasco e dele receber a sepultura.

Mais tarde, o rei Dagoberto I erigiu uma basílica naquele lugar que tomou o nome de S. Diniz; e a colina em que também a cabeça do bispo de Lutécia ainda se chama o Monte dos Mártires: Montmartre.



Letrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



Não são encantadores?

— "Sim, falem francamente: não são encantadores os nossos chapéus?" — parecem perguntar tanto Louise Allbutton (Universal) como um dos belos modelos de Anila Andra. (Foto de Arthur Hommer).

Como você responderia ?



Torna-se um prazer ESCOVAR OS DENTES

ESCOVAR os dentes é um hábito necessário, porem monótono. Mas, pode tornar-se uma sensação agradabilíssima... um verdadeiro prazer... se usar o Creme Dental Squibb. No momento em que este delicioso dentífrico lhe tocar na língua, toda a boca se inundará duma amena sensação. Refrescante como a brisa da montanha! Desde que comece a usar o Creme Dental Squibb, nenhum outro dentífrico lhe dará tão completa satisfação. Milhões de mulheres inteligentes usam o Creme Dental Squibb dia-

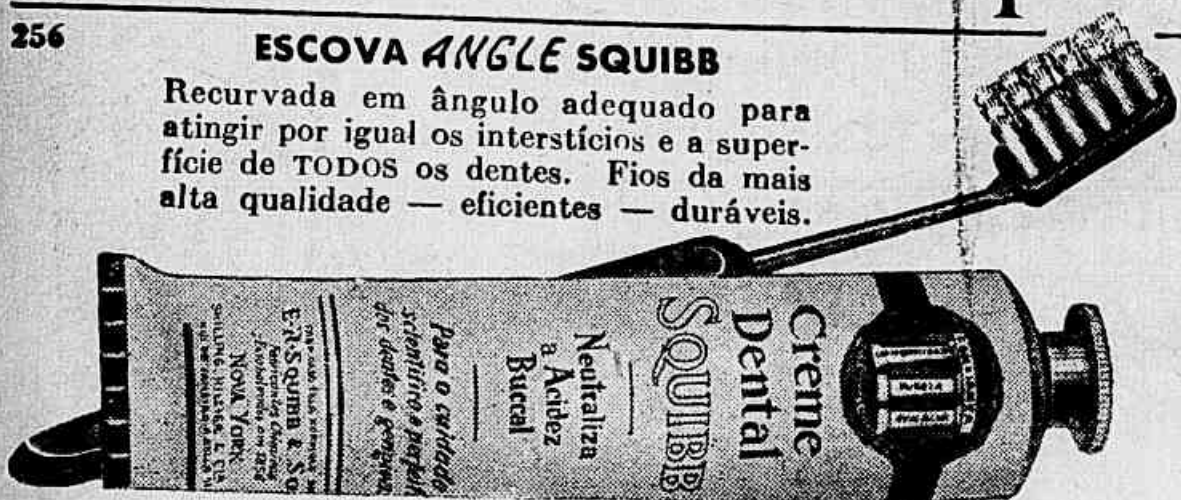
riamente, não só por ser agradável, mas por ser, também, puro e garantido. Nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão existe em sua fórmula e não oferece o menor perigo para o esmalte dos dentes ou para as gengivas. Outro ponto importantíssimo... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Experimente este excelente dentífrico. Examine o tubo que comprar, certifique-se de que traz o selo Squibb... porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

256

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



Nessas noites de inverno...



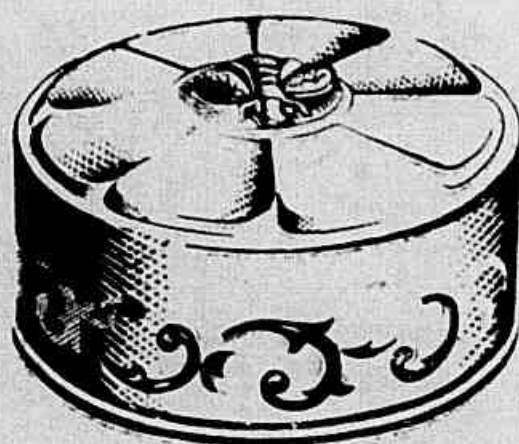
quando toda gente exclama: "Que frio!" — nós sorrimos incrédulas, isto porque estamos bem aparelhadas. Eu — continua Barbara Stanwick — Universal — metida no meu pijama de jersey de lã crême com blusa e aplicações em tom verde-jade e Louise Allbutton, minha companheira de *studio* com um elegante "robe" em lã cinzenta."

Que bom, hein?

Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtem o seu quinhão!

33 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND



Baby, está na hora do banho!..."



Em primeiro lugar tome a temperatura da água. Lembre-se que a pele do bebê é sensível como as pétalas das rosas!



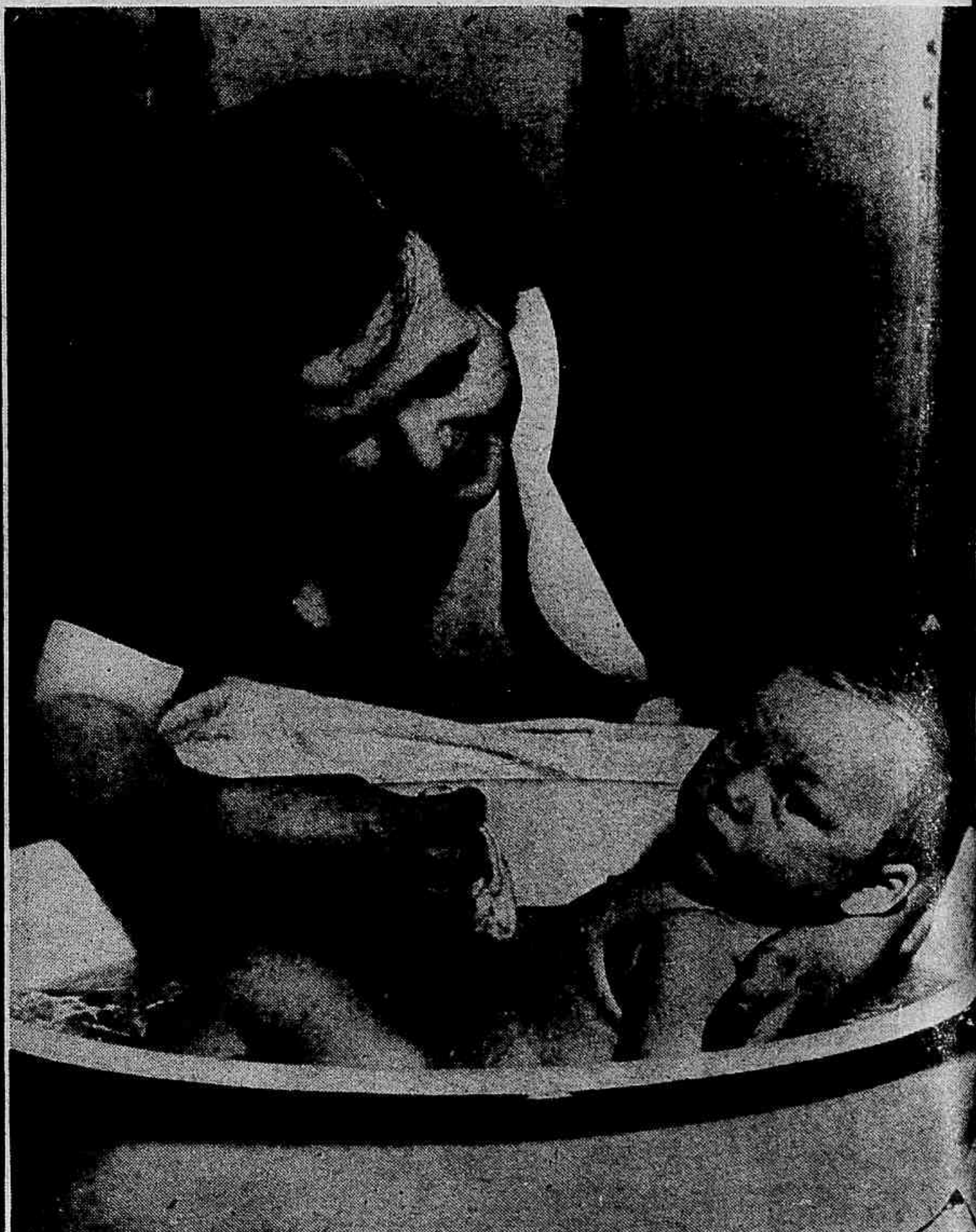
Agora a limpeza do narizinho com um algodão embebido com óleo especial e enrolado num palito.



A lavagem da cabeça é feita — ainda com o "baby" no colo!



Depois enxugue a cabecinha e abra a toalha devagar.



Pronto! O juvenzinho já está em contacto com a água. E como gosta! Observe o processo do ensaboamento.



Segure "desta maneira" para retirá-lo da banheira. No banho do bebê esta é, talvez, a fase mais importante!

Reportagem fotográfica especial para a "Revista da Semana".

Desde muito, tanto os pediatras americanos como as enfermeiras especializadas em puericultura dedicam grande parte de suas atenções ao banho do bebê. Estudaram varios processos e chegaram a conclusão de que este é o melhor.



Bem, agora escove seus cabelos no sentido contrario ao do crescimento dos mesmos.



Este é o primeiro trabalho para vesti-lo.



Cuidado quando vestir o paletozinho! Principalmente, com suas mãos, para não machucar o guri.



Sim querido! Você parece um lord. Que alegria de viver neesses olhinhos. Qual, você é mesmo um sabido!



A vida assim é melhor, não é?

Noticiário Elegante



ENLACE MENDES LADEIRA-LOZADA PIZARRO — Realizou-se, em julho ultimo, o enlace matrimonial da srta. Ilka Mendes Ladeira, filha do Comandante Alberto Joaquim Ladeira e de D. Olimpia Mendes Ladeira com o sr. Oswaldo Lozada Pizarro. Na foto aparecem os nubentes pousando para a **REVISTA DA SEMANA**, logo após a cerimonia religiosa, que teve lugar na residencia dos pais da noiva.



A 29 de Julho de 1943, na Matriz da Gloria, Largo do Machado, o Dr. Olinto Meireles e sua exma. senhora D. Evangelina Meireles, mandaram celebrar missa em ação de graças, por completarem 50 anos de casados.

ANIVERSARIOS

Dia 21 — Senhora D. Joaquina Simões.
Senhores: dr. Marino Machado, coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, presidente da Academia Brasileira de Historia das Ciencias.

Dia 22 — Senhora D. Francelina Silva Moraes e srta. Glória da Mata Pais.
Senhores: professor Artur Ramos, dr. Alcides Lintz, major Raul de Albuquerque e major dr. Luiz de Castro Vaz Lobo da Camara Leal.

Dia 23 — Senhoras: profa. Cezarina Pradal e Odele de Filgueiredo Balceiros. Senhorinha Ludma Trola.
Senhores: ministro Costa Manso, do Supremo Tribunal Federal, dr. José Macher, ex-interventor federal no Pará e o 1.º tenente Edgar Melo.

Dia 24 — Senhora D. Lilinha Fernandes e srta. Elza De Cavalcanti de Albuquerque.

Senhores: Apolonio Sales, ministro da Agricultura, embaixador Negrão de Lima e o dr. Reginaldo Fernandes.

Dia 25 — Senhora D. Elvira Lima de Figueiredo.

Senhores: dr. Israel Souto diretor, da Divisão de Teatro e Cinema do D. I. P.

prof. Valdemar Ferreira e o dr. Francisco Rodrigues.

Dia 26 — Senhora D. Irene da Silva Melo Carvalho, assistente da Faculdade Nacional de Filosofia e senhorinha Sarah Laura Galo.

Senhores: desembargador Odílio Costa e Ademar Gonzaga, diretor da Cinédia.

Dia 27 — Senhora D. Cecilia Maria Cordeiro Bilencourt.

Senhores: comandante Thiers Fleming e o nosso confrade Carlos Alves da Fonseca.

CASAMENTO

Realizou-se a 14 do corrente o enlace matrimonial do sr. Obertal Barreto, alto funcionário da Cia. Brasileira de Usinas Metalurgicas, com a senhorinha Maria Luiza de Barros, dileta filha do sr. Luiz de Barros e exma. esposa, d. Paulina dos Santos Barros.

O ato civil teve lugar na casa dos pais da noiva, na cidade de São Gonçalo, e o religioso, na matriz da mesma cidade. O novel casal partiu para Campos, em viagem de nupcias.



SRTA. BEATRIZ MAGALHÃES-SR. ADOLFO MILMAN — A cronica social assinalou, no dia 26 de julho ultimo, a realização do enlace matrimonial da Srta. Beatriz Magalhães, com o sr. Adolfo Milman. Do casamento civil foram testemunhas, pelo noivo o General Afonseca e o sr. Aloisio Afonseca e senhora e, por parte da noiva o sr. Francisco Vizen e senhora. No ato religioso, realizado na Matriz de N. S. de Copacabana, foram padrinhos do noivo o dr. Marcelo Heitor de Souza e senhora e a viúva Ministro Heitor de Souza; e da noiva o sr. Ataliba Borges e senhora. As fotos acima são dois flagrantes da cerimonia religiosa do enlace Beatriz Magalhães-Adolfo Milman.

**ENQUANTO VOCÊ DORME,
trabalham os
germes...**

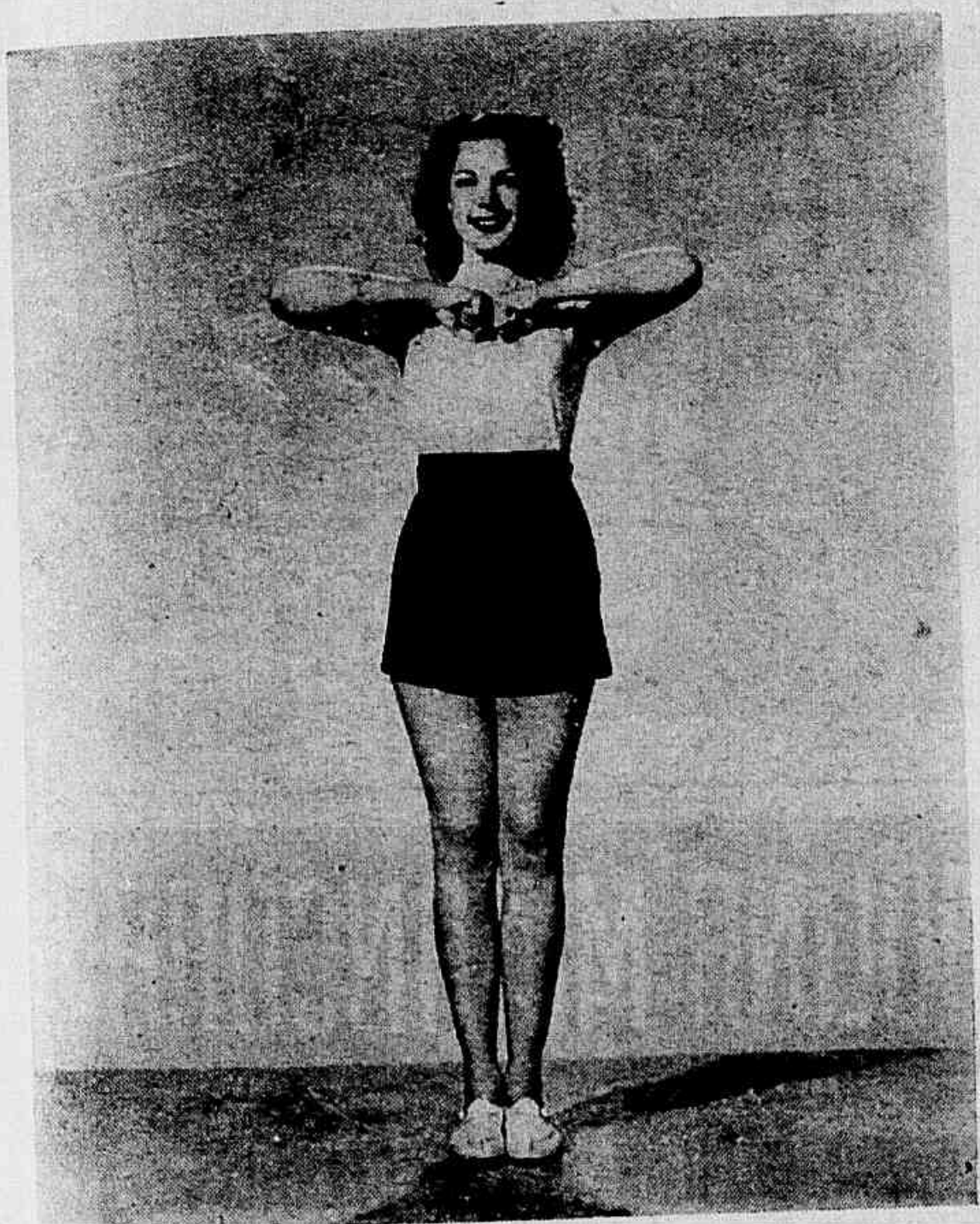


Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odorans impede a fermentação e as infecções bucais, como piorrêia, gengivites, etc.

MAU HALITO!

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL



UM

TRES
(respire)



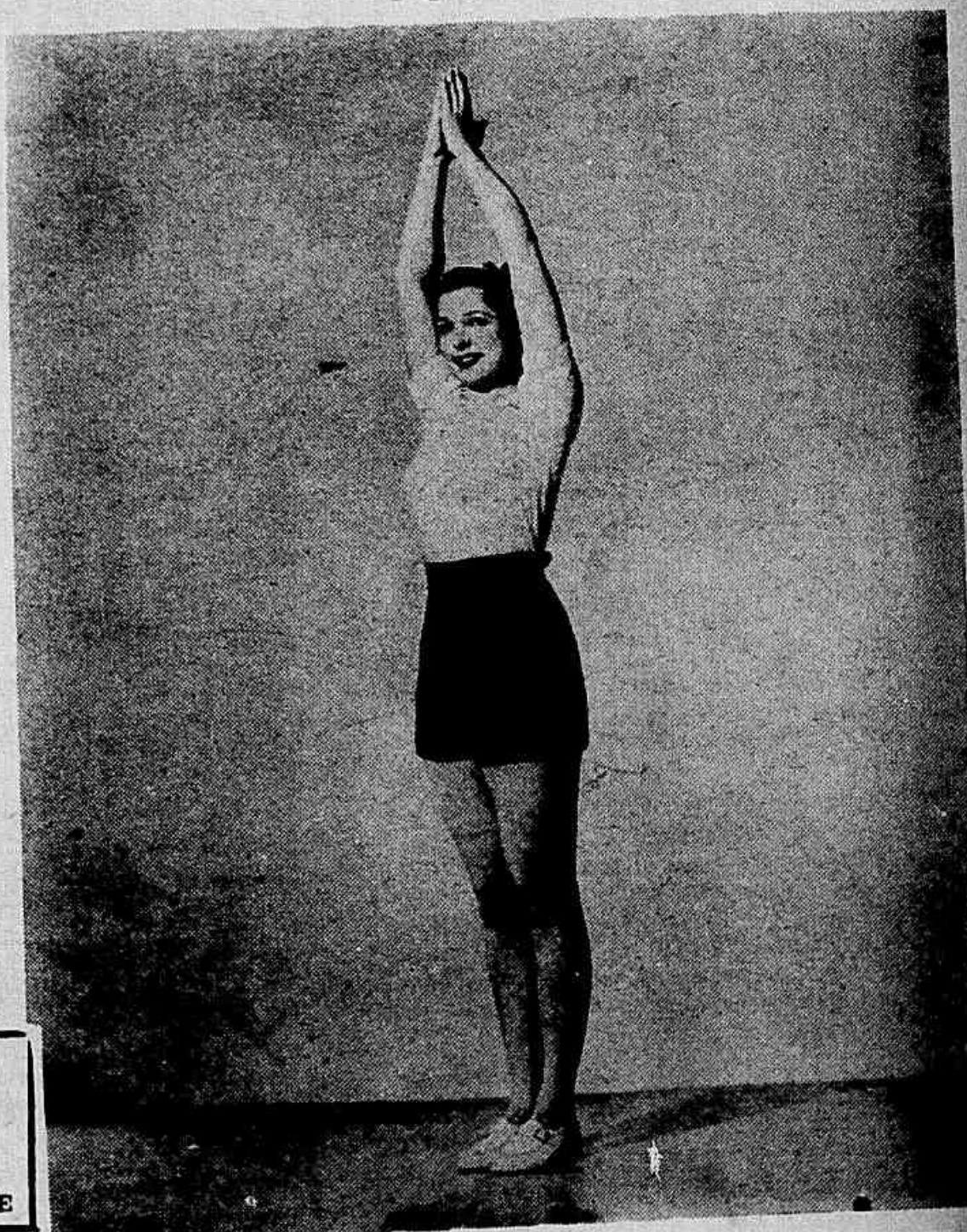
*Ann
Guyenne
aconselha*

Para manter a elegância e a esbeltez de um corpo faça como eu: exercícios respiratórios. Assim mesmo, quer ver?

DOIS!
(respire)

QUATRO!

Depois volte à posição (1) e faça outra vez.



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Sopas Saladas e sobremesas

MILE. SAVARIN

pimenta, sal e tres colheres de azeite. Despeja-se quente sobre os brocolos. Serve-se frio. O vinagre quente penetra com mais facilidade.

S O B R E M E S A S

PUDIM DE MAÇÃS — Descascam-se tres maçãs, cortam-se em pedaços e levam-se para cozinhar em meio litro de agua e meio quilo de açúcar; depois de cozidas esmigalham-se e juntam-se 150 gramas de amendoas moídas, uma colher de manteiga e levam-se novamente ao fogo para ferver um pouco; depois de frias juntam-se dez gemas e leva-se o pudim ao forno para assar, em forma amantegada.

PUDIM DE COCO E QUEIJO — Ingredientes : 10 gemas; 400 gramas de açúcar; 1/2 coco ralado; 60 gramas de manteiga; 60 gramas de queijo ralado; 1 chicara de farinha de arroz; 1,2 calice de vinho do Porto; um pouco de cravi, canela e passas sem caroços. Depois de tudo bem misturado juntam-se cinco claras em neve. Deita-se a massa em forma untada e leva-se ao forno quente para assar.

CREME DE PALMITOS — Leve ao fogo em agua fria, e com todos os temperos meia galinha gorda. Depois de ferver bastante passe em uma peneira o caldo. Engrosse com fubá de arroz desmanchado no leite, depois junte palmito em pedaços compridos e pouco antes de servir adicione duas gemas e um pouco de manteiga.

CALDO VERDE — Ponha no fogo meio quilo de costela. Junte cebola, tomates, cheiro, agua, "Bacon" e um paio.

Assim que ferver junte sal e meio quilo de batatas partidas. Logo que estiverem bem cozidas passe tudo por peneira. As batatas passam-se no espremedor proprio. Uns cinco minutos antes de servir o jantar, deite no caldo uma porção de couve trinchada picada muitissimo fina, e deixe ferver uns 5 minutos. Junte 4 colheres de azeite. Deve ser servido bem quente.

SOPA DE AIPIM — Cozinhe carne, cheiro, tomates e cebola, junte a isto tudo aipim em pedaços e sal.

Cozinhe até ficar bem macia a carne. Passe por peneira. Junte a este crême duas gemas, desfeitas em leite, junte uma colher de manteiga. Deve ser servido com pão torrado.

SALADA DE PALMITO — Depois de cosido o palmito e bem escorrido tempera-se com azeite e vinagre, sal, pimenta. Cozinha-se dois ovos esmigalham-se as gemas e juntam-se ao molho. As claras picam-se em pedacinhos.

SALADA DE BATATAS COM VINHO BRANCO — Cozinham-se umas batatas, cortam-se em rodellas e enquanto quentes, deitam-se numa tigela com vinho branco, tres colheres de vinagre, sal e pimenta. Depois de frias, no momento de irem para a mesa junta-se azeite suficiente, salsa picada fina e cebolinhas.

SALADA DE BROCOLOS — Depois de bem cozidos os brocolos despeja-se o seguinte molho: Vai ao fogo uma caçarola na qual se põem umas duas colheres de vinagre, assim que ficar bem quente, tira-se do fogo, põem-se umas rodellas de cebola,

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

A BIBLIOTECA

(Continuação da pag. 19)

praticante "pro-rata", casando-se daí em pouco. Arrastava agora uma vida triste de casal pobre, moço, cheio de filhos, mais triste era ele ainda porquanto, não havendo alegria naquele lar, nem por isso havia desharmonia.

Marido e mulher puxavam o carro igualmente...

O segundo filho não quizeria ir além do curso primário. Empregara-se logo num escritório comercial, fizera-se remador de um clube de regatas, ganhava bem, andava pelas tolas festas domingueiras de esporte, com umas calças sungadas pelas canelas, e um *cannotier* muito limpo, tendo na fita uma bandeirinha idiota.

A filha casara-se com um empregado da Câmara Municipal de Niterói e lá vivia. Restava-lhe o filho mais moço, o Jaime, tão bom, tão meigo e tão seu amigo, que lhe pareceu quando veio ao mundo ser aquele que estava destinado a ser inteligente, o intelectual da família, o digno herdeiro do avô e do bisavô. Mas não foi; e ele se lembrava agora, como recomendava sempre à mulher, dos primeiros anos de vida do cagula ao ir para a repartição:

— Irene, cuida bem do Jaime! Ele é que vai lêr os papeis do meu pai.

Porque o pequeno, em criança, era tão doentinho, tão mirrado, apesar dos seus olhos muito claros e vivos, que o pai temia fosse com ele a sua última esperança de um herdeiro capaz da biblioteca do conselheiro.

Jaime tinha nascido quando o mais velho entra nos doze anos; e o inesperado daquela concepção alegrava-lhe muito, mas inquietara a mãe.

Pelos seus quatro anos de idade, Fausto Carregal já tinha podido ver o desenvolvimento dos dois outros seus filhos varões e havia desesperado de ver qualquer um deles entender, quer hoje ou amanhã, os livros do avô e do bisavô, que jaziam limpos, tratados, embalsamados, nos jazigos das prateleiras de vinhático, à espera de uma inteligência, na descendência dos seus primeiros proprietários, para de novo fazê-los voltar à completa e total vida do pensamento e da atividade mental fecunda.

Certo dia, lembrando-se de seu pai em face das esperanças que depositava no seu filho temporão, Fausto Carregal considerou que, apesar do amor de seu progenitor à Química, nunca ele o vira com "éprovettes", com copos graduados, com retortas. Eram só livros, que ele procurava. Como os velhos sábios brasileiros, seu pai tinha horror ao laboratório, à experiência feita com as suas mãos, ele mesmo...

O seu filho, porém, o Jaime, não seria assim. Ele o queria com o maçarico, com o bico de Bunsen, com a baqueta de vidro, com o copo de laboratório...

— Irene, tu vais ver como o Jaime vai além do avô! Fará descobertas.

Sua mulher, entretanto, filha de um clínico que tivera fama quando chegou aos sete anos, logo o pai quiz pôr-lhe à mão a cartilha, porquanto vinha notando com singular satisfação a curiosidade do filho pelos livros, pelos desenhos e figuras, que os jornais e revistas traziam. Ele os contemplava horas e horas, absorvido, fixando nas gravuras seus olhos castanhos, bons, leais...

Pôs-lhe a cartilha na mão: a, e, i, o, u — diga: a. Mas quando chegava a o, parecia que lhe invadia um cansaço mental, enfiava-se subitamente, não queria mais atender, o filho desatava a chorar: não quero mais, papaizinho! Não quero mais!

Consultou médicos amigos. Aconselharam-no esperar que a criança tivesse mais idade. Aguardou mais um ano, durante o qual, para estimular o filho não cessava de recomendar:

— Jaime, você precisa aprender a lêr. Quem não sabe lêr, não arranja nada na vida.

Foi em vão. As coisas se vieram a passar como da primeira vez. Aos doze anos, contratou um professor paciente, um velho empregado público aposentado, no intuito de ver se instilava na inteligência do filho o mínimo de saber lêr e escrever.

O professor começou com toda a paciência e tenacidade; mas, a criança, que era incapaz de ódio até ali, perdeu a doçura, a meiguice para com o professor.

Era a falar-lhe no nome, a menos que o pai estivesse presente, ele desandava em descomposturas, em doestos, em sarcasmos ao físico e às maneiras do bom velho. Cansado, o antigo burocrata, ao fim de dois anos, despediu-se tendo conseguido que Jaime soletrasse e contasse alguma coisa.

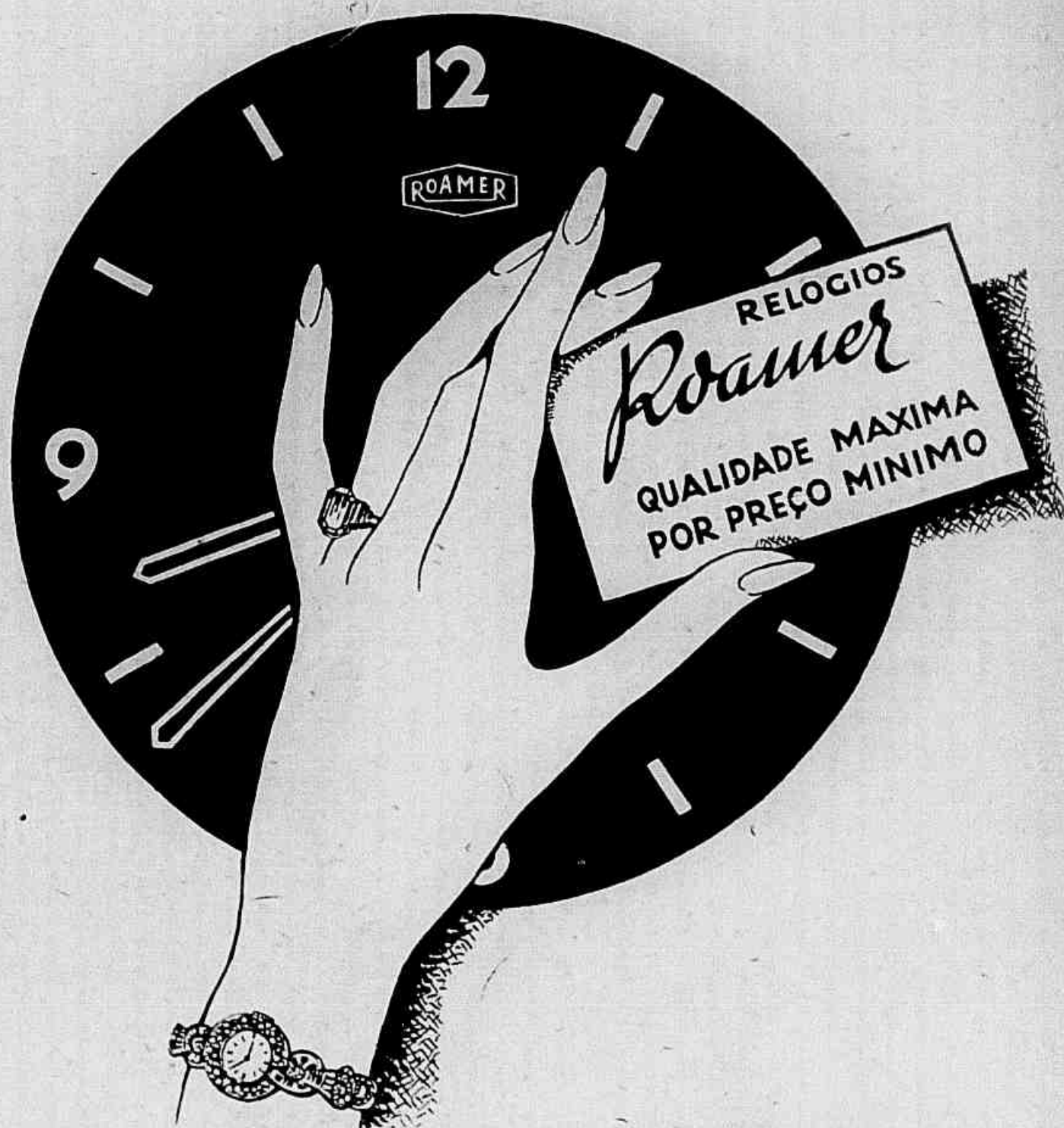
Carregal meditou ainda um remédio, mas não encontrou. Consultou médicos, amigos, conhecidos. Era um caso excepcional; era um caso mórbido, esse de seu filho. Remédio, si um houvesse, não existia aqui; só na Europa... Não podia, o pequeno, aprender bem nem mesmo lêr, escrever, contar! Ó! Meu Deus!

A conclusão lhe chegou sem choque, sem nenhuma brusca violência; chegou sorrateiramente, mansamente, pé ante pé, devagar, como uma conclusão fatal que era...

Tinha o velho Carregal por hábito, ficar na sala em que estavam os livros e as estantes do pai, a lêr, pela manhã, os jornais do dia. À proporção que os anos se passavam e os desgostos aumentavam-lhe a alma, mais religiosamente ele cumpria essa devoção à memória do pai. Chorava às vezes de arrependimento, vendo aquele pensamento todo ali sepultado, mas ainda vivo, sem que entretanto, pudesse fecundar outros pensamentos... Por que não estudara?

Dava-se assim, com aquela devoção diária, a ele mesmo, a ilusão de que, se não compreendia aqueles livros profundos e antigos, os respeitava e amava como a seu pai, esquecido de que para amá-los sinceramente, era preciso compreendê-los primeiro. São deuses os livros, que precisam ser analisados, para depois serem adorados; e eles não aceitam esta adoração senão desta forma...

Naquela manhã, como de costume, fôra para a sala dos livros, lêr os jornais; mas não os pôde lêr logo.



A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS.

Pôs-se a contemplar os volumes nas suas molduras de vinhático. Viu o pai, o casarão, os moleques, as mucamas, as crias, o fardão do seu avô, os retratos... Lembrou-se mais fortemente de seu pai e viu-o lendo, entre aquelas obras, sentado a uma grande mesa, tomando de quando em quando rapé, que ele tirava às pitadas de uma boceta de tartaruga, espirrar depois, assoar-se num grande lenço de Alcobaga, sempre lendo, com o senho carregado, os seus grandes e estimados livros.

As lágrimas vieram aos olhos daquele velho e avô. Teve de sustê-las logo. O filho mais novo entrava na dependência da casa em que ele havia se recolhido. Não tinha Jaime, porém, por esse tempo, um olhar de mais curiosidade para aqueles veneráveis volumes avoengos. Cheio dos seus dezesseis anos, muito robusto, não havia nele nem angústias, nem dúvidas. Não era corroído pelas idéias e era bem nutrido pela limitação e estreiteza de sua inteligência. Foi logo falando, sem mais detença, ao pai:

— Papai, você me dá cinco mil réis, para eu ir hoje ao "foot-ball".

O velho olhou o filho. Olhou a sua adolescência estúpida e forte, olhou seu mau feitio de cabeça; olhou bem aquele último fruto direto de sua carne e do seu sangue; e não se lembrou do pai. Respondeu:

— Dou, meu filho. Dentro em pouco, você terá.

E em seguida, como si acudisse alguma coisa deslembada que aquelas palavras lhe fizeram surgir à tona do pensamento, acrescentou com pausa:

— Diga a sua mãe que me mande buscar na venda, uma lata de querosene, antes que feche. Não se esqueça, está ouvindo!

Era domingo. Almoçaram. O filho foi ao "foot-ball"; a mulher foi visitar a filha e os netos, em Niterói; e o velho Fausto Carregal ficou só em casa, pois a cozinheira teve também folga.

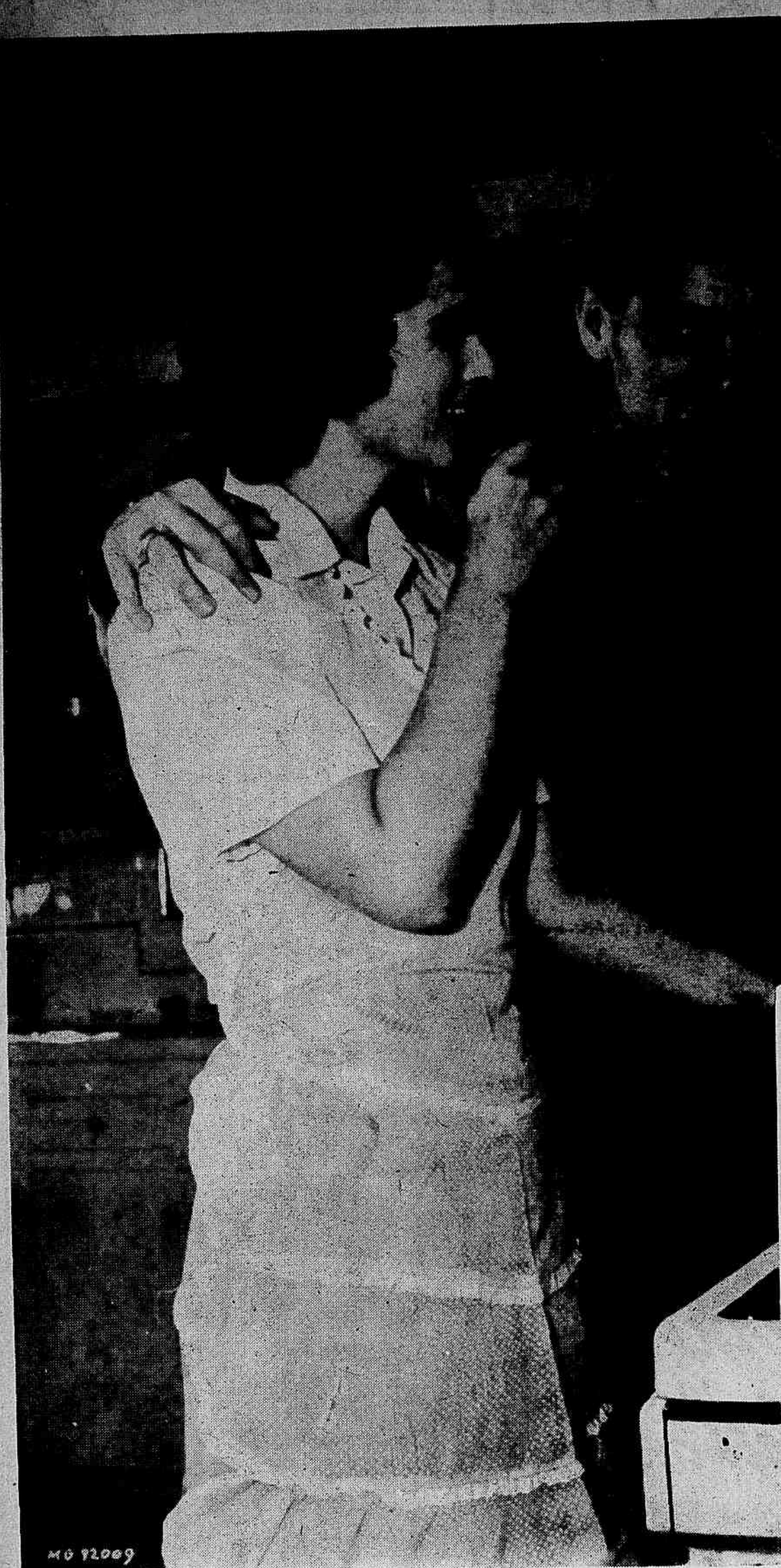
Com os seus ainda robustos setenta anos, o velho Fausto Fernandes Carregal, filho do tenente-coronel de Engenharia, conselheiro Fernandes Carregal, lente da Escola Central, tendo concertado mais de uma vez o seu antigo cavanhaque inteiramente branco e ponteagudo, sem tropeço, sem desfalecimento aos dois, aos quatro, aos seis, ele só, sacerdotalmente, ritualmente, foi carregando os livros que tinham sido do pai e do avô, para o quintal da casa. Amontoou-os em vários grupos, aqui e ali, untou de petróleo cada um, muito cuidadosamente, e ateou-lhes fogo sucessivamente.

No começo a espessa fumaça negra do querosene não deixava ver bem as chamas brilharem; mas logo que ele se evolou, o clarão delas, muito amarelo, brilhou vitoriosamente, com a cor que o povo diz ser a do desespero...

Vestidos e Peles
PASSEIO, 42

Lebelson Modas

Sempre Novidades
TELEFONE 22-4617



Sopas Saladas e sobremesas

Mlle. SAVARIN

pimenta, sal e tres colheres de azeite. Despeja-se quente sobre os brocolos. Serve-se frio. O vinagre quente penetra com mais facilidade.

S O B R E M E S A S

PUDIM DE MAÇÃS — Descascam-se tres maçãs, cortam-se em pedaços e levam-se para cozinhar em meio litro de agua e meio quilo de açúcar; depois de cozidas esmigalham-se e juntam-se 150 gramas de amendoas moídas, uma colher de manteiga e levam-se novamente ao fogo para ferver um pouco; depois de frias juntam-se dez gemas e leva-se o pudim ao forno para assar, em forma amantegada.

PUDIM DE COCO E QUEIJO — Ingredientes: 10 gemas; 400 gramas de açúcar; 1/2 coco ralado; 60 gramas de manteiga; 60 gramas de queijo ralado; 1 xícara de farinha de arroz; 1,2 calice de vinho do Porto; um pouco de cravi, canela e passas sem caroços. Depois de tudo bem misturado juntam-se cinco claras em neve. Deita-se a massa em forma untada e leva-se ao forno quente para assar.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

CREME DE PALMITOS — Leve ao fogo em agua fria, e com todos os temperos meia galinha gorda. Depois de ferver bastante passe em uma peneira o caldo. Engrosse com fubá de arroz desmanchado no leite, depois junte palmito em pedaços compridos e pouco antes de servir adicione duas gemas e um pouco de manteiga.

CALDO VERDE — Ponha no fogo meio quilo de costela. Junte cebola, tomates, cheiro, agua, "Bacon" e um paio.

Assim que ferver junte sal e meio quilo de batatas partidas. Logo que estiverem bem cozidas passe tudo por peneira. As batatas passam-se no espremedor proprio. Uns cinco minutos antes de servir o jantar, deite no caldo uma porção de couve troncada picada muitissimo fina, e deixe ferver uns 5 minutos. Junte 4 colheres de azeite. Deve ser servido bem quente.

SOPA DE AIPIM — Cozinhe carne, cheiro, tomates e cebola, junte a isto tudo aipim em pedaços e sal.

Cozinhe até ficar bem macia a carne. Passe por peneira. Junte a este creme duas gemas, desfeitas em leite, junte uma colher de manteiga. Deve ser servido com pão torrado.

SALADA DE PALMITO — Depois de cozido o palmito e bem escorrido tempera-se com azeite e vinagre, sal, pimenta. Cozinhase dois ovos esmigalham-se as gemas e juntam-se ao molho. As claras picam-se em pedacinhos.

SALADA DE BATATAS COM VINHO BRANCO — Cozinham-se umas batatas, cortam-se em rodela e enquanto quentes, deitam-se numa tigela com vinho branco, tres colheres de vinagre, sal e pimenta. Depois de frias, no momento de irem para a mesa junta-se azeite suficiente, salsa picada fina e cebolinhas.

SALADA DE BROCOLOS — Depois de bem cozidos os brocolos despeja-se o seguinte molho: Vai ao fogo uma caçarola na qual se põem umas duas colheres de vinagre, assim que ficar bem quente, tira-se do fogo, põem-se umas rodela de cebola,

A BIBLIOTECA

(Continuação da pag. 19)

praticante "pro-rata", casando-se daí em pouco. Arrastava agora uma vida triste de casal pobre, moço, cheio de filhos, mais triste era ele ainda porquanto, não havendo alegria naquele lar, nem por isso havia desharmonia.

Marido e mulher puxavam o carro igualmente...

O segundo filho não quizer ir além do curso primário. Empregara-se logo num escritório comercial, fizera-se remador de um clube de regatas, ganhava bem, andava pelas tolas festas domingueiras de esporte, com umas calças sungadas pelas canelas, e um *cannotier* muito limpo, tendo na fita uma bandeirinha idiota.

A filha casara-se com um empregado da Câmara Municipal de Niterói e lá vivia. Restava-lhe o filho mais moço, o Jaime, tão bom, tão meigo e tão seu amigo, que lhe pareceu quando veio ao mundo ser aquele que estava destinado a ser inteligente, o intelectual da família, o digno herdeiro do avô e do bisavô. Mas não foi; e ele se lembrava agora, como recomendava sempre à mulher, dos primeiros anos de vida do cagula ao ir para a repartição:

— Irene, cuida bem do Jaime! Ele é que vai ler os papéis do meu pai.

Porque o pequeno, em criança, era tão doentinho, tão mirrado, apesar dos seus olhos muito claros e vivos, que o pai temia fosse com ele a sua última esperança de um herdeiro capaz da biblioteca do conselheiro.

Jaime tinha nascido quando o mais velho entra nos doze anos; e o inesperado daquela concepção alegrava-lhe muito, mas inquietara a mãe.

Pelos seus quatro anos de idade, Fausto Carregal já tinha podido ver o desenvolvimento dos dois outros seus filhos varões e havia desesperado de ver qualquer um deles entender, quer hoje ou amanhã, os livros do avô e do bisavô, que jaziam limpos, tratados, embalsamados, nos jazigos das prateleiras de vinhático, à espera de uma inteligência, na descendência dos seus primeiros proprietários, para de novo fazê-los voltar à completa e total vida do pensamento e da atividade mental fecunda.

Certo dia, lembrando-se de seu pai em face das esperanças que depositava no seu filho temporão, Fausto Carregal considerou que, apesar do amor de seu progenitor à Química, nunca ele o vira com "éprouvettes", com copos graduados, com retortas. Eram só livros, que ele procurava. Como os velhos sábios brasileiros, seu pai tinha horror ao laboratório, à experiência feita com as suas mãos, ele mesmo...

O seu filho, porém, o Jaime, não seria assim. Ele o queria com o maçarico, com o bico de Bunsen, com a baqueta de vidro, com o copo de laboratório...

— Irene, tu vais ver como o Jaime vai além do avô! Fará descobertas.

Sua mulher, entretanto, filha de um clínico que tivera fama quando chegou aos sete anos, logo o pai quiz pôr-lhe à mão a cartilha, porquanto vinha notando com singular satisfação a curiosidade do filho pelos livros, pelos desenhos e figuras, que os jornais e revistas traziam. Ele os contemplava horas e horas, absorvido, fixando nas gravuras seus olhos castanhos, bons, leais...

Pôs-lhe a cartilha na mão: a, e, i, o, u — diga: a. Mas quando chegava a o, parecia que lhe invadia um cansaço mental, enfiava-se subitamente, não queria mais atender, o filho desatava a chorar: não quero mais, papaizinho! Não quero mais!

Consultou médicos amigos. Aconselharam-no esperar que a criança tivesse mais idade. Aguardou mais um ano, durante o qual, para estimular o filho não cessava de recomendar:

— Jaime, você precisa aprender a ler. Quem não sabe ler, não arranja nada na vida.

Foi em vão. As coisas se vieram a passar como da primeira vez. Aos doze anos, contratou um professor paciente, um velho empregado público aposentado, no intuito de ver se instilava na inteligência do filho o mínimo de saber ler e escrever.

O professor começou com toda a paciência e tenacidade; mas, a criança, que era incapaz de ódio até ali, perdeu a doçura, a meiguice para com o professor.

Era a falar-lhe no nome, a menos que o pai estivesse presente, ele desandava em descomposturas, em doestos, em sarcasmos ao físico e às maneiras do bom velho. Cansado, o antigo burocrata, ao fim de dois anos, despediu-se tendo conseguido que Jaime soletrasse e contasse alguma coisa.

Carregal meditou ainda um remédio, mas não encontrou. Consultou médicos, amigos, conhecidos. Era um caso excepcional; era um caso mórbido, esse de seu filho. Remédio, si um houvesse, não existia aqui; só na Europa... Não podia, o pequeno, aprender bem nem mesmo ler, escrever, contar! Ó! Meu Deus!

A conclusão lhe chegou sem choque, sem nenhuma brusca violência; chegou sorrateiramente, mansamente, pé ante pé, devagar, como uma conclusão fatal que era...

Tinha o velho Carregal por hábito, ficar na sala em que estavam os livros e as estantes do pai, a ler, pela manhã, os jornais do dia. À proporção que os anos se passavam e os desgostos aumentavam-lhe a alma, mais religiosamente ele cumpria essa devoção à memória do pai. Chorava às vezes de arrependimento, vendo aquele pensamento todo ali sepultado, mas ainda vivo, sem que entretanto, pudesse fecundar outros pensamentos... Por que não estudara?

Dava-se assim, com aquela devoção diária, a ele mesmo, a ilusão de que, se não compreendia aqueles livros profundos e antigos, os respeitava e amava como a seu pai, esquecido de que para amá-los sinceramente, era preciso compreendê-los primeiro. São deuses os livros, que precisam ser analisados, para depois serem adorados; e eles não aceitam esta adoração senão desta forma...

Naquela manhã, como de costume, fôra para a sala dos livros, ler os jornais; mas não os pôde ler logo.



A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS.

Pôs-se a contemplar os volumes nas suas molduras de vinhático. Viu o pai, o casarão, os moleques, as mucamas, as crias, o fardão do seu avô, os retratos... Lembrou-se mais fortemente de seu pai e viu-o lendo, entre aquelas obras, sentado a uma grande mesa, tomando de quando em quando rapé, que ele tirava às pitadas de uma boceta de tartaruga, espirrar depois, assoar-se num grande lenço de Alcobaga, sempre lendo, com o senho carregado, os seus grandes e estimados livros.

As lágrimas vieram aos olhos daquele velho e avô. Teve de sustê-las logo. O filho mais novo entrava na dependência da casa em que ele havia se recolhido. Não tinha Jaime, porém, por esse tempo, um olhar de mais curiosidade para aqueles veneráveis volumes avoengos. Cheio dos seus dezesseis anos, muito robusto, não havia nele nem angústias, nem dúvidas. Não era corroido pelas idéias e era bem nutrido pela limitação e estreiteza de sua inteligência. Foi logo falando, sem mais detença, ao pai:

— Papai, você me dá cinco mil réis, para eu ir hoje ao "foot-ball".

O velho olhou o filho. Olhou a sua adolescência estúpida e forte, olhou seu mau feitio de cabeça; olhou bem aquele último fruto direto de sua carne e do seu sangue; e não se lembrou do pai. Respondeu:

— Dou, meu filho. Dentro em pouco, você terá.

E em seguida, como si acudisse alguma coisa deslembada que aquelas palavras lhe fizeram surgir à tona do pensamento, acrescentou com pausa:

— Diga a sua mãe que me mande buscar na venda, uma lata de querosene, antes que feche. Não se esqueça, está ouvindo!

Era domingo. Almoçaram. O filho foi ao "foot-ball"; a mulher foi visitar a filha e os netos, em Niterói; e o velho Fausto Carregal ficou só em casa, pois a cozinheira teve também folga.

Com os seus ainda robustos setenta anos, o velho Fausto Fernandes Carregal, filho do tenente-coronel de Engenharia, conselheiro Fernandes Carregal, lente da Escola Central, tendo concertado mais de uma vez o seu antigo cavanhaque inteiramente branco e pontegudo, sem tropeço, sem desfalecimento aos dois, aos quatro, aos seis, ele só, sacerdotalmente, ritualmente, foi carregando os livros que tinham sido do pai e do avô, para o quintal da casa. Amontou-os em vários grupos, aqui e ali, untou de petróleo cada um, muito cuidadosamente, e ateou-lhes fogo sucessivamente.

No começo a espessa fumaça negra do querosene não deixava ver bem as chamas brilharem; mas logo que ele se evolou, o clarão delas, muito amarelo, brilhou vitoriosamente, com a côr que o povo diz ser a do desespero...

Vestidos e Peles
PASSEIO, 42

Lebelson Modas

Sempre Novidades
TELEFONE 22-4617

O ACIDENTE

(Continuação da pág. 8).

nhora de Merrowdene servia o chá nas três chicanas. Colocou uma diante de Evans, outra diante dela e deixou a terceira sobre uma mesinha situada entre a chaminé e uma poltrona, que era o lugar favorito do marido. Ao depositar a chicara nessa mesa, um sorriso estranho dobrou-lhe os lábios. Foi um sorriso denunciador.

Evans tinha a certeza...

Mulher notável! Extraordinariamente perigosa! Sem esperar... sem preparativos... nessa mesma tarde... tendo-o como testemunha... A audácia do plano desconcertava-o. Muito habil, diabolicamente habil. Ele não podia demonstrar coisa alguma. Ela contava que ele não abrigasse suspeitas fundadas pelo fato mesmo de ser "muito repentino". Na verdade, uma mulher de fulminante rapidez de pensamento e de ação.

— Senhora de Merrowdene — disse — sou um homem que costuma ter caprichos curiosos. Teria a amabilidade de permitir-me um?

A senhora o olhou com curiosidade, porém sem desconfiança.

Evans levantou-se, apanhou a chicara colocada diante dela, levou-a para a mesinha e a trocou pela outra. Depois colocou essa diante da senhora.

— Desejo que tome o conteúdo desta chicara.

Seus olhares encontraram-se. Eram ambos firmes e enigmáticos. Uma ligeira palidez invadiu as faces da mulher.

A senhora de Merrowdene levantou a chicara. Evans reteve a respiração. E se se tivesse enganado!... A senhora aproximou a chicara dos lábios... lá beber... De súbito, inclinou-se para um lado e derramou rapidamente o chá na ouça de uma samambaia. Em seguida se sentou e olhou para o visitante com expressão de desafio.

— E agora? — disse.

Sua voz denotava alteração; porém era mais num sentido de troça.

Evans respondeu calmamente:

— Vejo que é uma mulher mui habil, senhora Merrowdene. Creio que me compreende perfeitamente. E' preciso... que não haja repetição. Sabe o que eu quero dizer-lhe?

— Sei o que quer dizer-me.

Seu tom era tranquilo, sem expressão emotiva. Evans fez um sinal de assentimento. Era uma mulher inteligente e não queria correr o risco de uma condenação à morte.

— A saúde e aos muitos anos de vida da senhora e de seu marido! — disse significativamente. Levou a chicara aos lábios e bebeu.

As feições transformaram-se-lhe no mesmo instante. Contrairam-se horrivelmente. Evans tentou pôr-se de pé, gritar... Rígido o corpo, o rosto purpúreo, caiu na poltrona. Por um momento, os membros se lhe agitaram em bruscas convulsões.

Obrigações de Guerra

Juros de 6% a. a., pagáveis semestralmente
Títulos de renda ao portador, ao alcance de todos, com cotação na bolsa
RECOMENDAMOS aos nossos clientes a aquisição dessas obrigações em nossos "guichets" pelo seu valor nominal.
Títulos de
Cr\$ 100,00 — 200,00 — 500,00 — 1.000,00 — 5.000,00
AOS NOSSOS CLIENTES concedemos créditos com garantia das OBRIGAÇÕES DE GUERRA adquiridas por nosso intermédio



BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

S. A. CRÉDITO REAL
Rua do Ouvidor, 90
Rio de Janeiro

Sucursais:
S. Paulo — Santos — Baía

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45
" - 9.49 " (Faixa de 31 ") das 21.00 às 24.30
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ") das 18.00 às 24.30
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ") das 18.00 às 24.30

Domingo
18:00 Sintonia da NBC
19:00 O Mundo Hoje
19:10 Resumos dos Programas
19:15 Melodias da Broadway
19:30 A Vida em Hollywood
19:45 Seleções de Opereta
20:00 Rádio Jornal
20:15 Salão de Concerto
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Música da América
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho e Trio Cherro Gil
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Terça
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 Resenha Literária
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Conheça Nova York
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Desportivas
21:45 Música por Tucci
22:00 Notícias
22:05 André Kostelanetz e sua Orquestra
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 A Ópera Municipal de St. Louis
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Segunda
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Magia Tropical
18:30 A Semana em Revista
18:45 Divirtam-se conosco
19:00 Notícias
19:15 Tesouro Musical das Américas
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Música de Manhattan
22:00 Notícias
22:15 Eva Garza e Trio Cherro Gil
22:30 O Destino das Américas
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Convite à Música
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Raymond Scott
00:30 Encerramento

Quarta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Valsas Famosas
18:45 Sereia Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Ópera
19:45 Dinah Shore — canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Quarteto Golden Gate
00:30 Encerramento

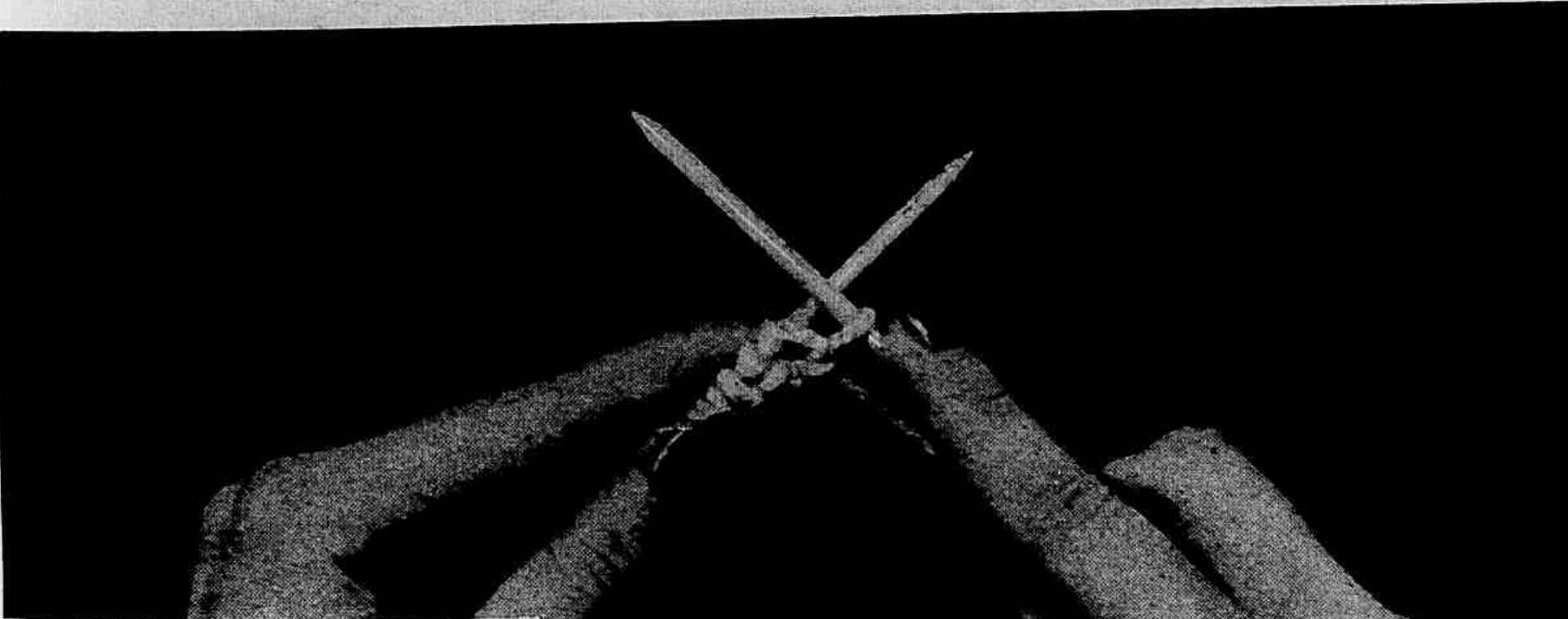
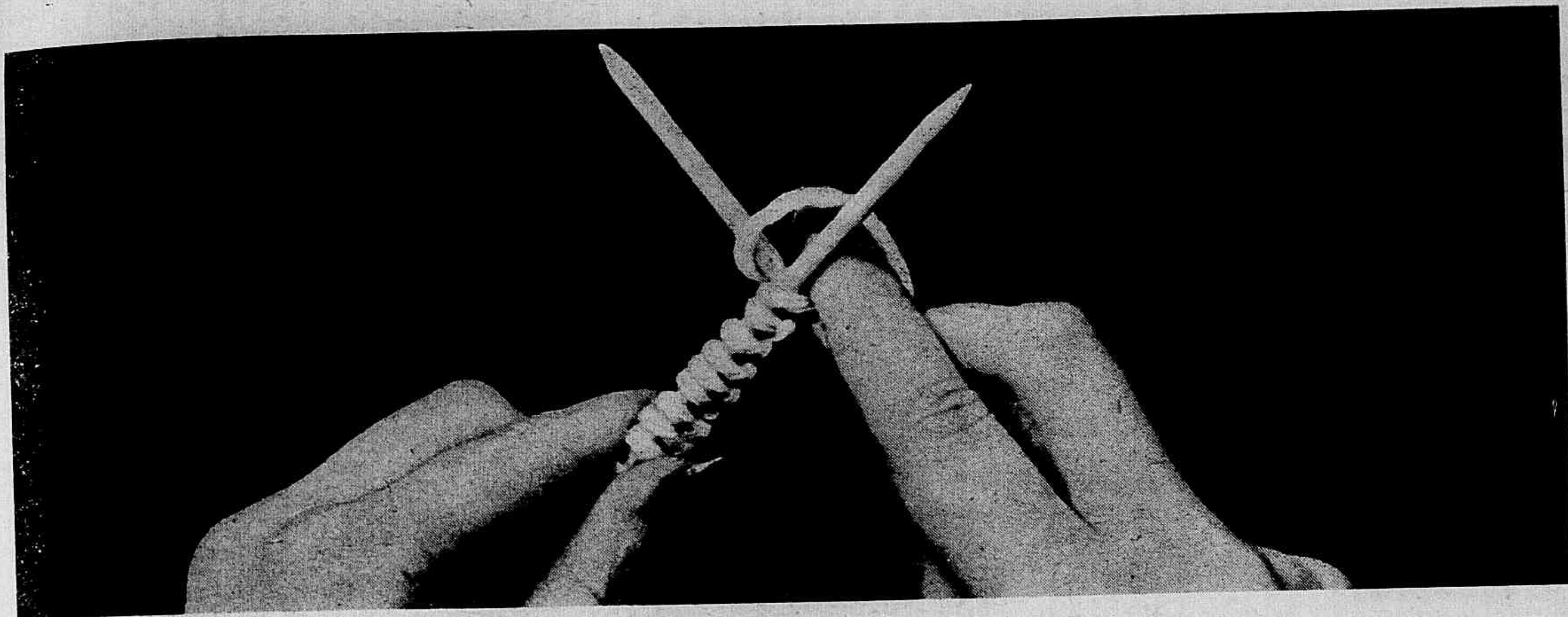
Quinta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 O Clube do Swing
18:30 Música Norte Americana
19:00 Notícias
19:15 Orquestra "Pop" de Boston
20:00 Rádio Jornal
20:15 Enoch Light e sua Orquestra
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21:45 A América do Norte Canta
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho
22:30 Eva Garza, Trio Cherro Gil e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Banda da Marinha dos EE. UU.
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Sexta
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 Notícias
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 A Página Feminina
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Cartas em Revistas
21:45 Alma de Minha Pátria
22:00 Notícias
22:05 Pelos Senderos de Música
22:30 Comentário
22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00 Notícias
23:15 Trio Cherro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Paul Barron
00:30 Encerramento

Sábado
18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Orq. de Alfred Wallenstein
18:45 Ballet Latino-Americano
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Música Popular
20:00 Rádio Jornal
20:15 Caravana Tropical
20:45 Fred Waring e sua Orquestra
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias ou Comentário
22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestras de Variedades
23:30 Música de Hoje e Ontem
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Harry James
00:30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a móveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de móveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para móveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

Puxe a lã, através do ponto com a agulha da mão direita, prendendo-o naquela agulha. Continue através dos pontos da agulha da mão esquerda até não haver mais nenhum ponto nesta agulha. Você terá então tricolado uma carreira. Para começar a seguinte segure a agulha com os pontos, na mão esquerda e a agulha vazia, na direita.

OUTROS RIRAM

AVARENTOS



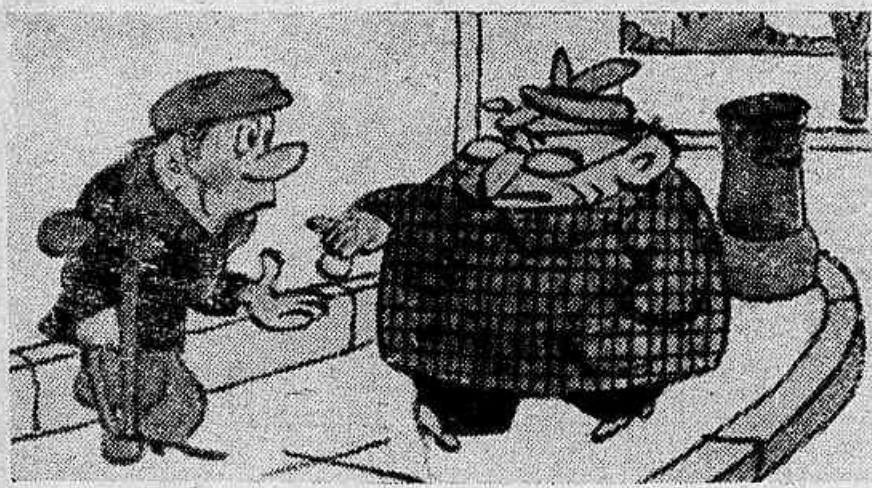
— Quanto me vai cobrar por estas visitas, doutor?
— Descance que não lhe cobrarei coisa alguma. Os seus herdeiros pagarão.



— Tio, vimos dar ao nosso filhinho o seu nome.
— Muito bem. Mas terá que começar a vida como eu, sem um tostão!



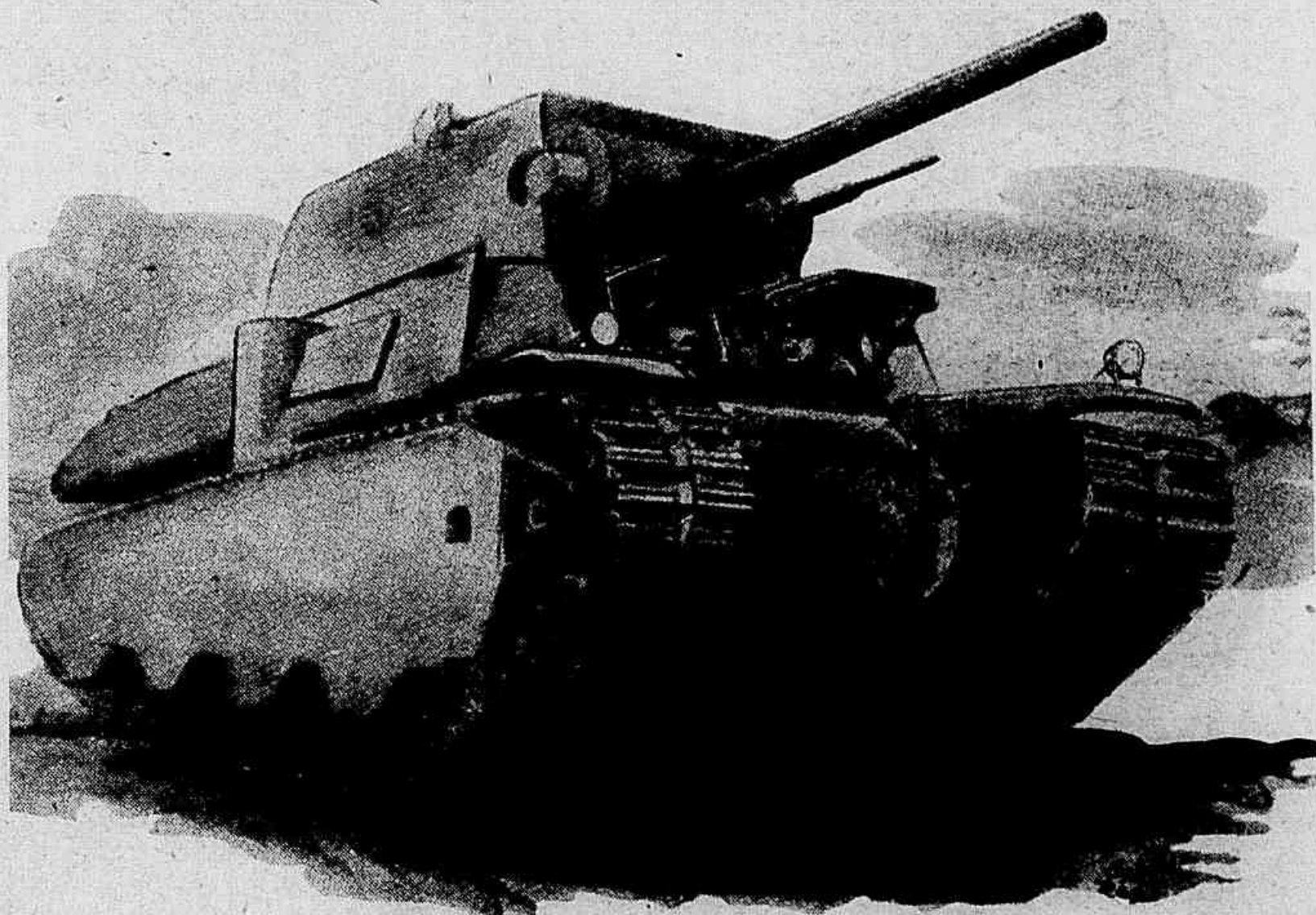
— Este sujeito é tão avarento que, quando aperta a mão da mulher, conta depois os dedos, a ver se lhe falta algum.



— Uma esmola ao pobre aleijado...
— Aqui tem um testão, amigo. Mas vai ver que não é o dinheiro que dá a felicidade.



— Eu não a conheço. Apenas estou tomando conta dela, enquanto chega um amigo meu.



— Se você tem coragem, saia e repita isto lá fora!



Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.



Leia

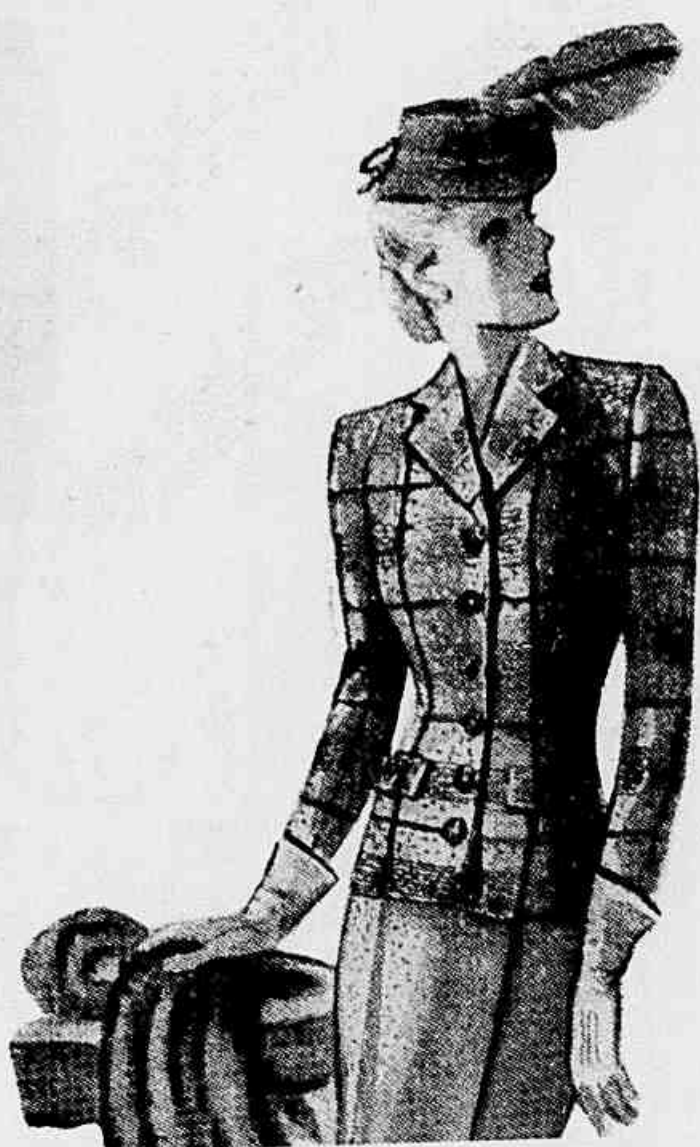
Esporte
Ilustrado

A melhor revista
esportiva do Brasil

De Stern, saks
e Bonwit Teller
para
você-



É sempre agradável ao homem um ambiente feliz em seu lar. A esposa deve manter em casa a mesma atmosfera cheia de enlêvo dos primeiros dias do casamento, não se descuidando da apresentação distinta de sua cozinha que é o índice do bom gosto, da distinção e do asseio. Na limpeza de Mármore, Azulejos, Metais, Vidros e Louças, Cristais e Porcelanas, de todos os utensílios de copa, cozinha e quarto de banho, o "CREME SANITARIO" opera verdadeiros prodígios.





SHEAFFER'S

Lifetime
REG. U.S. PAT. OFF.

Um presente que se guarda junto ao coração...

A SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida, reúne qualidades técnicas tão extraordinárias que é considerada, em todo o mundo, a mais perfeita e completa caneta-tinteiro... Tem o fino acabamento de uma joia de alto preço... O alimentador *Flo-Rite*, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "*Feathertouch*" (toque de pluma) feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da Sheaffer, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade e leveza de uma pluma... Abastecimento instantâneo e fácil com um só golpe de pressão. Visibilidade perfeita do depósito. SHEAFFER'S *Lifetime*, em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros, acompanhada com a linda lapiseira "*Fineline*" — de ponta sempre afiada — é o melhor presente que se pôde dar como símbolo de uma amizade duradoura...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, exceto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 6,00.

Representantes exclusivos para o Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Av. Rio Branco, 47 - 1.º - Rio de Janeiro

R. Anchieta, 35-8.º - Salas 803/5 - São Paulo



Jogo "TRIUMPH" Tuckaway *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks. Modelo criado especialmente para ser transportado com segurança, em qualquer posição, em bolsas de senhoras, bolsos de cavalheiros ou tunicas militares.

O PONTO BRANCO é o sinal de identidade da SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida!



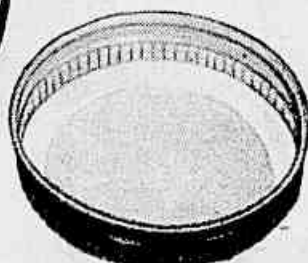
Jogo "STATESMAN" *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks.

CUBA - TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

A tinta SKRIP fabricada especialmente para as canetas SHEAFFER é de fluidez e nitidez absolutas. Não deixa sedimento. Resiste à ação do tempo e da água.



TAMPA
"CÍRCULO MÁGICO"
Limpa automaticamente a rosca do frasco de tinta.



Grafite SHEAFFER'S
"Fineline" de comprimento duplo. Fino, macia e de maior durabilidade.

